

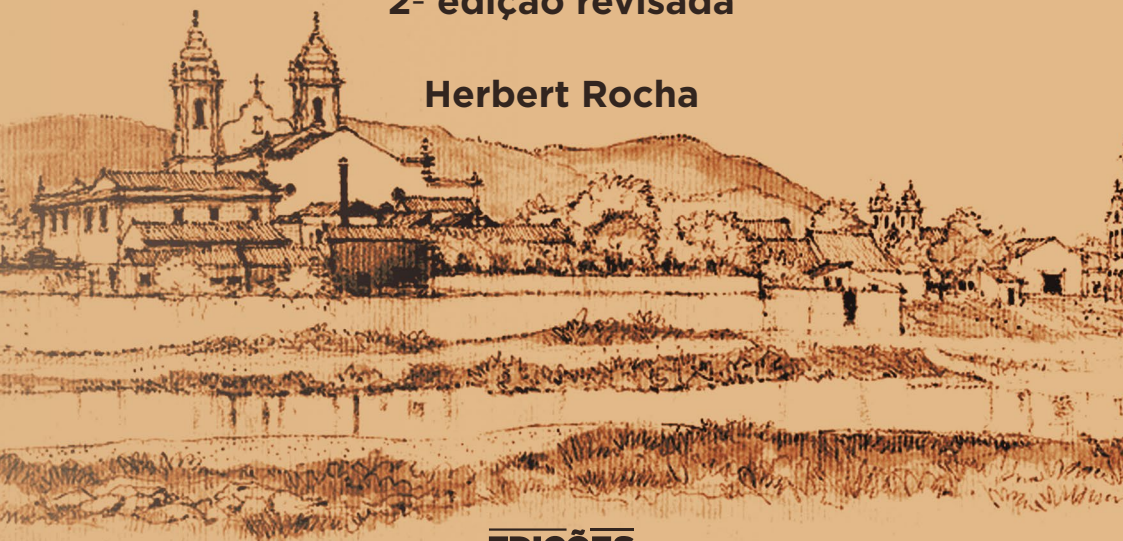


*R. Acarajé*

# O Lado Esquerdo do Rio

2ª edição revisada

Herbert Rocha



**EDIÇÕES  
INESP**







**ALECE**

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
DO ESTADO DO CEARÁ

# O Lado Esquerdo do Rio

**2ª edição revisada**



Herbert Rocha

# O Lado Esquerdo do Rio

2ª edição revisada

**INESP**

Fortaleza – Ceará

2025

Copyright © 2025 by Inesp

**Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp**

**João Milton Cunha de Miranda**  
Coordenador Editorial

**Rachel Garcia Bastos de Araújo**  
**Valquiria Moreira Carlos**  
Assistentes Editoriais

**Luzia Leda Batista Rolim**  
Assessora de Comunicação

**Lúcia Maria Jacó Rocha**  
Revisora Ortográfica

**José Gotardo de Paula Freire Filho**  
Projetista Gráfico e Diagramador

**Yves Gabriel Melo**  
Capista e Ilustrador

**Luiz Ernandes dos Santos do Carmo**  
Coordenador de Impressão

**Gráfica do Inesp**  
Impressão e Acabamento

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará  
**VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS**

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

R672l Rocha, Herbert.  
O lado esquerdo do rio [livro eletrônico] / Herbert Rocha. -  
2. ed. - Fortaleza: INESP, 2025.  
315 p. : il. color. ; 33.902 KB ; PDF

ISBN: 978-65-6094-064-2

1. Urbanização – Sobral (CE) – História. 2. Planejamento urbano – Sobral (CE). I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD 910.91732

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,  
desde que citados autores e fontes.

**Inesp**

Rua Barbosa de Freitas, 2674, Anexo II, 5º andar,  
Assembleia Legislativa do Estado do Ceará,  
bairro: Dionísio Torres, Fortaleza - CE, CEP: 60.170-174.  
Telefone: (85) 3277-3702. | E-mail: inesp@al.ce.gov.br  
Site: <https://www.al.ce.gov.br/paginas/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara-inesp>



# APRESENTAÇÃO

A democracia não é um estado de maturidade nacional e institucional que se instala, e se preserva pela sua própria natureza, sem que precisemos nos manter vigilantes a fim de combater ataques e construí-la cotidianamente.

E como as gerações mudam, os jovens de hoje precisam aprender com os jovens de ontem que o Parlamento é a expressão mais fiel do poder democrático da população. Os debates, os perfis dos e das parlamentares, as leis produzidas, são resultados do que somos na nossa essência.

Manifesto gratidão aos meus pares, cujos votos me colocaram à frente do Legislativo cearense exatamente nesta celebração de 190 anos do Parlamento. Celebração que é o resultado da continuidade de um processo democrático iniciado em 1835, e é cheio de ranhuras, a exemplo de ditaduras, golpes, uma cruel pandemia, e o doloroso incêndio do Plenário 13 de Maio - o coração dos nossos mandatos. Ranhuras que vamos enfrentando, resistindo e nos reconstruindo com bravura.

Não somos mais a Província do Ceará. Contudo, não podemos esquecer, foi lá que o senador José Martiniano de Alencar plantou a semente da casa em que agora podemos ver germinar uma comissão temática dos direitos e defesas da mulher cearense - um marco moderno e necessário.

Portanto, com firmeza, gentileza, educação e ternura, respeitamos o passado, para construir um futuro melhor. A assembleia que chega aos 190 anos como uma das mais transparentes do país deverá trabalhar para ser a mais transparente do Brasil.

Porque nosso passado e nosso futuro é ousar. O Ceará, que é referência na educação brasileira, não vê fronteiras como barreiras, mas sim como desafios a serem superados. E seguiremos em frente. Tenham certeza.

**Deputado Estadual Romeu Aldigueri**  
Presidente da Assembleia Legislativa do  
Estado do Ceará

# PREFÁCIO

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o Edições Inesp e o Edições Inesp Digital, que têm como objetivos editar livros, coletâneas de legislação e periódicos especializados. O Edições Inesp Digital obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de design gráfico.

O Edições Inesp Digital já se consolidou. A demanda por suas publicações alcançou uma marca de 5 milhões de downloads. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

*O Lado Esquerdo do Rio*, segunda edição, é mais uma obra do diversificado catálogo de publicações do Edições Inesp Digital, que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

**Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda**  
Diretor-Executivo do Instituto de Estudos e  
Pesquisas sobre o Desenvolvimento do  
Estado do Ceará (Inesp)





# AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas foram fundamentais para esta segunda edição. A busca de patrocinadores pareceu uma caminhada no escuro, até que alguém acende uma luz. Foi o que fez Cecília Nogueira, quando me indicou o Inesp, que acolheu festivamente meu trabalho. O deputado Evandro Leitão, teve o bom senso de manter a equipe ágil do Inesp, tão logo assumiu a presidência da Assembleia Legislativa do Ceará. A ele meu primeiro agradecimento. À frente do instituto, seu Diretor Executivo, o entusiasmado Dr. João Milton Cunha de Miranda, amigo de outras datas, que me recebeu sem dificuldades de agenda e, prontamente, trouxe à sua sala o Ernandes do Carmo, diretor editorial, para encarregar-se desta publicação que, para minha alegria, seria gratuita na forma de e-book. Apresentou-me, em seguida, a uma das pessoas mais amáveis que já conheci, a professora Lúcia Jacó, que logo me permitiu chamá-la como os demais da casa a chamam: Tia Lúcia. Ela foi a revisora textual deste livro. Se ainda existirem falhas na escrita, foi porque eu a desobedeci, sem maldade. A responsabilidade é toda minha e a gratidão também. A arte final foi do Gotardo Freire Filho. Sei que há muitas outras pessoas nesta estrutura e que trabalharam, anonimamente, para a realização desta obra. Citei apenas, aquelas, com quem tive um contato direto. Muito obrigado a todo o time do Inesp.

Tenho sempre muito o que agradecer à Carol e aos meus filhos Vítor e Caio pela paciência, compreensão e incentivo. A eles dediquei a primeira edição deste livro, merecidamente.

Os mapas foram redesenhados, com carinho, pela Irda Veras. Vitor Samuel, velho marinheiro, ajudou a

desenhar as rotas antigas de navegação de Portugal para o Brasil.

Minha gratidão e meu reconhecimento ao amigo Clóvis Ramiro Jucá Neto, apresentador desta obra, e orientador de mestrado Programa de Pós Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará-UFC (PPGAUD-UFC). Conduziu-me ele por fontes primárias inéditas, confirmando, ou corrigiram algumas partes deste livro.

Agradeço a todos que cederam os direitos de imagem dos seus acervos: Alja Maria Guimarães, viúva do meu amigo Campelo Costa; Adeilton pelo interesse em buscar imagens do Teatro Santa Isabel; Anésia Bayma, bibliotecária do DNOCS; Araújo Pachele e Aurélio Filho, do Correio da Semana; Douglas Prado do blog Sobral Drone; José Luís Lira, Diretor do Museu D. José; José Ricardo Cunha, da Focus Studio; Neiliane Bezerra, bibliotecária da Escola de Arquitetura da UFC; Regina Carvalho, Diretora da Santa Casa e Sarto Rios, do blog Catafau. Da mesma forma, obrigado ao Exedito Mistral, Domingos Linheiro, Isorlanda Caracristi, Jocel Vasconcelos, Joselito Silveira, Nelson Paiva, Nirez, Regina Raic, Somalia Viana, e Tupinambá Marques.

Reforço os agradecimentos da primeira edição, de forma mais breve e não menos importante,

- aos padres mestres Oswaldo (*in memoriam*) e Sadoc e aos professores Petrus Van Ool (*in memoriam*), Lemenhe, Liberal de Castro (*in memoriam*), Neudson Braga;
- aos meus pais Agostinho e Lúcia e ao tio Almino Rocha;
- a minha prima Baía (*in memoriam*), que passou a limpo com letra caprichosa todos os garranchos da primeira edição, quando não se usava computador para escrever;
- ao Zealberto, (impossível falar da história de Sobral sem recorrer a ele);

- a Maurício Albano (*in memoriam*), pela generosa reprodução de parte do acervo Zealberto;
- a Patrícia Fabris Rotta, pela arte da primeira edição;
- aos colegas de gestão municipal Edilson Aragão, Odorico Monteiro, Salvelina Lourenço e, especialmente, ao Clodoveu de Aruda (Veveu) e Cid Gomes;
- a Olga Paiva, Nirez, Regina Raic, Wilson Neto, Minerva Sanford, Geovana Mont'Alverne, Campelo Costa (*in memoriam*), Ricardo Rodrigues, Aída Montenegro, Itatiene Garcia, Leandro Mafra, Valdeci Rocha e David Rosenthal (*in memoriam*), Francisco Marinho e D. Leda (*in memoriam*), pela cessão das fotos e desenhos, que tão gentilmente, além da entrevista, entregou-me recortes de jornais e fotos de seu estimado pai, Falb Rangel.

Sou grato a todos que assinaram o “abaixo assinado” que motivou o tombamento federal do centro de Sobral pelo IPHAN.

Agradeço, principalmente, a Deus, por sua bênçãos e proteção.

**Herbert Rocha**





# SUMÁRIO

<b>NOTA EXPLICATIVA DA 2ª EDIÇÃO (O autor) .....</b>	<b>17</b>
<b>APRESENTAÇÕES ESPECIAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>Apresentação da 1ª edição (José Antonio P. Lemenhe) .....</b>	<b>21</b>
<i>O Lado Esquerdo do Rio no panorama da história da arquitetura, do urbanismo e da urbanização do Ceará. Breves comentários. (Clóvis R. Jucá Neto).....</i>	<b>27</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>O eurocentrismo.....</b>	<b>34</b>
<b>“Estados Unidos de Sobral”.....</b>	<b>38</b>
<b>A cidade .....</b>	<b>40</b>
<b>O centro .....</b>	<b>41</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O GADO (do final do século XVII a meados do século XVIII) .....</b>	<b>45</b>
<b>A fazenda e o povoado da Caiçara .....</b>	<b>56</b>
<b>O charque.....</b>	<b>64</b>
<b>A igreja como fator de colonização .....</b>	<b>66</b>
<b>A vila.....</b>	<b>72</b>
<b>A câmara e o mercado .....</b>	<b>80</b>
<b>A estrutura urbana do período do gado .....</b>	<b>88</b>
<b>CAPÍTULO 2 - O COMÉRCIO (do final do século XVIII à metade do séc. XIX).....</b>	<b>95</b>
<b>A botija.....</b>	<b>103</b>
<b>A hierarquia urbana cearense no início dos oitocentos.....</b>	<b>104</b>

A elevação a cidade .....	111
As igrejas como fator de urbanização .....	114
A nova câmara .....	118
Os sobrados .....	120
A estrutura urbana do início do século XIX.....	141

### **CAPÍTULO 3 - O ALGODÃO (meados do séc. XIX ao começo do séc. XX) .....151**

A pior seca .....	157
A estrada de ferro do Sobral.....	164
O início da “fase áurea” .....	166
Oitão enobrecido, o estilo sobralense.....	170
O teatro.....	173
A cidade e o bonde.....	180
A estrutura urbana de meados do século XIX .....	185

### **CAPÍTULO 4 - A DIOCESE .....199**

A estrutura urbana sob a ótica da diocese .....	210
---	-----

### **CAPÍTULO 5 - A INDÚSTRIA .....217**

Influências estilísticas de Fortaleza .....	220
Os anos 20.....	234
As rodovias.....	236
Os códigos de posturas .....	238
A indústria a partir dos anos 40.....	247
A influência do Modernismo .....	252
A urbanidade da 1ª metade do século XX.....	255
O cinema.....	273
O Arco do Triunfo .....	282
O intratrilhos .....	286

### **CAPÍTULO 6 - UMA NOITE DE 50 ANOS.....291**

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....307**

## NOTA EXPLICATIVA DA 2ª EDIÇÃO

*O Lado Esquerdo do Rio* foi publicado pela primeira vez, em 2003, em coedição da Escola de Saúde da Família Visconde de Sabóia de Sobral e Hucitec, de São Paulo. Conforme foi declarado na apresentação do professor arquiteto José Lemenhe, trata-se de um “trabalho em andamento”, e na introdução afirmo que “é ainda um trabalho em processo, uma vez que será objeto de um aprofundamento acadêmico”. De fato, minha pesquisa de mestrado, “*Contribuição para o estudo do desenho urbano de Sobral: Século XIX,*” orientada pelo Professor Dr. Clóvis Ramiro Jucá Neto, em 2017, trouxe novas informações sobre a Sobral oitocentista. Ao ingressar na docência do Centro Universitário Inta – Uninta e no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Design (PPGAUD) da Universidade Federal do Ceará-UFC, tive oportunidade de refletir sobre minha curta produção literária, resumida neste livro e em *Sobral: Da origem dos distritos* (2008) em parceria com o saudoso Campelo Costa. O mestrado ampliou meu entendimento sobre Sobral e deu-me oportunidade honrosa de atrelar minhas reflexões aos grupos de pesquisa Arquitetura da Paisagem, coordenado por Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno; Vilas, Cidades e Territórios, coordenado por Clóvis Jucá Neto e Maria Berthilde Moura Filha e Barroco, coordenado por Jucá Neto e Rodrigo Espinha Baeta. O aprofundamento buscado no mestrado ensejou um outro livro. Por esse motivo, esta edição traz revisões

e ampliações necessárias, tanto no corpo textual quanto iconográfico.

Destaco que a primeira edição foi produzida dentro de um contexto de mais de vinte anos. Busquei manter o máximo da integralidade do texto original, destacando as alterações e correções inevitáveis, em notas de rodapé, devidamente identificadas por “Nota da 2<sup>a</sup> edição”.

Esta nota explicativa tece breves comentários a respeito da metodologia aplicada a esta revisão. As correções e atualizações ortográficas foram recepcionadas sem necessidade de explicações. Logo, a seguir, as principais descobertas que ensejaram mudanças no corpo textual:

- a) o mapeamento retrospectivo do patrimônio de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, sobre o qual Sobral se desenvolveu, durante todo o século XIX, revela a importância dos negros na configuração espacial da cidade;
- b) a descoberta de um documento de 1847 que copia, na íntegra, a carta de 1772 do governador de Pernambuco ao Ouvidor Geral do Ceará, ordenando a criação de uma vila no lugar da Caiçara, já atribuindo-lhe o nome de Sobral, esclarecendo-se, assim, hipóteses sobre a toponímia da cidade;
- c) a elaboração de cartografias retrospectivas, a partir da espacialização de fontes primárias que ajustam o desenho das plantas apresentados na 1<sup>a</sup> edição;
- d) a confirmação da sequência das obras da casa de câmara e cadeia revelando que as menções historiográficas sobre as cadeias velha e nova tratavam-se, na verdade, das fases de uma mesma edificação e não dois prédios distintos e
- e) a descoberta da existência de três códigos de posturas oitocentistas – uma compilação de artigos de 1831 a 1844, o código de



1867 e o de 1876 – dos quais dois puderam ser recompostos, integralmente, e publicados, como anexos, em minha dissertação de mestrado, permanecendo não encontrado o de 1876.

Entendo ser meu dever de pesquisador explicitar as razões deste texto renovado, pois quanto mais estudo, mais me impressiono com a inconstância do passado e, principalmente, com a visão que temos dele.

**O autor**



# APRESENTAÇÕES ESPECIAIS

## Apresentação da 1ª edição

Herbert Rocha foi meu orientado no tempo em concluiu sua formação em Arquitetura e Urbanismo.

E desde este contato referente à elaboração e apresentação de seu trabalho, que tem por tema a cidade de Sobral, e posteriormente, nas vezes em que retornei a esta cidade e com ele conversei, pude perceber nitidamente seu grande entusiasmo por sua terra natal e seu profundo interesse em conhecer sua história. Daí não me surpreender o surgimento deste livro.

Lê-lo foi para mim um duplo prazer. Primeiro, ao observar a trajetória realizada. Ao me lembrar do labor acadêmico: as inúmeras conversas, o trabalho tomando forma e, finalmente, seu trabalho final de graduação, aprovado com fartos elogios. E, segundo, ao constatar que seus estudos sobre Sobral, realizados nos últimos dez anos, ganharam muito maior profundidade, demonstrando o autor uma dedicação ímpar e um amor acendrado à sua terra.

O título da obra – *O Lado Esquerdo do Rio* – de início pode soar estranho e suscitar uma interrogação: Qual a razão deste título?

Esta interrogação, contudo, é prontamente respondida na Introdução.

A resposta é clara, direta e sagaz. O autor, através dela, nos mostra os caminhos a serem per-

corridos na compreensão da evolução de Sobral. *O Lado Esquerdo do Rio*, entendido como o local em que a cidade se originou, às margens do rio Acaraú. Local em que se situou e se situa até hoje: o seu centro, o coração da cidade. O outro lado do rio, visto como a área excluída, periférica.

Esta dicotomia centro-periferia perpassa todo o texto.

Dentre o conjunto de premissas definido por Herbert Rocha para o balizamento de sua obra, uma se destaca: o monoculturalismo.

Esta premissa será observada no livro em diferentes gradações.

O monoculturalismo, que definiu posições hegemônicas primeiramente da Europa e depois da América do Norte que irá privilegiar de início os interesses europeus e, após a Segunda Grande Guerra, os interesses americanos, particularmente nos chamados países subdesenvolvidos. Ou a disputa pela hegemonia na rede urbana cearense, período em que Fortaleza e Sobral competiam pelo domínio do território cearense. Ou ainda, quando em nível intraurbano é discutida a relação centro-periferia em que o rio Acaraú e os trilhos da antiga via Fortaleza - Sobral são mostrados como limites físicos desta relação.

Estes diferentes níveis de abordagem ocorreram ao longo de todos os capítulos da obra.

Um aspecto fundamental para a compreensão de evolução da cidade é a disputa pelo poder he-

gemônico entre Sobral e Fortaleza no período compreendido entre o auge do ciclo econômico do algodão até a construção da ponte sobre o rio Acaraú, isto é, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX.

O rápido crescimento de Fortaleza no período pós-independência projetou-a como a cidade mais importante da rede urbana cearense. Todavia, outra cidade, no caso Sobral, por várias décadas ombreou-se à Fortaleza na disputa por esta hegemonia.

É importante aqui salientar que tal fato ocorreu em outras regiões do Brasil com igual ou maior ímpeto. As disputas hegemônicas entre as cidades de São Paulo e Campinas, Porto Alegre e Pelotas são exemplos significativos, e até hoje marcam positivamente e negativamente as cidades perdedoras.

Ascensão, apogeu, decadência e soerguimento de Sobral são mostrados a partir da organização e expansão de seu espaço urbano, resultante de fatores sociais, econômicos e políticos em presença.

O modo como o texto é estruturado, os ciclos econômicos sendo apresentados em ordem cronológica e a eles ligados estreitamente os fatos urbanísticos e arquitetônicos mais importantes, permite ao leitor ter uma idéia clara dos motivos que levaram Sobral a ser o que ela é hoje.

O autor nos mostra então, apoiado em farto material (fotos, desenhos, mapas, quadros e tabelas), a evolução da cidade em cada um destes ciclos.

A sua origem no ciclo do couro, período em que, por um lado a pecuária, e pelo outro a for-

te atuação da igreja, foram fatores de colonização; e a fazenda Caiçara e a igreja Matriz por sua vez, sendo os seus marcos de referência.

O forte impulso dado ao núcleo urbano durante este ciclo econômico fez crescer de modo significativo a atividade comercial, com o conseqüente surgimento do mercado público, das feiras e dos sobrados, estes últimos marcando a pujança de Sobral neste período.

A evolução da cidade tem continuidade no ciclo do algodão com a construção da indústria têxtil, do Teatro São João, de novos e mais belos sobrados e da Estrada de Ferro ligando Sobral a Camocim. A economia, ao reestruturar o território, privilegiou estes dois centros urbanos e acentuou a posição de Sobral como cidade mais importante da região noroeste do Ceará. Este foi o seu período de apogeu.

Com muito acerto, ainda neste período, Herbert Rocha dedica um capítulo à Diocese de Sobral e ao papel aí desempenhado pelo bispo D. José Tupinambá da Frota. Sob sua direção, a Diocese não só empreendeu atividades de cunho religioso, educacional e cultural, mas atuou de modo destacado no desenvolvimento urbanístico e arquitetônico da cidade. Neste capítulo ele nos aponta com clareza como as intervenções da Diocese, ao implantar seus edifícios, não só valorizaram a área central da cidade, mas também definiram seu eixo de expansão.

No capítulo sob o título – a Indústria – nos é mostrado o início da decadência de Sobral. Com a intensificação da construção de estradas por parte do governo federal a partir dos anos 30, em 1935

é concluída a ponte sobre o rio Acaraú, ligando definitivamente Sobral a Fortaleza.

A rodovia aberta para oeste chega a Sobral, envolve e coloca-a sob influência de Fortaleza, e segue adiante na direção do Piauí e do Maranhão.

Sobral é, desta forma, a última cidade importante a ser integrada à rede urbana cearense.

A partir dos anos 40, Fortaleza iria assumir, sem contestação a hegemonia do território cearense.

Como conclusão de seu livro, Herbert Rocha nos aponta que, apesar de “uma noite de 50 anos”, período em que a cidade sofreu um processo de decadência social, econômica, política e ambiental, nos últimos anos se observam transformações que indicam fortemente estar Sobral iniciando um novo ciclo de desenvolvimento econômico, ao qual ele vincula a emergência de novas lideranças. Percebe-se na cidade um clima de otimismo, de uma busca por melhores dias. Este novo ciclo está estritamente ligado a uma renovação urbana pautada não só na melhoria e no embelezamento da cidade, mas, e principalmente, na preservação de seus patrimônios natural e cultural.

Desta forma, Sobral está criando uma nova paisagem urbana que respeita o seu passado sem, no entanto, deixar de projetar o seu futuro. Sobral inicia assim o seu período de soerguimento.

Ao final, gostaria de dizer da qualidade formal da obra, riquíssima em informações. O texto é apoiado de modo perfeito em farto material que o complementa e valoriza sobremaneira.

Tenho certeza que este livro ocupará um lugar ímpar dentre os estudos sobre a cidade de Sobral pela maneira clara e objetiva com que aborda o processo de produção dos espaços hegemônicos em suas diferentes escalas.

O livro, no entanto, não termina aqui, é parte de um trabalho em andamento.

Aguardo, desde já, sua continuidade, um segundo livro que retome e investigue a Sobral da segunda metade do século XX e abra perspectivas para a Sobral do século XXI.

Conhecendo o autor, sei perfeitamente que este desafio já está aceito.

**José Antonio P. Lemenhe**



## ***O Lado Esquerdo do Rio no panorama da história da arquitetura, do urbanismo e da urbanização do Ceará. Breves comentários.***

A pesquisa desenvolvida pelo arquiteto Herbert Rocha, sobre as transformações do espaço urbano de Sobral, remonta aos tempos da graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Seu projeto de conclusão de curso, apresentado em 1990, propôs um *Plano Urbanístico para o Centro de Sobral*. O trabalho obteve nota máxima na avaliação da banca, composta pelos arquitetos professores José Liberal de Castro, José Neudson Bandeira Braga e José Antônio Oliveira Perbelini Lemenhe, seu orientador. O *Plano Urbanístico para o Centro de Sobral* foi agraciado, nacionalmente, com Menção Honrosa, no *Concurso Opera Prima* naquele mesmo ano.

Herbert Rocha, eventual morador de Sobral, continua apaixonado pela cidade, seu eterno objeto de estudo. O autor é um incansável pesquisador de fontes primárias e secundárias sobre a história da arquitetura e do urbanismo sobralense, no seu mais amplo espectro. Historicamente, sabe da política, da economia, das transformações físico-sociais da urbe em longa temporalidade. Suas inquietações cobrem a cidade do século XVIII ao século XXI.

Entre 2001 e 2004 participou da gestão municipal da prefeitura de Sobral no cargo de secretário titular de duas pastas: Desenvolvimento Econômico (2001-2002) e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (2003-2004). Na altura, amadureceu a compreensão da espacialidade urbana como síntese social. Como arquiteto e gestor potencializou a percepção in situ da dimensão construída do espaço, atento aos acordos e desacordos de seus agentes modeladores, em tempo pretérito e presente. O conhecimento da história urbana de Sobral e de suas problemáticas foi e continua sendo, amplificado por sua vivência urbana como sobralense, arquiteto, “historiador” e gestor público por quatro anos. Entre os resultados de suas inquietações intelectuais e de sua prática como arquiteto, em Sobral, pontuamos a publicação da primeira edição de *O Lado Esquerdo do Rio*, em 2003. Cabe destacar o lugar do livro na produção historiográfica da arquitetura, do urbanismo e da urbanização do Ceará nos últimos cinquenta anos.

Os escritos, em perspectiva histórica, sobre o espaço construído cearense tiveram seu disparo, ainda na década de setenta do século XX, na lavra do arquiteto e professor José Liberal de Castro. Dentre outros trabalhos: *Pequena Informação Relativa à Arquitetura Antiga do Ceará* (1973); *Notas Relativas à Arquitetura Antiga no Ceará* (1980); *Ceará, sua arquitetura e seus arquitetos* (1982); *Aspectos da arquitetura no Nordeste do país: Ceará* (1983) e inúmeros artigos publicados em capítulos de livros e revistas nacionais e locais, tal qual a Revista do Instituto do Ceará. Até os anos de 2020 é basilar, densa, contínua e profusa a produção histórica de

José Liberal de Castro sobre a arquitetura, o urbanismo e a urbanização cearense. Os ensinamentos pioneiros de José Liberal de Castro foram fundamentais no despertar do interesse discente, no âmbito da antiga escola de arquitetura da UFC, em relação à arquitetura tradicional do Ceará.

Na esteira dos ensinamentos das disciplinas de história da arquitetura e do urbanismo, de projeto arquitetônico e planejamento urbano, dois trabalhos de conclusão de curso contribuem para a história urbana de Sobral e Icó, no início dos anos de 1990. Na perspectiva da história da arquitetura, do urbanismo e da urbanização cearense, ambos merecem destaque pelo uso e análise de fontes primárias e secundárias inéditas, fundamentando as propostas dos projetos: o *Plano Urbanístico para o Centro de Sobral* de Herbert Rocha (1990) e *Desenvolvimento urbano, política cultural e preservação do patrimônio histórico e arquitetônico: Uma proposta para a cidade do Icó*, de José Clewton do Nascimento (1993). Cabe lembrar, que os trabalhos foram orientados pelo arquiteto José Antônio Oliveira Perbelini Leme-nhe, da área de urbanismo. A perspectiva histórica da orientação, com intuito de se entender o presente coevo, faz reverberar a amplitude de conhecimento dos docentes do curso e a interdependência das disciplinas de projeto de arquitetura, planejamento e história, a despeito de pertencerem a setores diversos da grade curricular.

A partir dos anos 2000, trabalhos de mestrado, doutorado e pós-doutorado elaborados por professores e egressos do antigo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC ampliam a discussão

histórica sobre a organização do espaço cearense. Também no período, mesmo distante do mundo acadêmico, Herbert Rocha amplifica suas pesquisas, publicando a primeira edição de *O Lado Esquerdo do Rio*. A obra apresenta expresso aproveitamento da organização textual de seu trabalho de graduação, destacando o que ele chama de “fatores de localização e expansão urbana da cidade”: o gado, o comércio, o algodão, a diocese e indústria. “Fatores de localização e expansão urbana da cidade” é justa homenagem à obra do mestre José Liberal de Castro: “*Fatores de localização e de expansão da cidade de Fortaleza*”, publicado em 1973.

Na introdução do livro, o autor destaca, como premissa, a análise da cidade a partir de seu centro urbano, considerando as quatro características da centralidade, defendidas pelo geógrafo Manuel Castells em *La cuestión urbana* (1976): econômica; político-institucional; ideológica ou simbólica e lúdica. Herbert Rocha acrescenta a estas características a urdidura habitacional. Mesmo desenvolvido após a graduação, o livro não foge do rigor acadêmico. A publicação obteve menção honrosa no 6º *Prêmio Jovens Arquitetos*, promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo, em 2004.

Esta segunda edição da obra foi ensejada pelo aprofundamento teórico e histórico do autor, discente da primeira turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará. A dissertação intitulada *Contribuição para o estudo do*

*desenho urbano de Sobral: século XIX*, defendida em 2017, foi indicada para publicação pela banca examinadora composta pelo orientador – autor deste breve prefácio - Prof. arquiteto Dr. Clóvis Ramiro Jucá Neto (UFC), pelo prof. Arquiteto Dr. Romeu Duarte Júnior (UFC) e pelas professoras arquitetas Dr.a Margarida Júlia Farias de Salles Andrade (UFC) e Dr.a Maria Berthilde Moura Filha, convidada da Universidade Federal da Paraíba.

A dissertação de mestrado analisou, em perspectiva histórica, o desenho urbano de Sobral, no século XIX. A pesquisa possibilitou uma revisão crítica de *O Lado Esquerdo do Rio*, ciente da “inconstância do passado”, confirmando ou refutando hipóteses, as quais o próprio autor esclarece em sua nota explicativa da 2ª edição. Mapas foram atualizados; manuscritos e planos urbanísticos foram descobertos; códigos de posturas oitocentistas foram organizados; arquiteturas reveladas, a exemplo das obras da cadeia; as ações dos agentes modeladores urbanos foram melhor sistematizadas, sobretudo a participação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos na modelagem da vila dita “de brancos”, que cresceu sobre patrimônio dos “pretinhos”.

De 2010 até os dias atuais, novos estudos deram fôlego ao debate. A maioria teve origem em pesquisas desenvolvidas no âmbito dos programas de pós-graduações em Arquitetura e Urbanismo da UFC e de outros programas nacionais. Também novas pesquisas foram desenvolvidas pelos professores do atual Instituto de Arquitetura, Urbanismo e Design da UFC.

O livro do arquiteto Herbert Rocha é contributo para pesquisadores, professores, discentes, arquitetos e profissionais afins, envolvidos com o processo histórico de organização do espaço territorial e urbano cearense, em específico, de Sobral. O estudo tem como fio condutor a análise da interrelação entre ciclos econômicos e a produção da cidade. A obra antecipa procedimentos metodológicos de apreciação do espaço urbano das cidades brasileiras, como a preocupação com a ação dos agentes modeladores urbanos, o cruzamento de fontes diversas e o trabalho de espacialização das fontes. No que se refere ao espaço da cidade nos setecentos, cabe ainda mencionar que, no período de sua primeira edição, a renovação dos estudos sobre os núcleos fundados pelos portugueses no Brasil dava seus primeiros passos, na esfera das comemorações dos 500 anos do descobrimento. Importa frisar a perspectiva em longa duração da pesquisa e a importância de sua entrada nos séculos XIX e XX. Atualmente, estudos sobre as cidades oitocentistas brasileiras ainda precisam ser melhor sistematizados.

Por fim, a leitura é extremamente prazerosa, re-  
verberando a paixão do autor por Sobral.

**Clóvis R. Jucá Neto**

Fortaleza, Março de 2025.

# INTRODUÇÃO

“*O outro lado do rio*”. Era a forma “sinistra” com que os sobralenses moradores da margem esquerda do rio Acaraú referiam-se à região de suas chácaras de lazer. Antes das construções dos açudes à montante de Sobral, o lado direito do rio nas imediações da cidade, de cota geral mais baixa que sua margem oposta, era vítima das calamidades das cheias periódicas e, por essa razão, pouco habitado. É ainda uma área excluída da urbe, como tantas outras áreas marginais do mundo ocidental que o eurocentrismo se encarregou de desclassificar. Considerando-se a visão eurocêntrica desta abordagem, pode-se dizer que a cidade de Sobral se formou no lado esquerdo do rio.

*O Lado Esquerdo do Rio* é produto de estudos acadêmicos para um trabalho de graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), segundo semestre de 1989, aprimorados por ocasião do Inventário do Patrimônio Arquitetônico de Sobral, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN- 4ª Coordenação Regional). Esta obra reúne algumas informações valiosas de autores que realmente estudaram Sobral, de sobralenses e das parcas incursões deste autor em fontes primárias de pesquisa, a fim de caracterizar a conformação da malha urbana no tempo histórico, definindo superficialmente tipologias e morfologias arquitetônicas, praticamente, todas da classe dominante, detentora dos meios de registros históricos que perpetuaram e perpetuam sua cultura. Este livro, contudo, é ainda um trabalho em processo, uma vez que será objeto de um aprofunda-

mento acadêmico que amplie as discussões sobre a gênese do povoado da Caiçara. Muitas dúvidas ainda persistem sem respostas.<sup>1</sup>

## O eurocentrismo

Algumas definições preliminares fazem-se necessárias à compreensão do caldeirão multicultural em que se insere este trabalho. Incondicionalmente, há que se falar, também, de monoculturalismo, ou seja, o “eurocentrismo”.

Subjacente aos fatores que serão aqui elencados, em capítulos, está o eurocentrismo – “os traços residuais de séculos de dominação axiomática europeia”, percebidos na literatura, na filosofia, na mídia, enfim, no cotidiano. Vale discorrer um pouco sobre a sequência política e cultural dos colonizadores sedimentada pelos “neo-europeus” das Américas na forma como definiu Robert Stam.

O eurocentrismo é uma forma de pensamento residual que permeia e estrutura as práticas e representações contemporâneas mesmo após o final oficial do colonialismo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Nota da 2ª edição – A pesquisa de mestrado deste autor publicada em 2017 ensejou a revisão deste livro. Ver Rocha, Herbert de V. Contribuição para o estudo do desenho urbano de Sobral: século XIX. 2017. 355 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27292>. Acesso em: 16 out. 2020.

<sup>2</sup> Robert Stam, “Cinema e Multiculturalismo”, in “O Cinema no Século”, Ismail Xavier (organizador). Editora Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1996, p. 19 e 197.



O eurocentrismo mapeia o mundo em uma cartografia que centraliza e magnifica a Europa enquanto literalmente “deprecia” a África. O eurocentrismo bifurca o mundo em “Ocidente e o Resto” e organiza a linguagem cotidiana em hierarquias binárias implicitamente exaltando a Europa: nossa “nação”, sua “tribo”, nossa “religião”, sua “superstição”, nossa “cultura”, seu “folclore”.

O eurocentrismo surgiu primeiramente como racionalização discursiva para o colonialismo, o processo pelo qual a Europa e a América do Norte chegaram a posições hegemônicas em boa parte do mundo.

A situação ibérica de Portugal o coloca em posição marginal do restante da Europa, da qual tirou proveito enquanto cabeça de ponte do Atlântico, durante as grandes navegações, não tendo, entretanto, conseguido se impor como potência econômica depois do século XVII<sup>3</sup>. A subserviência das nações periféricas àquelas economicamente hegemônicas dava-se, e ainda se dá, em diversas escalas – intra-europeia, intra-africana, intra-americana, bem como em domínios concêntricos, intercontinentais, tendo como círculo mais abrangente a Europa.

Há quem defenda a heráldica das famílias sobralenses e a ascendência ariana, sobretudo ho-

---

<sup>3</sup> Nota da 2ª edição. “depois do século XVII” acrescido na 2ª edição. Estando vago o trono português com o desaparecimento do rei D. Sebastião, a coroa lusa foi reclamada por seu parente mais próximo, Filipe II, rei de Espanha, dando origem ao período conhecido como União Ibérica que durou de 1580 a 1640. Ver Reis, Nestor Goulart. “Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500 / 1720”. 2. ed. São Paulo: Pini, 2000.

landesa, dos loiros cearenses, numa ridícula subserviência cultural. À guisa de ilustração sobre a formação étnica nordestina, além da já sabida indígena e negra de várias etnias africanas, acrescenta-se o verdadeiro mosaico racial que forma o povo português. Os godos e suevos foram os povos da Eurásia que mais deixaram vestígios genéticos durante seu trânsito, na Idade Antiga, em Portugal, mesclando-se com árabes do norte da África e com judeus, além dos celtas e dos iberos originais. O simples atavismo genético de tipos aloirados não deve sustentar hipóteses de diferenciação nobiliárquica, pois, esta “*blondeur*”, como sugere Carlos Studart Filho, é fato tão periódico, aqui, quanto em Portugal nos dias de hoje. E ainda sobre a situação econômica dos colonizadores que, quase sempre, é capaz de mudar a cor social, acrescenta Studart Filho: “*Os colonos, tanto reinóis como os nascidos no país, eram, pois, na sua maioria, gente agra e miserável, a quem as hostilidades do ambiente emprestavam virtudes heróicas*”.<sup>4</sup>

Entenda-se, portanto, que o sucesso ou fracasso civilizatório não é herança genética e que a aristocracia matuta dos sertões teve suas origens em fatores econômicos, muito próprios da terra que influenciaram a cultura e a formação de cidades. A vertente multicultural é fonte mais apropriada para a leitura da história nordestina e sobralense.

---

<sup>4</sup> Carlos Studart Filho, “História do Ceará Holandês” Separata da Revista do Instituto do Ceará, Vol. 97, Fortaleza, Jan./Dez. de 1977, p. 13. Complemento da 2ª edição: Ver também TOLEDO, Benedito L. de. Antecedentes portugueses. In: **História Geral da Arte no Brasil** – item 3.5. v. 1. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1983.

Infelizmente, os registros que se têm de arquitetura não europeia, no Brasil, são raros, “*porque, na realidade nós não só temos uma precariedade de registro mas sobretudo, um registro que enfoca a partir de interesses que não são os nossos*”.<sup>5</sup> Pela influência indígena da rede de dormir, no cotidiano dos colonizadores, resultando em relativa proximidade das paredes internas da casa, a arquitetura residencial brasileira é muito própria de uma família monogâmica, cujas relações matrimoniais eram privadas dos olhares dos demais habitantes do teto, ao contrário do que se observava nas ocas nativas. Entre os silvícolas não havia noção de propriedade de área na escala individual ou familiar.

A organização sociocultural dos negros africanos das mais variadas etnias, trazidos como escravos, fora totalmente desmantelada quando de sua captura, tráfico e proposital segregação espacial; muitas línguas separavam aqueles que compunham um mesmo grupo tribal ou mesmo familiar. Portanto, a formação espacial dos edifícios e das cidades cearenses não experimentou contribuição significativa desses componentes culturais. O monoculturalismo predominou na forma urbana brasileira.<sup>6</sup>

Este livro não está imune às nuances eurocêntricas; ao contrário, está impregnado de eurocen-

---

<sup>5</sup> Alfredo Britto, “Debates Culturais do IAB, Gestão 92-93”, impresso por Expressão Gráfica, Fortaleza-CE, 1993. P. 10.

<sup>6</sup> Nota da 2ª edição. Minha pesquisa de mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Clóvis Jucá Neto, apresentada em 2017, desfaz essa afirmação. Através de cartografias retrospectivas de Sobral consegui especializar o Patrimônio de N.S. do Rosário dos Homens Pretos, sobre o qual a cidade cresceu e desenvolveu-se durante todo o século XIX. Ver (ROCHA, *op. cit.* 2017.)

trismo. E não pretende fazer a defesa da cultura indígena ou africana, a partir de qualquer ufanismo nacionalista. Essa simplória dualidade continuaria eurocêntrica, apresentando a outra face da mesma moeda, o outro lado do mesmo rio.

O que se roga aqui é que o leitor tenha em mente esta matriz cultural que sugere a origem da cidade brasileira como colonizadora e, portanto, produto de uma sociedade “neoeuropeia”.

## **“Estados Unidos de Sobral”**

As elites sobralenses, reforçadas por ondas de sucessivos eventos conjunturais (alguns fenômenos estritamente locais e até internacionais compartilhados com todo o Ceará), prolongaram o legado eurocêntrico até se renderem ao monoculturalismo norte-americano na metade do século XX. A alcunha pejorativa de “Estados Unidos de Sobral” denota a prosperidade de uma classe dominante relativamente às demais cidades cearenses, que refletia no espaço urbano suas convenções europeias. O apelido teve origem após a II Guerra Mundial, quando os Estados Unidos eram o referencial de civilização do mundo ocidental e não mais a Europa destruída pelo conflito.

A importância de Sobral na hierarquia urbana do território cearense, desde capitania, província e estado, é naturalmente considerada ao longo de todo este trabalho, destacando-se seu apogeu e a perda de sua hegemonia caracterizada pela

construção da ponte sobre o rio Acaraú, em 1935, completando a ligação terrestre com Fortaleza. O acelerado declínio da economia sobralense, na segunda metade do século XX, propiciou naquela classe dominante uma personalidade anacrônica, ostentando um poder sem lastro, ou patrimônio sem liquidez, uma opulência alicerçada na virtualidade emanada dos importantes sobrenomes do passado. Os filhos das famílias mais tradicionais, cujo capital migrava para as mãos de novos empreendedores de outras regiões, ou de camadas sociais mais pobres, não eram mais enviados para estudar na Europa ou no Rio de Janeiro, conforme no passado, mas em Fortaleza, de onde era fácil constatar o paradoxo do comportamento dos sobralenses daquela nova classe média. O verniz da aristocracia sobralense acabaria por transformar-se em gravura *kitsch* na medida em que o capital local mudava de sobrenome, surgindo uma nova classe empresarial descompromissada com a história local, porém herdeira de sua fama. Outras cidades cearenses experimentaram essa involução socioeconômica, entretanto, a cena sobralense descortinava-se mais dramaticamente, devido à supervalorização do ego daquela sociedade, fermentado pela atuação *sui generis* da diocese na pessoa do bispo D. José.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Nota da 2ª edição. Bezerra de Menezes, em 1884, já escrevera que “um sobralense é baírrista como ninguém; exagera as vantagens de sua cidade e tem o entusiasmo de supor que nem a Capital a vence em adiantamento e beleza” (BEZERRA, Antonio. Notas de Viagem. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965, p. 307). Essa elevada autoestima local já era bem conhecida na capital cearense quando, em 1943, militares norte-americanos instalaram uma base de operações no Ceará. Para o fortalezense, era fácil constatar o ar de superioridade

## A cidade

As primeiras habitações ocuparam a praça da Matriz, desenvolvendo-se a malha urbana mais para oeste do que ao longo do rio, com destaque dos prédios típicos públicos e religiosos (Casa da Câmara e Cadeia, Mercado e Igreja), fechando uma poligonal não ortogonal que diferenciava Sobral das demais vilas do século XVIII no então Brasil-Colônia.

A estrada de ferro, implantada no final do século XIX, e o rio Acaraú foram os principais fatores físicos responsáveis pelo adensamento da cidade. Os trilhos até o começo da última década de 80 representavam o limite físico entre a classe dominante e o proletariado. Era pejorativo dizer que alguém morava “depois da linha” ou do “outro lado do rio”, isto é, à margem direita. Os trilhos formam uma semi-elipse e até a última década de 80 continham dentro dessa área a população mais abastada e, fora dela, as camadas menos favorecidas. Esse fenômeno, chamado de **intra-trilhos** – parodiando o fenômeno medieval europeu do intra-muros – foi agravante no processo de adensamento de uma área urbana sem a devida infraestrutura.

O “cinturão” da estrada de ferro somar-se-ia ao rio como forte barreira para a expansão da área comer-

---

dos estrangeiros, tecnologicamente, mais avançados e logo fizeram a associação satírica entre os “superiores” americanos e sobralenses. José Liberal de Castro, arquiteto e pesquisador fortalezense, foi contemporâneo da origem desta alcunha e, em conversa informal na Escola de Arquitetura, revelou-me alguns chistes dos comerciantes da capital ao se relacionarem com os exigentes clientes ou parceiros de Sobral: “É um americano! Dos Estados Unidos de Sobral!”.

cial, provocando, assim, a substituição de edifícios antigos por outros novos em uma recharacterização das novas estruturas urbanas e seus fatores de expansão. A especulação imobiliária, atrelada à supervalorização do solo nessa área, tem feito com que se derrubem antigos casarões e casas mais modestas (estas ainda mais valiosas pela ausência de informações sobre o *modus vivendi* da maior parcela da população formadora do complexo multirracial e cultural brasileiro), para que sejam erguidos edifícios de discutível valor arquitetônico.

## O centro

É natural que a diversidade de tipologias arquitetônicas conviva no mesmo espaço. Sobretudo é importante entender que os diversos períodos da história não são ciclos fechados em si mesmos e, muito menos, se substituem; ao contrário, suplementam-se, gerando toda uma diversidade cultural. É necessário **compreender a evolução da cidade, a partir de seu centro** e os problemas de ordem econômica, política, social e espacial que observamos hoje, interpretando, também, a arquitetura de períodos posteriores à época do couro, como classificou Capistrano de Abreu, e que marcaram, de forma indelével, o espaço do centro da cidade.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup>*“De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro tôdas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prende-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para cortume*

No dizer de Manuel Castells, ao discorrer sobre a centralidade urbana, “o centro é o índice revelador mais seguro de concepção das relações cidade-sociedade”.<sup>9</sup>

Baseados em Castells, abordamos a área central de Sobral, entendendo as quatro características essenciais reunidas num centro, a saber:

1. Econômica;
2. Político-Institucional;
3. Ideológica ou Simbólica e
4. Lúdica.

A essas quatro características apontadas por Castells soma-se outra, **a habitacional**, por ser de grande importância para Sobral: a manutenção de residências no centro da cidade formando um ecossistema citadino que otimiza a estrutura urbana e reforça os usos que conferem as características da centralidade urbana. Todas essas características dão ao centro a função de veículo de interação social de uma comunidade urbana.

Devemos considerar que a área central tem sua delimitação bastante flexível, dependendo do período socioeconômico estudado, ou, em certos ca-

---

*de apurar sal; para os açudes, o material de atêro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz.”* João Capistrano de Abreu, “Capítulos de História do Ceará Colonial (1500-1800)”, 4ª. edição, Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1954, pp. 217-218.

<sup>9</sup> Manuel Castells, “La Questión Urbana”, Siglo Veintiuno Editores S/A, México, 1976 - p. 265/266.



sos, da ênfase dada a determinada pesquisa. Além disso, a cidade chegou ao final do século XX sem ter tido uma definição formal dos limites de bairros por parte da edilidade.

A configuração urbana de Sobral dá-se pelo encadeamento das estruturas urbanas definidas em cada período, ensejando sua expansão. Considere-se, também, que o centro é a amostragem espacial mais representativa do desenvolvimento da estrutura urbana de toda a cidade.

Assim, analisaremos o centro de Sobral e buscaremos identificar sua estrutura, a partir de suas características essenciais apontadas, considerando os principais fatores de localização e expansão urbana da cidade:

1. O Gado;
2. O Comércio;
3. O Algodão;
4. A Diocese;
5. A Indústria;

Esta abordagem definiu, como recorte no tempo, o período de 1742, quando do início da construção da primeira matriz, que aglutinou em torno de si o pequeno núcleo urbano sobralense, até 1954, final da construção do Arco de Nossa Senhora de Fátima.



# **CAPÍTULO 1 - O GADO**

## **(do final do século XVII a meados do século XVIII)**

Os cursos de água foram fundamentais no povoamento europeu do sertão brasileiro. A Capitania do Ceará Grande era dividida em três distritos: Ceará, Jaguaribe e Acaracu (mais tarde Acaraú). Esses rios orientavam a penetração dos colonizadores pelo interior, que lá instalavam suas fazendas para dar posse às suas datas de sesmarias.<sup>10</sup>

O sertão cearense e, também, o do Piauí, ao contrário da maioria das capitanias brasileiras, tiveram sua evolução urbana, iniciada a partir do sertão até atingir, posteriormente, o litoral, pois a fazenda era a

---

<sup>10</sup> Nota da 2ª edição. A divisão da Capitania do Ceará pode também ser feita por Ribeiras. Segundo um relatório de 1774 intitulado *Idea da População da Capitania de Pernambuco e das suas Annexas*, a Capitania do Ceará Grande dividia-se em quatro ribeiras a saber: Ribeira do Ceará Grande, Ribeira do Acaracú, Ribeira de Jaguaribe e Ribeira do Icó. Destaque-se que o insucesso econômico de algumas capitanias levou a Coroa Portuguesa a anexá-las a uma mais próspera. Foi o caso da Capitania do Ceará entre 1680 e 1799; Paraíba entre 1756 e 1799 e Rio Grande do Norte que em 1701 foi subordinado a Pernambuco, depois à Paraíba, emancipando-se em 1818. [IDEA da população da capitania de Pernambuco, e das suas annexas, extensão de suas costas, rios e povoações notáveis. Agricultura, numero dos engenhos, contractos e rendimentos reaes, augmento que estes tem tido etc, etc, desde o anno de 1774 em que tornou posso do governo das mesmas capitanias o governador e capitam general José Cezar de Menezes]. [S.l.: s.n.], [17--]. 229 p. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1428178/mss1428178.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428178/mss1428178.pdf). Acesso em: 2 nov. 2022. Ver Também DINIZ, Nathália Maria Montenegro. *Velhas fazendas da Ribeira do Seridó*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

célula inicial de fixação do homem branco no território nordestino. Existiram, entretanto, duas correntes principais de povoamento do Ceará: a primeira, litorânea, vinda de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande até chegar a foz dos rios na costa cearense, e outra vindo da Bahia que atingia as cabeceiras dos rios Jaguaribe e Acaraú e a serra da Ibiapaba.

Existem duas hipóteses sobre o início da colonização do Ceará. A mais difundida é a de que a colonização do Ceará se iniciou durante a conquista do Maranhão sobre os franceses (1612 - 1615), acrescida por algumas *“famílias que fugiam às vexações da guerra holandesa ou corriam diante dos invasores”*<sup>11</sup>, e aqui estabeleciam suas fazendas. A navegação do Maranhão para o Estado do Brasil<sup>12</sup>, ao leste, era impraticável para navios a vela, devido aos ventos que sopram quase sempre na mesma direção, fazendo-se necessária a descoberta de outras vias.<sup>13</sup> Formou-se arduamente uma rede flúvio-terrestre de caminhos,

---

<sup>11</sup> João Brígido, apud “História de Sobral”, D. José Tupinambá da Frota. Editora Henriqueta Galeno, 2a. edição, p. 32.

<sup>12</sup> Em 1621, estando a coroa portuguesa regida pela Espanha, determinou-se uma medida político-administrativa para impulsionar uma ocupação mais rápida da região Norte. O governo espanhol dividiu, então, o território brasileiro em dois estados: o Estado do Maranhão e o Estado do Brasil, pois era mais fácil a comunicação de ambos com a metrópole do que entre eles mesmos. A capitania do Ceará era subalterna à de Pernambuco. Esta divisão em dois estados durou até 1774, quando o Marquês de Pombal decretou a nova unificação do Brasil.

<sup>13</sup> *“Os ventos sopram semestralmente em sentidos contrários. Assim, uma caravela que do Pará demandasse a Pernambuco teria muitas vezes que esperar seis meses para partir. Em algumas ocasiões, seria mais rápido ir a Lisboa, para de lá retornar às outras partes do Brasil”*. Liberal de Castro, Fatores de Localização e Expansão da Cidade de Fortaleza, Imprensa Universitária, Fortaleza-Ceará, 1997, pág. 24.

que serviriam, mais tarde, à penetração do gado, oriundo da Bahia e de Pernambuco, onde moravam muitos de seus proprietários.



Figura 1: os ventos dificultavam a navegação a vela a leste de S. Luís. A comunicação com Maranhão e Pernambuco era feita diretamente com Lisboa. Mapa elaborado pelo autor. Arte: Irda Veras.

A segunda hipótese, respaldada em pesquisa de fontes primárias e defendida por Carlos Studart Filho, nega que a colonização do sertão do Ceará tenha iniciado em decorrência das invasões holandesas no Nordeste. Segundo ele, *“houve no nordeste um verdadeiro colapso na expansão luso-brasileira, tanto para o interior, como pela própria orla praieira; insubsistente torna-se, pois, a tese segundo a qual a hinterlândia cearense recebeu seus primeiros moradores brancos no decorrer daqueles ominosos dias. [...] Tempos depois, em 1677 (alvará de 25 de março), seriam concedidas as primeiras sesmarias cearenses a moradores do Rio Grande e da Paraíba”*.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Studart Filho, *op. cit.*, p. 27-28.

Desse tempo registra-se apenas a penetração de sertanistas<sup>15</sup> com o intuito de cativar ou debandar os tapuias, gerando durante a metade do século XVII uma animosidade entre nativos e os futuros colonizadores que pretendessem instalar suas fazendas de gado. A partir de uma dessas expedições, uma missão de reconhecimento da Ribeira do Acaraú, em 1697, chefiada por Félix da Cunha Linhares, oriunda da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção (onde hoje se situa a capital do Ceará), teve início a implantação da primeira fazenda às margens do rio. Ao retornar ao forte, Félix *“informou que encontrou a terra despovoada, mesmo de índios, pois estes, por medo de perseguição, haviam-se aldeado na serra da Meruoca”*.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Nota da 2ª edição. E militares encarregados da reconquista lusa do Maranhão aos franceses. Ver JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense: algumas notas. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v.20, n. 1, p. 133-163, 2012a e, do mesmo autor, **Primórdios da urbanização no Ceará**. Fortaleza: UFC e Banco do Nordeste, 2012b. Além de BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Desenho e desígnio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Por fim, JUCÁ NETO, Clovis Ramiro; BESERRA, José Ramiro Teles. Mobilidade e interconexões oceânicas: o engenheiro militar e o artifice entre a Capitania do Ceará e o reino de Portugal. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, v. 29, p. d1e16, 2021 e DERNTL, Maria Fernanda. **Método e arte: criação urbana e organização territorial na capitania de São Paulo, 1765-1811**. 2010.

<sup>16</sup> F. Sadoc de Araújo, “Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú”, gráfica Editorial Cearense Ltda., Fortaleza, 1991, 1a. edição, p. 94. Complemento da 2ª edição: Sobre a conquista cruenta do território ver PUNTONI, Pedro Luís. **A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

O criatório era uma atividade subsidiária da agroindústria do açúcar, que necessitava de animais de tiro. A pecuária era incompatível com as plantações de cana, pois ambas demandavam grandes áreas de terra, e havia o inconveniente de os animais invadirem e destruírem os canaviais da zona da mata.

A pecuária organizou-se no interior, ao longo do vale do rio São Francisco e ao norte, buscando, de forma extensiva, o Maranhão, Piauí e, mais tardiamente, o Ceará. Na caatinga<sup>17</sup>, o criatório espalhou-se com mais rapidez que na zona dos canaviais, onde era preciso derrubar grandes áreas de mata para fazer pastagens. As melhores terras eram reservadas aos grandes currais, os chamados “campos maiores”, onde muitas fazendas de áreas enormes ficavam sob a responsabilidade de um único vaqueiro. O desenvolvimento das fazendas forçou, pouco a pouco, a ocupação das terras pelos seus proprietários ou herdeiros, no caso do Vale do Acaraú, a maioria desses oriunda de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e uma parcela diretamente de Portugal.

Quando a pecuária se instalou no sertão cearense, a indústria canavieira portuguesa já estava em franco declínio, pois os holandeses, após terem sido expulsos do nordeste brasileiro, em 1654, iniciaram a produção de açúcar nas Antilhas que dominou o mercado internacional, provocando a crise do setor açucareiro português. Surgiram, entretanto, nos sertões nordestinos, fazendas que serviam de pouso aos viajantes que se ocupavam

---

<sup>17</sup> Caatinga em tupi-guarani significa mata branca. Complemento da 2ª edição: Ver MAIA, Gerda Nickel. **Caatinga**: árvores, arbustos e suas utilidades. São Paulo: D&Z, 2004.

do criatório. Uma delas era, provavelmente, a fazenda Macaco, vizinha à fazenda Caiçara<sup>18</sup>, ambas no centro da Ribeira do Acaraú e ponto médio do caminho entre São Luís e Olinda<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> “(...) chamada assim porque logo foi protegida por uma cerca de varas. Caiçara é palavra tupi que significa ‘cerca feita de mato’ e, por extensão, tapume, trincheira, arraial(...)” Sadoc, *op. cit.*, 1991, p. 21. Este tipo de cerca é também conhecida por “cerca de faxina” que se adaptou posteriormente para a construção da taipa. A taipa de sopapo (o único tipo de taipa verificado no Ceará) consistia no lançamento da argila sobre um plano de cerca de faxina. O termo “faxina” é uma derivação da palavra italiana face, feixe de varas. O face foi símbolo da união centralizadora, usado pelos antigos romanos e posteriormente adotado pelos fascistas, aludindo à resistência das varas em um só feixe em relação a uma vara isolada. Complemento da 2ª edição: Caiçara é um topônimo abundante no Brasil. Complemento da 2ª edição: Ver Castro, José Liberal de. **Arquitetura no Ceará: O século XIX e algumas antecedências. Revista do Instituto do Ceará.** Fortaleza: Instituto do Ceará Vol. 127, No. 127, Anual 2014, 9-68. Disponível em: < <http://goo.gl/CnRYzj>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

<sup>19</sup> Nota da 2ª edição. Desde que tomado o caminho da costa, isto é, a chamada Estrada Velha. Ver STUDART FILHO, Carlos. Vias de comunicação do Ceará colonial. **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo LI. Fortaleza, Ceará, 1937. Disponível em: < <https://goo.gl/T4Q3Jh>>. Acesso em: 18 jul. 2016.



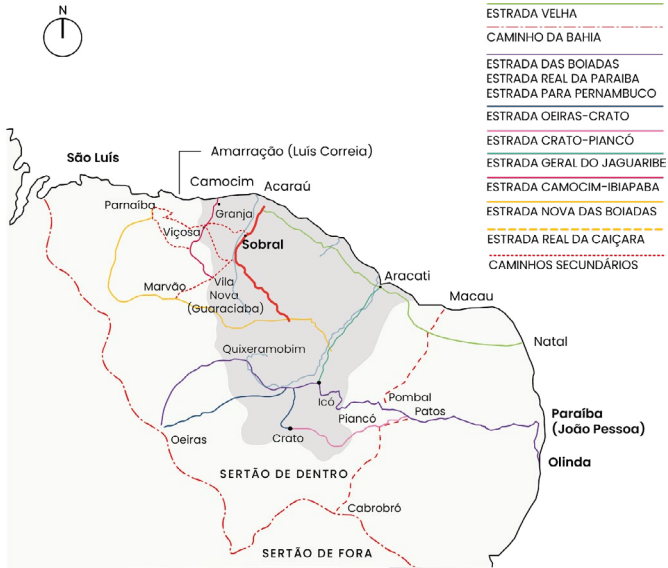


Figura 2: caminhos de gado. Mapa elaborado pelo autor. Arte: Irda Veras.



Figura 3: cerca caiçara ou de faxina. Foto do autor.

Uma fazenda era formada, a partir de uma concessão de sesmarias, terras devolutas<sup>20</sup> cedidas pela coroa portuguesa por intermédio da capitania local, sendo garantida a hereditariedade da propriedade na sistemática feudal. Cada légua de sesmaria correspondia a 3.000 braças, ou 6.600 metros. As datas de sesmarias processavam-se do litoral para o interior deixando terras devolutas entre si e nem sempre seus concessionários lhes davam posse. De grande interesse para a compreensão do fenômeno de povoamento do Ceará seria o mapeamento dos sesmos efetivamente empossados.

As fazendas cortadas ou margeadas pelos rios Acaraú e Jaguaribe eram mais valorizadas que as demais terras da Capitania do Ceará, mesmo aquelas que, fora das margens desses rios, tinham como prover sua demanda de água a partir de outros mananciais, às vezes, mais perenes que os rios secos ou periódicos. Essa valorização era atribuída, além da água, ao uso do rio como estrada, sendo a acessibilidade o principal fator de valorização da terra.

---

<sup>20</sup> Nota da 2ª edição. O termo “devoluta” poderia ser melhor aplicado para as terras dadas em sesmarias, cuja posse não foi efetivada e, portanto, seria devolvida à coroa. Ver Lei No. 601 de 18 de setembro de 1850 que dispõe sobre as terras devolutas do Império.

Tabela I: algumas fazendas do Vale do Acaraú com suas testadas, valor inventariado e ano de aquisição.

<b>FAZENDAS FORA DAS MARGENS DO ACARAÚ</b>	<b>TESTADA POR FUNDOS EM LÉGUAS</b>	<b>VALOR (Réis)</b>	<b>DATA</b>
Riacho da Gangorra	1 x 1	120\$000	1770
Tucuns	1 ½ x 1	160\$000	1792
<b>FAZENDAS ÀS MARGENS DOS CURSOS D'ÁGUA:</b>		<b>VALOR</b>	<b>DATA</b>
Macaco	1/2 x 1	100\$000	1757
Lagoa Grande	1 X 1	350\$000	1792
Santa Cruz	1/2 x 1/2	300\$000	1792
Lagoa do Mato	1/4 x 1	150\$000	1792

Fonte: elaborada pelo autor com base em inventários de Bernarda Cavalcanty de Albuquerque (1777) e Bento Pereira Viana (1782), acervo do autor; Sadoc (1991) e Frota (1997). Acervo do autor.

Tabela II: sesmarias concedidas a portugueses no Vale do Acaraú - Século XVIII.<sup>21</sup>

<b>SESMEIRO</b>	<b>MUNICÍPIO ATUAL</b>	<b>DATA</b>	<b>TAMANHO (léguas)</b>
Antonio da Costa Peixoto <sup>22</sup>	Sobral	14/10/1702	1,5 X 0,5
Maria de Sá/Cap. Félix da Cunha Linhares	Sobral	14/10/1702	2 X 1
Cap. Domingos da Cunha Linhares	Meruoca	02/09/1750	2 X 1
Cap. Domingos da Cunha Linhares	Sobral	03/09/1750	3 x 0,5

Fonte: Elaborada pelo autor com dados de Sadoc (1991).

Para ajudar o leitor a estabelecer o valor da terra, segue uma pequena lista de bens da época baseada em alguns inventários do século XVIII.

<sup>21</sup> “Nos dois decênios finais do século XVII, essas concessões tornaram-se freqüentes, e o povoamento do sertão começou a se organizar. Simultaneamente em Portugal corriam notícias de que no Brasil estavam sendo feitas doações de terras, com o mínimo de exigências, a quantos portugueses desejassem contribuir para o povoamento da colônia brasileira”. F. Sadoc de Araújo, *op. cit.*, 1991, p. 65.

<sup>22</sup> A Fazenda Caiçara era parte desta sesmaria de Antonio da Costa Peixoto que deixou, em herança, sucessivamente para sua filha Apolônia da Costa, depois para sua neta Quitéria Marques de Jesus, casada com o capitão Antonio Rodrigues de Magalhães que passou a administrar o imóvel.

Tabela III: alguns bens inventariados no século XVIII.

<b>BENS</b>	<b>VALOR (Réis)</b>
Casa de morada na Povoação Caiçara	25\$000 (vinte e cinco mil réis)
Casa de farinha com seus instrumentos na serra da Meruoca	13\$000
Vivenda com engenho de mel e rapadura na serra da Meruoca	60\$000
Vaca leiteira	2\$300
Êgua	3\$200
Cavalo	5\$000
1 Milheiro de telhas de barro	5\$000
Escravo aos 20 anos	100\$000
Escrava doméstica aos 50 anos	70\$000

Fonte: Elaborada pelo autor com base em inventários de Bernarda Cavalcanty de Albuquerque (1777) e Bento Pereira Viana (1782). Acervo do autor.

Os rebanhos de cada fazenda giravam em torno de 400 cabeças de bovinos, 80 a 100 cabeças de equinos, 60 ovinos e 200 caprinos. A agricultura era de subsistência e ocupava menos de 0,5% da terra, sendo comum uma fazenda ter somente cinco enxadas e um cavador. Apenas 10 homens, entre brancos e mestiços, podiam fazer todo o serviço de campo. O patrimônio dos proprietários girava entre 3.000\$000 a 4.000\$000 (três a quatro contos de réis).

## A fazenda e o povoado da Caiçara

Não foi encontrada informação sobre a casa-sede da fazenda Caiçara. Consta que seu proprietário<sup>23</sup>, Cap. Antônio Rodrigues de Magalhães, não morava de fato na Caiçara, mas na fazenda Macaco, terra vizinha e também de sua propriedade, *“cuja casa ainda existia em 1860, sita à Rua do Oriente (atual Rua Oriano Mendes), precisamente fazendo esquina com a Rua da Umarizeira (atual Rua Maria Tomázia) do lado nascente, com seus alpendres na frente e ao lado, e o indispensável curral, onde se reunia o gado”*.<sup>24</sup>

Existe uma reprodução, a óleo sobre tela, assinada por João Bosco F. Vale, datada de 1959, retratando a casa que teria sido do referido capitão e que corresponde à descrição feita por D. José. A varanda de frente em arcadas plenas parece ter sido uma alteração de final ou meados do século XIX. O pintor preocupou-se em deixar escrito no quadro o texto:

---

<sup>23</sup> Nota da 2ª edição. A rigor a proprietária da posse era sua esposa Quitéria Marques de Jesus. Ver Sadoc Araújo, *op. cit.*, 1991.

<sup>24</sup> D. José, *op. cit.*, p.48.

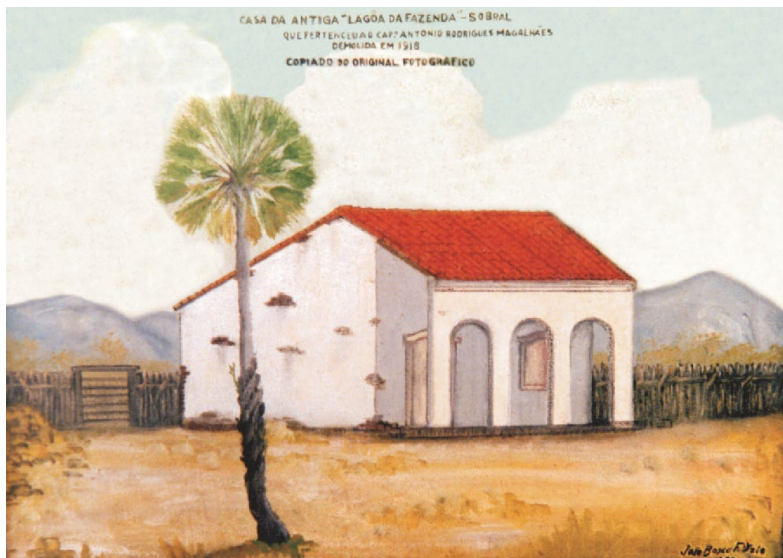


Figura 4: casa da Fazenda Macaco, com a seguinte descrição: CASA DA ANTIGA “LAGOA DA FAZENDA” – SOBRAL / QUE PERTENCEU AO CAP. ANTONIO RODRIGUES DE MAGALHÃES/ DEMOLIDA EM 1918 (COPIADO DO ORIGINAL FOTOGRÁFICO)<sup>25</sup>. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

Capistrano de Abreu cita um padrão de casa de fazenda que, de fato, pode ser encontrado em vários locais do Ceará. “Casas sólidas, espaçosas, de alpendres hospitaleiros, currais de mourões, por cima dos quais se podia passear, bolandeira para o preparo de farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro, açudes, engenhocas para preparar rapadura, capela e até capelães, cavalos de estimação, negros africanos não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto”.<sup>26</sup> Entretanto, a

<sup>25</sup> O quadro faz parte do acervo do Museu D. José, mas o original fotográfico não foi encontrado.

<sup>26</sup> Capistrano de Abreu, *op. cit.*, 1954, p.221. Complementando a ideia:

descrição de Capistrano não se aplicaria à Fazenda Caiçara, pois não seria lógico supor que houvesse nessa fazenda uma casa com padrão superior à de seu proprietário<sup>27</sup>. A escritura de doação de terras da Fazenda Caiçara (1753) excetua alguns “chãos” de amigos e parentes do Capitão Magalhães, o que demonstra já existir o Povoado Caiçara.

Ainda sobre as fazendas do século XVIII, rústicas e autossuficientes, acrescenta D. José em História de Sobral : “*Tudo sintoma duma situação de maior fartura, inclinada para um luxo e requinte sui generis que, no século imediato, caracterizará a aristocracia matuta, forcejando, sem o conseguir, por nivelar-se, igualar-se, à nobreza dos engenhos, vaidosa e ademanada.*”<sup>28</sup>

---

“A casa de Fazenda é como que uma casa-esquema cuja planta não varia muito. (...). É um espécime arquitetural peculiar ao meio físico, constituído com os materiais, as conveniências e as possibilidades do meio físico, refletindo a maneira imperativa da ambientação antropogeográfica do homem do Nordeste.” Raimundo Girão, “História Econômica do Ceará”, 2ª edição, Universidade Federal do Ceará, Casa de José de Alencar – Programa Editorial, 2000, p.347. Complemento da 2ª edição: Ver JUCÁ NETO, Clovis Ramiro; GONÇALVES, Adelaide. **Arquitetura como extensão do sertão:** casa de fazenda setecentista e oitocentista dos Inhamuns no Ceará. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2019.

<sup>27</sup> Nota da 2ª edição. Mais adequado referir-se a dono ou senhor pois, como já foi dito, o fazendeiro não gozava do domínio pleno da propriedade.

<sup>28</sup> D. José, *op. cit.*, p. 144. O criatório cearense utilizou, sobretudo, o índio como mão-de-obra. As dificuldades de ocupação e fixação da classe dominante colonial nos sertões do Nordeste resultaram no “Sistema de parceria” ou “quarta”, isto é, de cada quatro reses que nasciam na fazenda, uma era do vaqueiro, possibilitando, aos poucos, sua ascensão econômica e social, podendo até formar sua própria fazenda de gado. “Embora o índio tenha sido utilizado como auxiliar direto, desde o final do século XVII, sentia-se a carência de escravos, indis-



Os imigrantes portugueses que chegaram ao Vale do Acaraú eram gente muito simples, sem sobrenomes nobiliárquicos nem brasões; da mesma forma, os brasileiros das capitanias vizinhas que povoaram a região assim o fizeram em busca mais de sustento do que aventura. *“Se algum deles enobreceu ou enriqueceu foi aqui, pelo esforço diuturno de suas mãos calejadas no amanho da terra, no arranjo do gado ou na conquista do mar costeiro”*.<sup>29</sup>

Os inventários da segunda metade do século XVIII mostram, claramente, que o gado era o bem principal de uma família e que a vida cotidiana da fazenda era, extremamente, adaptada às adversidades do meio. Extraímos do inventário de Bernarda Cavalcante de Albuquerque <sup>30</sup> (14/06/1777) os principais bens listados, em suas quatro fazendas, e que nos permitem aquilatar a rusticidade da vida doméstica e a quase nenhuma importância da casa de morada, a ponto de não ser citada no documento, quer fosse na vila, ou na própria fazenda.

O inventário divide os bens da falecida em quatro grandes grupos: ferros e acessórios; gados; escravos e terras. Destacaremos os três principais grupos por total avaliado, o que nos permite compor a seguinte tabela:

---

pensáveis à ocupação do espaço”. (Gisafran Nazareno Mota Jucá; o Espaço Nordestino: O papel da Pecuária e do Algodão, in História do Ceará, Simone de Souza (coordenadora), Universidade Federal do Ceará, Fundação Demócrito Rocha, Stylus Comunicações, 1989, p. 16.

<sup>29</sup> F. Sadoc de Araújo, *op. cit.*, 1991, p. 08.

<sup>30</sup> Inventário lavrado em 14/06/1777 na casa do Capitão Mor José de Xerez da Furna Uchôa, funcionando como juizado de órfãos em Sobral. Bernarda Cavalcante de Albuquerque era casada com o Capitão Bento Pereira Viana, cujo inventário também serviu de fonte primária deste trabalho. Acervo do autor.

Tabela IV: alguns bens inventariados no século XVIII.

<b>FAZENDA CAIÇARA DO JURÊ</b> <sup>31</sup>	
<b>TERRAS</b>	560\$000
2 ½ x 1 léguas cortadas longitudinalmente ao meio pelo riacho do Jurê	400\$000
½ légua de terra à margem do riacho Santa Cruz (apenas uma medida especificada)	60\$000
1,5 x 1 léguas	100\$000
<b>GADO</b>	485\$000
450 cabeças de gado bovino “de toda sorte”	428\$000
14 cabeças de gado eqüino e muar “de toda sorte”	57\$000
<b>ESCRAVOS</b>	125\$000
1 negro de Angola com doença na perna com idade aproximada de 25 anos	50\$000

<b>FAZENDA OLHOS D'ÁGUA DO PAJÊ</b>	
<b>TERRAS</b>	330\$000
2 ½ x 1 légua cortadas ao meio pelo riacho São Ivan	200\$000
1 ¾ x 1 légua cortada ao meio pelo riacho São Ivan	130\$000
<b>GADO</b>	567\$880
500 cabeças de gado bovino “de toda sorte”	511\$480
9 cabeças de gado eqüino (cavalos mansos)	54\$000
20 cabeças de gado caprino	2\$400
<b>ESCRAVOS</b>	165\$000

<sup>31</sup> Nota da 2ª edição: Possivelmente estas terras se situam na localidade chamada Caiçara, à margem esquerda do riacho Jurê, ao sul do distrito Tapuio, município de Cariré, Ceará.

1 negro angolano com 26 anos	80\$000
1 negro crioulo com 18 anos	85\$000

<b>FAZENDA SÃO BENTO</b>	
<b>TERRAS</b>	200\$000
1 x 1 légua cortada ao meio pelo rio do Aracatiaçu	200\$000
<b>GADO</b>	675\$480
500 cabeças de gado bovino “de toda sorte”	483\$080
54 cabeças de gado eqüino e muar “de toda sorte”	190\$000
20 cabeças de gado caprino	2\$400
<b>ESCRAVOS</b>	170\$000
1 negro angolano com 26 anos	85\$000
1 negro angolano com 20 anos	85\$000

<b>FAZENDA SÃO DOMINGOS</b>	
<b>TERRAS</b>	300\$000
1 x 1 légua cortada ao meio pelo riacho São Ivan	200\$000
½ x 1 légua cortada ao meio pelo riacho São Ivan	100\$000
<b>GADO</b>	523\$000
500 cabeças de gado bovino “de toda sorte”	256\$000
96 cabeças de gado eqüino e muar “de toda sorte”	264\$600
20 cabeças de gado caprino	2\$400
<b>ESCRAVOS</b>	125\$000
1 negro angolano com 25 anos aproximadamente com uma doença na perna originada de mordida de cobra*	40\$000
0 negro angolano com 22 anos	85\$000
* ver destaque na figura 5	

<b>OUTROS BENS</b>	<b>VALOR</b>
1 espada	\$400
2 machados velhos	\$320
1 conjunto de enxó e martelo	\$320
1 marca de ferro	\$320
1 serrote	\$240
1 carro de bois de sucupira	8\$000
1 mesa de cedro com seis palmos de comprimento	2\$000
2 portas novas com fechaduras mouriscas e dobradiças de ferro	4\$000

Fonte: elaborada pelo autor com base em inventários de Bernarda Cavalcanty de Albuquerque (1777). Acervo do autor.





Figura 6: sede da Fazenda Olhos d'Água do Pajé, possivelmente, construída no final séc. XVIII ou na primeira metade do século XIX, no distrito de Aracatiaçu, Sobral. Foto do autor.

O requinte *sui generis* a que se referiu D. José, sem dúvida, não incluiu, nesse período, objetos de valor, como joias ou utensílios de mesa, porcelanas e pratarias, o que não quer dizer, necessariamente, que não existissem, pois, era hábito reservarem-se alguns pequenos tesouros em vasos de cerâmica escondidos ou enterrados chamadas de botijas. O referencial social de poder era o gado nos currais.

## O charque

O gado continuou sendo importantíssimo para os sertões. Dois períodos marcaram a logística da remessa de animais para os centros consumidores.

Em um primeiro momento, o gado era enviado a pé, ele mesmo era transporte e mercadoria. O percurso da boiada cearense até os centros consumidores da zona da mata fazia com que o gado perdesse peso e, conseqüente, valor de venda. Visando diminuir os prejuízos causados pela longa viagem, instalou-se o binômio fazenda – oficina de salga, que se constituía da formação de uma grande boiada de vários proprietários, em uma fazenda central de determinado vale, de lá partindo em direção à foz do rio, onde o gado era abatido e sua carne salgada como medida de conserva. Assim, a carne, já transformada em charque, poderia ser embarcada para o mercado consumidor canavieiro, sem a perda de peso causada por uma viagem por terra. A indústria de carnes secas – o charque – impediu a decadência da pecuária frente ao desastre canavieiro. O charque passou a ser competitivo com a carne bovina da Paraíba, que estava mais próxima dos centros consumidores e enriqueceu os fazendeiros do interior e os donos das oficinas de salga, nos portos da Capitania do Ceará. O desempenho dos binários Icó – Aracati e Sobral – Acaraú foram os de maior destaque. Fenômeno semelhante aconteceu, também, no Rio Grande do Norte, tendo como portos Oficinas e Areia Branca e na capitania do Piauí onde o centro coletor de boiadas era Mõcha (transformada em Vila de Oeiras em 1761), conjugada pelo rio Paraíba com a vila do mesmo nome.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> O povoado de Amarração, onde hoje se localiza a praia de Luís Correia, no Piauí, pertencia ao Ceará até 1880, quando foi permutado pela região de Crateús, nascente do rio Poty, importante

## A igreja como fator de colonização

Ao mesmo tempo em que os colonizadores se embrenhavam no interior, buscando a conquista de terra e de concessão de datas de sesmarias, os clérigos metiam-se sertão adentro, buscando aumentar suas terras e também imbuídos da missão de catequizar os índios. A Fazenda Caiçara era um ponto estratégico para erguer-se uma matriz, sede do curato da Ribeira do Acaraú, criado em 28 de março de 1722, donde se podia ter o controle religioso desde a Ibiapaba até as margens do rio Mundaú.

A catequese no Ceará não foi tarefa fácil. Existem registros que provam a intenção da coroa luso-espanhola de deixar livres os índios. Felipe III manifestou-se em um alvará régio de 30 de julho de 1609, ao saber da captura dos gentios no vale do rio Jaguaribe: (...) *”todos os índios, sem exceção alguma, tanto os que foram batizados como os que se mantinham pagãos, eram livres e todos deviam efetivamente ser libertados sem demora”*.<sup>33</sup> Esses só poderiam ser escravizados se capturados em

---

afluente do rio Parnaíba. Embora o oceano não tocasse suas terras, o Piauí tinha saída para o mar, através do porto fluvial de Parnaíba, mais recuado e fora da jurisdição cearense. Complemento da 2ª edição: Sobre charqueadas, ver NOBRE, Geraldo da Silva. **As Oficinas de Carnes do Ceará**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1977 e GIRÃO, Valdelice Carneiro. **As Oficinas ou Charqueadas no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

<sup>33</sup> Francisco Ribeiro da Silva, A Legislação Seiscentista Portuguesa e os Índios do Brasil. In Brasil: Colonização e Escravidão, organização Maria Beatriz Nizza da Silva, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2000 p. 18.



“guerra justa”, em atos de banditismo contra os interesses do rei, em recusa às obrigações fiscais, ao serviço régio agrícola ou militar e em práticas de antropofagia. A recusa dos índios à pregação do evangelho era considerada motivo de “guerra justa”. A partir daí travaram-se guerras com posterior captura da mão de obra indígena.

Os Areriús (considerados Tapuias)<sup>34</sup> eram os habitantes nativos do Vale do Acaraú e ofereceram feroz resistência à usurpação da terra pelos brancos. Foram dizimados ainda na primeira metade do século XVIII; outras tribos mais dóceis, como a dos Tabajaras (considerados Tupis), foram suplantadas pela catequese e adoção dos costumes dos colonizadores, negando-se-lhes, contudo, os direitos da gente branca. A participação dos indígenas na formação de cidades na região registrou-se nas três missões de padres seculares (Camocim, Almofala e Meruoca) e na única missão jesuíta da região, Viçosa, à qual o Curato do Acaraú iria se contrapor como estratégia do Marquês de Pombal para a expulsão dos jesuítas do Brasil. Outras cidades se formaram a partir de aldeias de índios catequizados, sem que fossem, necessariamente, sede de missões.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Os Tupis eram os índios habitantes do litoral e que primeiro foram catequizados e se aliaram aos europeus. Os Tapuias eram os inimigos dos Tupis e, por consequência, considerados mais perigosos pelos brancos. Complemento da 2ª edição: Destaque-se que, quando conveniente, tanto os tupis quanto tapuias eram arregimentados pelos brancos, quer fossem portugueses ou holandeses.

<sup>35</sup> Os sacerdotes seculares dessas três missões “foram missionários de aldeias indígenas, sem jurisdição territorial da constituição hierárquica da Igreja.” F. Sadoc de Araújo, 1991, *op. cit.*, p. 35

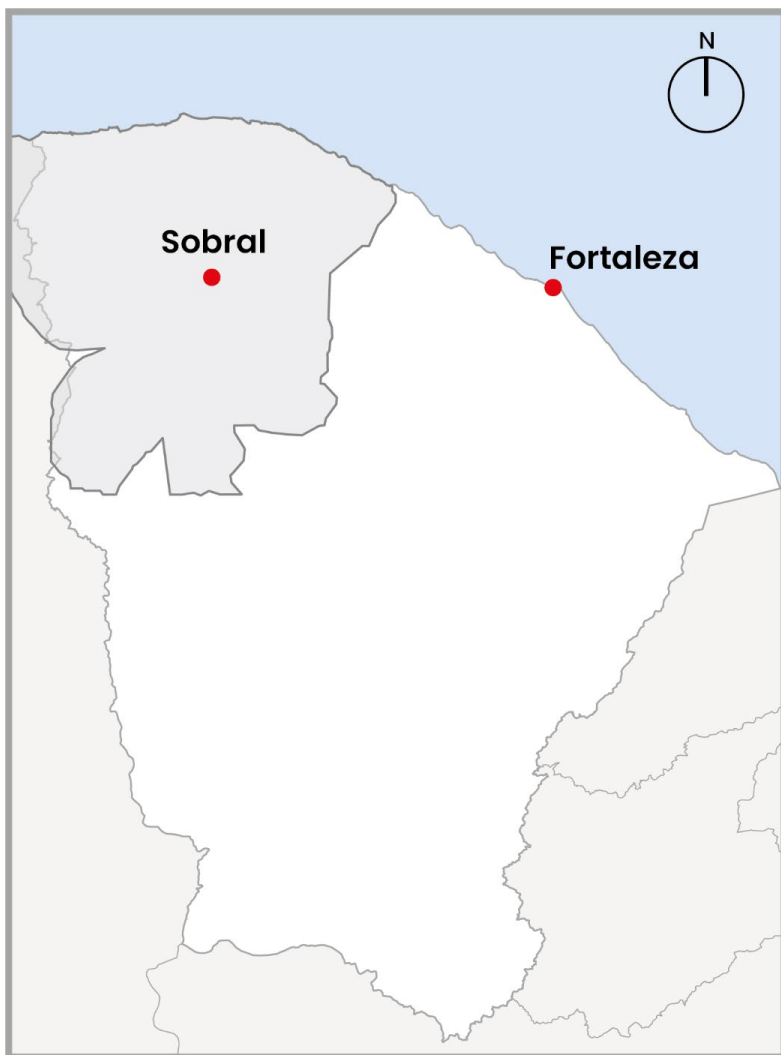


Figura 7: conjectura da área do Curato de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara ou Curato da Ribeira do Acaraú. Mapa elaborado pelo do autor. Arte: Irda Veras.

A igreja, além da catequese, era encarregada da contagem das almas, funcionando como templo, cemitério, cartório e órgão recenseador da época. “A freguesia era periodicamente visitada pelos chamados Visitadores Gerais, representantes do Bispo de Pernambuco, que inspecionavam as atividades paroquiais e, de volta, apresentavam relatório ao poder eclesiástico e civil sobre a situação da região. Assim, o governo ficava sabendo dos acontecimentos locais”.<sup>36</sup>

O Cap. Antonio Rodrigues de Magalhães, a pedido do padre visitador Lino Gomes Correia, doou terras da Fazenda Caiçara para a construção da matriz em julho de 1742.<sup>37</sup> Era improvável que doasse terra onde havia sua casa de morada. O sítio escolhido para a sede do curato foi um elevado à margem esquerda do rio, justamente onde seu leito é mais estreito, facilitando a travessia a vau. A primeira Igreja (de N. S. da Conceição), que servia de matriz à Freguesia do Acaraú, não existe mais. Situava-se a 2,70m (dois metros e setenta centímetros) à frente da base do patamar da atual matriz, em alinhamento com a então Rua N. S. do Carmo. “A frente media nove metros, o corpo da Igreja, que não tinha corredores, media quinze metros, e a capela-mor nove metros e vinte centímetros, separada do corpo central por um arco. A sacristia estava ao lado oriental. O templo estava voltado para a serra da Meruoca”.<sup>38</sup>

<sup>36</sup> F. Sadoc de Araújo, 1991, *op. cit.*, p. 22.

<sup>37</sup> D. José Tupinambá da Frota, *op. cit.*, p. 75.

<sup>38</sup> “Quando o Cap. Antônio Rodrigues de Magalhães passou em 1756 a escritura de doação de cem braças de terra de cada lado da igreja, exceptuou alguns Xãos entre eles o da casa do Coronel Francisco Ferreira da Ponte, seu amigo.” D. José Tupinambá da Frota, *op. cit.*, p. 27





Figura 9: alicerces da primeira matriz. Foto: Nelson Paiva.

Essa primeira igreja era bem mais rústica e acanhada que a atual, tendo sido iniciada sua construção, em 1742 e ruída em 1762. *“Não consta quando foram concluídos os serviços de construção, nem quando foi benta a Igreja, que segundo o costume do tempo, tinha uma única porta na frente com duas pequenas janelas em cima, correspondentes ao coro, sem torres, com o pavimento de barro batido e única sacristia ao lado nascente”*.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> Nota da 2ª edição. Este trecho fazia parte do corpo textual da primeira edição, agora, trazido para rodapé: A descrição de D. José encontra eco nas observações de Pe. Sadoc sobre a Matriz de Meixomil, região Entre Douro e Minho, Portugal, do período românico (séc. X e XI): “A arquitetura do pequeno templo muito se assemelha com os mais antigos construídos nos nossos sertões”. (Sadoc de Araújo, *op. cit.*, 1991, p. 60.) Ressalte-se que a praticidade construtiva, e não o estilo, foi determinante dessa anacrônica solução arquitetônica. Esse anacronismo plástico deve-se, provavelmente, a uma influência meramente visual, pois, no dizer de Etienne Gilson, “a origem do

A Matriz de N. S. da Conceição foi o primeiro elemento de dominância espacial da única praça do lugar<sup>41</sup>. Não faltariam motivos para que ao nascente Povoado da Caiçara acesse com rapidez grande número de pessoas. Nos primeiros anos da década de 1770 já se contavam cinquenta “fogos”, ou seja, habitações efetivamente ocupadas, cifra necessária para um povoado de brancos tornar-se vila segundo a Ordem Régia de 22 de julho de 1766.

## A vila

*É importante salientar que “a partir do ano de 1757 houve no Brasil um acelerado empenho governamental na criação de vilas em obediência ao Alvará Régio de 7 de junho daquele ano, com a expressa determinação de abolir a administração temporal dos missionários nas aldeias indígenas. Estas, quando habitadas por mais de cento e cinquenta casais, passariam a ser elevadas a vilas, governadas pelos respectivos juizes ordinários eleitos”.*<sup>42</sup>

Em 1738 instalara-se a vila de Icó, o arraial de maior movimento do interior, capitaneando a mais povoada das ribeiras – o médio Jaguaribe. A de

---

processo criador não está na sensação, mas na resposta da imaginação aos estímulos das percepções visíveis”. Há que se salientar que a técnica construtiva da arquitetura sertaneja daqueles tempos, na região do Acaraú, era muitíssimo rudimentar, pelo que se observa, tanto nos achados arqueológicos quanto nas obras remanescentes.

<sup>41</sup> Nota da 2ª edição. Destaque-se que praça naquela época era entendida, simplesmente, como um local vazio, um areal, sem delimitação de passeios ou jardins.

<sup>42</sup> Sadoc, *op. cit.*, 1991, p. 22.

Aracati, primogênita do negócio das carnes secas e que , em vista disso, teria de ser a mais rica, inaugurou-se dez anos depois. Sob a égide de ordem real de 14 de setembro de 1758 graduaram-se em vilas as antigas aldeias das missões jesuítas – Ibiapaba, Caucaia, Parangaba (1759) e Paupina (1760), recebendo os nomes portugueses de Viçosa, Soure, Arronches e Messejana. A de Baturité só foi em 1764, com o nome de Monte-Mor-o-novo da América. E em 1773 a antiga fazenda de Caiçara recebia o título pomposo de Vila Distinta e Real de Sobral, e a Macavoqueira o de Vila de Granja (1776). A última seria a de Campo Maior de Quixeramobim, promovida em 1789.<sup>43</sup>

O primeiro núcleo de povoamento da Caiçara foi, portanto, a Praça da Matriz, tendo a malha urbana se desenvolvido mais para oeste do que ao longo do rio buscando o norte. Como foi dito, já em 1773, foi instalada a “Vila Distinta e Real de Sobral”, nome tipicamente lusitano. “Distinta”, por ser colonizada por brancos (portugueses ou seus descendentes) sem origem indígena, como ocorria nas missões. E Real, “*porque criada por ordem direta do Rei e com a senha de sua proteção e simpatia*”.<sup>44</sup> E por que Sobral?

---

<sup>43</sup> Raimundo Girão, *op. cit.*, 2000, p. 132, grifo nosso. Os anos de 1773 e 1776 são inserções minhas meus. No texto original de Girão aparece Sobral com o ano de 1776 o que é um equívoco, a data correta é 1773, e não aparece a data da Vila de Granja. Complemento da 2ª edição: ver também Jucá Neto, *op. cit.*, 2012a e 2012b.

<sup>44</sup> Sadoc de Araújo, *op. cit.*, 1991, p. 29. Complemento da 2ª edição: Sobre vilas de índios e de brancos ver Jucá Neto, *op. cit.*, 2012a e 2012b e SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino. 2003. 294f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Doutorado em Ciências Sociais, Campinas, 2003.

Porque o Ouvidor Geral do Ceará, João da Costa Carneiro e Sá, solicitara ao Governador de Pernambuco – ao qual a Capitania do Ceará era subalterna – Manuel da Cunha e Meneses, que criasse uma vila no povoado da Caiçara. Em atendimento ao pedido do ouvidor, o governador ordenou-lhe em carta de 04-11-1772 que a erigisse com o nome de *Villa Distincta e Real de Sobral*. Sendo o ouvidor natural do Distrito de Sobral, freguesia do Viseu, ao norte de Portugal, a denominação parece ter sido uma honraria do governador ao ouvidor.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Nota da 2ª edição. Este parágrafo foi inserido no corpo textual desta edição devido ao achado inédito de uma cópia oitocentista de uma carta do governador de Pernambuco, Manuel da Cunha e Meneses, para o ouvidor real. Cf. Ofício da Câmara Municipal da Cidade de Sobral para o Vice Presidente da Província do Ceará, João Crisóstomo de Oliveira – 16.08.1847. Fundo Câmaras Municipais, Série Correspondências Expedidas, Local: Sobral, Data: 1847, Cx. 82. Destarte trazemos para nota de rodapé o texto que fora substituído seguido de suas respectivas notas 35 e 36, conforme constante na página 47 da 1ª edição:

*Segundo Pe. Sadoc de Araújo, em homenagem ao compadre do capitão fundador da Fazenda Caiçara, José Rodrigues Leitão, que morrera naquele ano de 1773 e fora enterrado na Matriz da Caiçara.*<sup>35</sup> *Por ser natural de Sobral da Lagoa, Concelho de Óbidos, Portugal, foi-lhe feita esta oportuna homenagem, pois era lei que toda vila criada tivesse nome português e não indígena.*<sup>36</sup>

Notas da 1ª edição:

(Nota 35 da 1ª edição) *O recente finado era também primo de Da. Quitéria Marques de Jesus, esposa do capitão, além de padrinho de Da. Bárbara, que herdara a Fazenda Caiçara com a morte de seus pais, ele em 1757 e ela em 1759. Outra hipótese plausível da toponímia sobralense (compatível com a tese do Padre Sadoc) é a sustentada por D. José em que o ouvidor, presente na instalação da vila, sendo ele natural do Distrito de Sobral, freguesia do Viseu, ao norte de Portugal, escolhera o nome da sua terra natal.* (Nota 36 da 1ª edição) *“A todas as vilas e lugares que eregir, denominará Vossa Mercê com os nomes das de Portugal que lhe parecer mais conformes aos sítios em que se acharem.” Carta do Governador Geral, de 29 de abril de 1761, apud Sadoc, op. cit., 1991, p. 23.*



A partir de 1759, com a doação de 30 braças de terra por Vicente Lopes Freire<sup>46</sup> para a Irmandade de N.S. do Rosário dos Pretinhos, com a finalidade da construção de uma capela e casas de morada, deu-se início ao segundo núcleo de povoação da Caiçara. A capela foi concluída em 1777, em torno da qual se fizeram as moradias, provavelmente, de negros em sua maioria. Em 1795, a Irmandade comprou terras<sup>47</sup> a oeste do templo, passadas em escritura que obrigava a construção de casas. O mesmo documento já mencionava algumas casas que foram erguidas desde a construção da capela. Era comum, nessa época, que o culto cristão dos homens negros não se desse nos templos dos homens brancos. *“Isto resultou na organização de Irmandades de negros e mulatos que, assim reunidos, conseguiram apoio para construir seus próprios templos, organizaram-se como grupo e ampararam-se mutuamente em situação social adversa”*.<sup>48</sup>

Antes do fim do século XVIII novo núcleo se desenvolveu com a criação da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, pois já em 1795 apareciam as ruas Velha do Rosário (Cel. José Sabóia), Nova do Rosário (Ernesto Deocleciano) e Larga do Rosário (Cel. José Silvestre). É provável que os dois núcleos – o da Matriz e o do Rosário – o primeiro dedicado à devoção dos brancos e o

---

<sup>46</sup> Vicente Lopes Freire era casado com Da. Ana Maria da Conceição, filha do Capitão Antonio Rodrigues de Magalhães.

<sup>47</sup> Nota da 2ª edição Terras remanescentes da Fazenda Caiçara.

<sup>48</sup> Marta Emisia J. Barbosa, Meize R. Lucena Lucas, Raimundo Nonato Rodrigues de Souza, Regina Ilka Vieira Vasconcelos, **Sobral** – Patrimônio Nacional, Prefeitura Municipal de Sobral, Editora Celigráfica Fotolito Ltda., Sobral, 2000, p. 20. Textos integrantes do processo de tombamento de Sobral proposto pelo IPHAN - 4ª Coordenação Regional.

último à dos negros, não tivessem interligação nos primeiros tempos, como se pode deduzir da denominação “Rua Velha do Rosário”, que parece ter sido inicialmente o caminho da Igreja do Rosário ao Matadouro, no fim da rua da Gangorra, local de trabalho dos escravos.<sup>49</sup>

O gado pesado na gangorra destinava-se ao consumo local. A maior parte da boiada seguia para a pesagem e para o abate nas oficinas de salga do litoral. Era comum que mulatos livres, podendo ter em sua capatazia alguns escravos, tratassem do açougue e recebessem pagamento por isso.



Figura 10: Sobral em meados do século XVIII. Cartografia retrospectiva elaborada pelo do autor, com destaque para os caminhos cotidianos. Arte: Irda Veras.

<sup>49</sup> José Liberal de Castro, organizador, **Exposição Comemorativa do Bicentenário de Sobral**, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1973, painéis pertencentes à Câmara Júnior de Sobral e expostos no Museu D. José, Sobral - Ceará.

Traçando-se uma linha reta entre o provável mercado e a igreja, não se verificava a coincidência com o traçado atual da rua. Isso porque o caminho dos magarefes não deveria ser direto do local de trabalho e sim após o banho antes da missa, como parte do asseio, ou da purificação necessária ao ato religioso, que se dava, provavelmente, em uma várzea no entroncamento dos prolongamentos da Rua da Gangorra e do Rosário. Dali seguiam os tais mulatos e pretos por um caminho reto até a igreja do Rosário dos Pretinhos, originando-se, assim, a Rua Velha do Rosário, hoje Cel. José Sabóia.<sup>50</sup>

O encontro das Ruas Nova e Velha do Rosário determinou o desenho da malha urbana da cidade, gerando naquela área uma quadra triangular. Ora, por estarem em uma quadra de formato triangular, as casas que lá se erguiam tinham, naturalmente, frente ortogonal para as ruas, e o prolongamento de suas laterais encontrava-se nos fundos como as alturas de dois lados de um triângulo, resultando em lotes de planta retângulo-trapezoidal. A ligação entre essas ruas era feita por um beco ortogonal, assim como as testadas das casas, e formava, portanto, um vértice em determinado ponto do seu percurso. Este logradouro seria chamado mais tarde, de Becco do Cotovelo, que 100 anos depois se transformaria em uma versão hodierna, espontânea e local da antiga ágora grega. Não havia casas com

---

<sup>50</sup> Nota da 2ª edição: A cartografia retrospectiva da minha pesquisa de mestrado (Rocha, *op. cit.* 2017) esclarece que a Rua do Rosário fazia uma inflexão ao encontrar-se com a Estrada Real da Caiçara, atual Av. Dom José. Tal percurso já aparece corrigido no mapa desta edição.

frente para o beco naquele primeiro momento, sendo meramente um percurso alternativo, ladeado por cercas de varas dos quintais.<sup>51</sup>

A atual igreja do Rosário foi construída em 1777, em substituição ao nicho de taipa que havia. É, talvez, a igreja mais antiga de Sobral, uma vez que a nova matriz (atual catedral) foi iniciada em 1778 e concluída em 1781. O desenho da nova matriz veio de Recife e segue a linha das igrejas barrocas pernambucanas. A igreja do Rosário e a de N. S. da Conceição (matriz e atual catedral), foram reformadas, principalmente, em seus interiores, mas guardam no exterior uma ideia clara de suas formas originais. Consta que as sacadas laterais da catedral foram abertas no século XIX e, posteriormente, por obra do primeiro bispo D. José, foram substituídas por óculos e vitrais, além de dois acréscimos laterais, respectivamente, o altar do Santíssimo Sacramento e o nicho das imagens de Jesus dos Passos, Senhor Morto e Maria Santíssima, obras singulares da arte sacra do início do século XIX.

---

<sup>51</sup> Nota da 2ª edição: Os becos e travessas remontam à tradição urbanística portuguesa do século XIII e, por atavismo, alcançam o desenho setecentista de alguns núcleos brasileiros, no nosso caso, Aracati, Icó e Sobral. Sobre o desenho urbano setecentista, no Ceará, ver Jucá Neto, *op. cit.*, 2012b. Sobre a valoração das travessas ver Castro, *op. cit.*, 2015 e REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.



Figura 11: conjectura da fachada oitocentista da Igreja do Rosário dos Pretinhos, sem as laterais construídas por D. José no séc. XX. Desenho: Ricardo Rodrigues.

## A câmara e o mercado

Como o povoado da Caiçara já existia na época da fundação da Vila, os prédios públicos foram locados, a princípio, em desconformidade com os ditames da época, que preconizavam a situação ortogonal entre eles: a primeira casa de câmara e cadeia, provavelmente, situava-se atrás da matriz (a atual catedral)<sup>52</sup>. Havia uma incipiente zona comercial e o antigo mercado situado na Rua da Gangorra. A estrutura urbana da Vila que se formava era o seu próprio centro.

Existem poucas informações de como era a primeira Casa de Câmara e Cadeia; apenas sua planta foi encomendada em 1775 ao português Custódio Francisco de Azevedo, “engenheiro de profissão”.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> Nota da 2ª edição. Esta casa da câmara nada mais era que uma das casas já existentes na povoação. Era de propriedade do primeiro presidente eleito, Sebastião de Albuquerque e Melo. Ver Sadoc de Araújo. **Cronologia sobralense**. 2ª ed. Sobral: Ecoa, 2015. V.1. p. 367.

<sup>53</sup> Nota da 2ª edição. Este parágrafo foi alterado na segunda edição, suprimindo a afirmação de que Azevedo teria demarcado o traçado da Vila, pois, não foram encontrados registros dessa sua atuação. Minha pesquisa de mestrado revela que Custódio de Azevedo teria demarcado a parte nordeste do atual prédio da Câmara. (Rocha, *op. cit.*). Ver Castro, José Liberal de. Urbanização pombalina no Ceará: a paisagem da vila de Montemor-o-Novo d'América. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 113, n. 113, p.35-81, mar. 1999. Disponível em: <<http://goo.gl/PEytVz>>. Acesso em: 9 mar. 2016. Segue nota da 1ª edição: Sabe-se que Custódio de Azevedo foi autor da planta da vila de Montemor o Novo, atual Baturité, e de uma Casa de Câmara em Fortaleza. Esteve envolvido com uma frustrada mineração em Araticum, hoje no município de Frecheirinha, sopé da serra da Ibiapaba, relativamente próximo a Sobral. Os parágrafos seguintes que traziam uma citação de D. José,

O antigo mercado é, talvez, o edifício mais representativo desse período do gado. Embora a maior parte do abate bovino fosse feita nas oficinas dos portos (para onde era transportado o gado), o mercado é o símbolo maior das relações econômicas da Vila. Apesar de estar atualmente em ruínas, pode-se perceber, entretanto, que sua disposição era alongada, subdividido que era por lojas de fundos correspondentes.<sup>54</sup>

Quase nada se sabe a respeito do primeiro mercado, porém, visitando as ruínas nos fundos das residências instaladas na área, ainda se consegue fazer uma imagem do que teria sido o edifício na época. Situava-se à Rua da Gangorra, “*assim chamada por haver naquele sítio uma gangorra para prender gado. Perto havia o Curral do Açougue*”.<sup>55</sup>

---

p. 285 foram suprimidos pois pesquisas posteriores revelaram que o que chamava de “cadeia nova” e “cadeia velha” tratava-se de diferentes partes do mesmo edifício. Ver Rocha, *op. cit.* Transcrevemos aqui a parte suprimida da 1ª edição: “Na antiga Casa de Câmara, o andar térreo, era ocupado pela cadeia, funcionando em cima da própria Câmara Municipal. Uma escada externa, de alvenaria, conduzia ao andar superior, no qual havia um alçapão por onde os presos desciam à enxovia”. D. José, *op. cit.*, p. 285.

<sup>54</sup> Nota da 2ª edição. Este parágrafo foi alterado suprimindo a expressão “sem pátio interno”, pois a análise mais acurada da planta de Sobral de 1880 levanta dúvidas a este respeito.

<sup>55</sup> D. José, *op. cit.*, p. 455



Figura 12: conjectura do aspecto externo do Antigo Mercado.  
Desenho do autor.



Figura 13: antigo Mercado da Rua da Gangorra. Fonte: Fonte:  
Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.





Figura 14: ruínas do Antigo Mercado da Rua da Gangorra em 1989. Foto do autor.

O mercado antigo funcionou até mais ou menos 1821, quando foi inaugurado outro, maior e de arquitetura um pouco mais elaborada, depois demolido para construção da “Coluna da Hora”, onde hoje é a Praça Cel. José Sabóia.

Assim como as primeiras casas da Vila, o mercado era muito rudimentar. Excetuando-se a nova matriz, todas as outras obras eram demasiadamente rústicas, representando bem o motivo que levou aquela população para o sertão: a sobrevivência por meio da pecuária.

As habitações pioneiras situavam-se na Praça da Matriz, na Rua do Rio (hoje Rua das Dores) e, mais tarde, no Bairro do Rosário.

Eram casas pouco adaptadas ao clima sertanejo, “*geralmente baixas e quase sempre de tijolos e cobertas de telhas, e pertenciam a pessoas de boa linhagem*”.<sup>56</sup>



Figura 15: casario setecentista sobre planta conjectural da Vila de Sobral (1773). Elaborado pelo autor. Fotos: Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral e do autor. Arte: Irda Veras.

A harmonia do conjunto arquitetônico era evidente (razoavelmente preservado até meados da década de 1970), isto porque os primeiros habitantes não tinham aspirações de mostrar o poder através da residência (coisa típica do comportamento urbano) e pertenciam a uma classe intimamente ligada ao criatório. O gado, e não a casa, era o símbolo do poder econômico.

<sup>56</sup> D. José, *op. cit.*, p. 26

Essas casas setecentistas se caracterizavam por:

- dimensões reduzidas dos lotes e dos pés direitos das fachadas de frente;
- envazaduras marcadas por requadros de madeira em barrotes de secção quadrada; às vezes mesmo de tijolos com faixa ressaltada no reboco externo;
- portas e janelas de tabuado largo, com vergas levemente arqueadas;
- dobradiças de ferro forjado, presas às folhas por cravos quando sobre gonzos, chamados cachimbos;
- armadores de rede como se fossem argolas;
- paredes, por serem de taipa, adobe ou tijolos ligados por argamassa de barro, aparecem reforçadas muitas vezes por uma verdadeira estrutura independente de grossas linhas e de madeira;
- madeiramento geralmente de aroeira e pau d'arco para peças "de ar", enquanto o cedro é empregado em portas e janelas;
- telhas grandes e pesadas, de barro cozido, com perfil em "V" e dispostas sobre encaibramento roliço ou de secção quadrada, lastreada por ripamento de peças próximas umas às outras;
- beiral arrematado por cachorros de secção sobredimensionada ou por cimalha de boca de telha, chamada de beira-sob-beira, solução esta conhecida popularmente no Ceará como beira-soberia e, em outras partes do país, como beira-seveira.<sup>57</sup>

Muitas dessas casas, nos primeiros anos do povoado, eram de uso eventual dos proprietários de

---

<sup>57</sup> Liberal de Castro, *op. cit.*, 1973.

fazendas de gado quando, aos domingos<sup>58</sup>, iam à Vila, sendo pouco habitadas durante o restante da semana.



Figura 16: casa setecentista na Rua das Dores com porta e janela em requadro de madeira. Foto do autor.

---

<sup>58</sup> Nota da 2ª edição: e dias de festa.

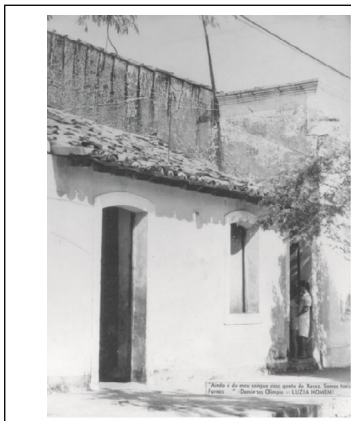


Figura 17: casa do Capitão Mor José de Xerez da Furna Uchôa. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

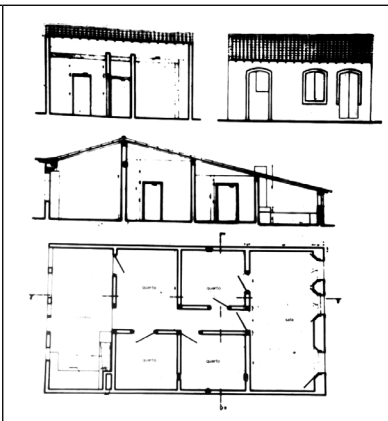
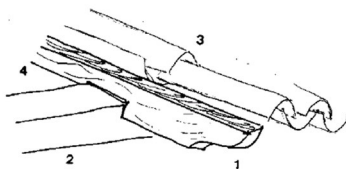


Figura 18: desenhos técnicos da Casa do Capitão Mor. Fonte: DAU-UFC.

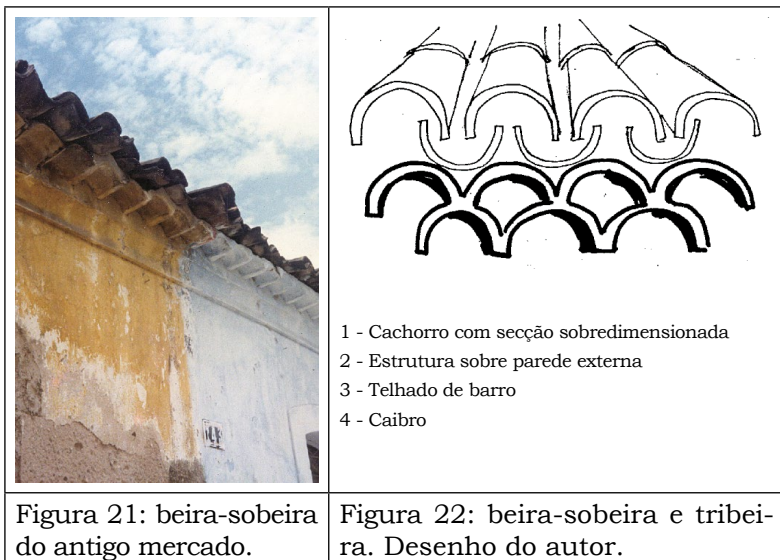


Figura 19: beiral da Casa do Capitão-Mor (vista de baixo para cima). Foto do autor.



- 1- Cachorro com secção sobredimensionada
- 2- Estrutura sobre parede externa
- 3- Telha de barro
- 4- Caibro

Figura 20: esquema do beiral de cachorrada. Desenho do autor.



## A estrutura urbana do período do gado

A primeira estrutura urbana estava montada: dois núcleos articulavam-se formando um triângulo através do caminho dos escravos (Rua Velha do Rosário) e tendo como vértices o Mercado da Carne, a então Matriz (provisória) do Rosário e o centro original do povoado. Aliás, os caminhos que conduziam as boiadas foram, também, determinantes da trama urbana da vila. Um eixo leste-oeste era formado pelo caminho das boiadas oriundas dos campos do Jaibaras, a oeste, e pelo caminho que margeava o rio (inicialmente a leste e depois seguia sinuosamente ao norte pela estrada dos Remédios) e levava o gado reunido para as



1. Simbólica
2. Lúdica
3. Política
4. Econômica
5. Habitacional (embora essa não conste da análise de Castells)

**1. Simbólica** – abrigo dos edifícios mais significativos, marcos referenciais da paisagem urbana, representantes do poder divino (eterno) e do poder municipal (temporal). A presença da igreja na Vila era suficientemente forte para manter sob controle a população. A imponência dos edifícios religiosos, Matriz e Rosário, era a tradução simbólica do poder da igreja. A igreja mantinha proximidade com a população através de assembleias regulares, às vezes até diárias, além de ser depositária dos segredos de confissão. Esses instrumentos de controle da população eram de interesse do poder civil central e a base da aliança entre a igreja e estado monárquico, que caracterizava os períodos colonial e imperial no Brasil.

A casa de câmara e cadeia<sup>59</sup> era o símbolo do poder municipal da Vila e formava com a igreja um conjunto administrativo de caráter urbano. Distintamente da cidade preconizada pela coroa portuguesa para as Américas – de malha ortogonal – Sobral cresceu, no primeiro momento, com a irregularidade espontânea que dinamiza o atual espaço urbano. Haja vista os alicerces no meio de uma rua que podem ter sido de uma igreja, e a tortuosidade do traçado gerado em

---

<sup>59</sup> Nota da 2ª edição: Assim como o Pelourinho.



seu entorno. As alterações dos prédios balizadores do espaço da Vila (igreja e casa de câmara) misturavam-se com os alinhamentos tortuosos das implantações não planejadas. Como já existia uma aglomeração de casas anterior à instalação da vila, é provável que a planta urbana de Custódio de Azevedo não tenha sido feita, ou se feita, não foi executada a obra.

**2. Lúdica** – ponto de encontro social da vila, pois a igreja era a instituição que promovia as festas, sempre de caráter religioso, das quais a população participava maciçamente, usando as praças e largos como locais de reunião.

**3. Política** – centro da legislação, papel exercido pela câmara, e de conduta moral, da qual se encarregava a igreja, além de ser controladora de toda documentação censitária, arrecadadora de doações e depositária dos segredos confessionais.

**4. Econômica** – ainda que o incipiente caráter econômico da praça constasse apenas das pequenas transações comerciais no mercado e na Rua do Negócio, quase sempre baseadas na troca, onde a principal moeda era o boi.

Cabe ressaltar a importância histórica do mercado como símbolo urbano da economia coureira, responsável pela fixação do homem no sertão nordestino e, conseqüentemente, pela formação de várias cidades, sendo Sobral um exemplo.

O mercado e a Rua do Negócio simbolizavam as relações econômicas baseadas no gado, atividade que, apesar de tipicamente rural, definiu seus representantes arquitetônicos no espaço urbano.

**5. Habitacional** – obviamente há que se acrescentar a característica habitacional do lugar, que permaneceria e se modificaria durante a evolução urbana de Sobral.

Como já mencionado, o casario da Vila era demasiado rústico, pois a habitação não era vista como meio de ostentação do poder; ao contrário, o gado é que era o respaldo dos criadores. Apesar da simplicidade, a harmonia do conjunto arquitetônico já se fazia presente com relações de dominância espacial bem definidas, harmonia que, iniciada naquele período, acompanhou a evolução urbana de Sobral até meados do século XX.

A elevação do povoado à categoria de vila deu início à estruturação das elites políticas e sociais que tinham no criatório o respaldo do poder. As relações da vila com a sede do poder central da capitania<sup>60</sup>, davam-se mais por conta de laços familiares e comerciais do que administrativos. Mesmo sendo o Ceará uma capitania dependente da pernambucana, até 1799, havia, no litoral cearense, prepostos do governador de Recife, intitulados capitães-mores, militares moradores do forte de N. Sra. da Assunção.

---

<sup>60</sup> Nota da 2ª edição: Corrigido equívoco da primeira edição na qual constava “provincia” ao invés de “capitania”.





Земля

## **CAPÍTULO 2 - O COMÉRCIO (do final do século XVIII à metade do séc. XIX)**

Embora o gado fosse, ainda, a base da economia sobralense, a atividade comercial surgiu da necessidade dos criadores de contar com uma infraestrutura de apoio ao transporte do rebanho até as oficinas de salga. Assim, a Vila era o ponto mais central da ribeira do Acaraú, para onde convergiam os rebanhos adjacentes, a fim de formarem uma só boiada até a foz, onde estavam as oficinas de salga. O comércio, atividade essencialmente urbana, desenvolveu-se e diversificou-se, aumentando, ainda mais, o poder econômico e político de Sobral na região norte do Ceará.

É interessante ressaltar que a quase ausência de moeda não impediu as transações. Baseado na troca, o comércio foi, lentamente, diversificando as mercadorias circulantes. A rusticidade era ainda muito presente no cotidiano das famílias dos colonizadores.

Ilustrativo é um trecho do inventário de um fazendeiro local que afirma não haver moeda, joias ou outros objetos de valor não utilitários:

Titulo de dinheiro nada,, Titulo de ouro nada,, Titulo de prata nada,, Titulo de cobre nada,, Titulo de estanho nada,, Titulo de ferro,, Declarou o Inventariante dado mensam uma alabanca munto velha que vista peles dego visto pelos avaliadores em quenhentas reis.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Inventário de Bento Pereira Viana, lavrado em 15 de maio de 1782. Forma literal do documento. O falecimento de Bento Viana

A caminho de qualquer vila dos sertões brasileiros, do norte até as Minas Gerais, dirigiam-se vaqueiros, levando parte de sua quarta<sup>62</sup>, homens “encourados ou empanados”, a cavalo, a pé ou em carro de boi; o sertanejo levava sempre consigo o que negociar. E assim começava a feira. Os artigos diversificavam-se à medida que os viajantes se embrenhavam na caatinga aberta pela rota das boiadas. Com exceção das partidas de carne seca ou gêneros agrícolas, em maior quantidade, não havia outro meio de comércio senão a feira, salvo, é claro, as pequenas vendas fixas adjacentes aos locais da própria feira, que sugeriam àquelas praças as características econômicas da centralidade urbana.

---

foi em 09/10/1781. Outros inventários do período, entretanto, relatam algumas peças de ouro, prata, cobre, latão e ferro. Refiro-me aos inventários do Sargento-Mor Antonio Álvares Linhares, de 1785 e José Joaquim da Rocha, de 1807. Arquivo do autor.

<sup>62</sup> A quarta ou parceria era a forma usual de remuneração do vaqueiro que recebia do proprietário a quarta rês nascida de cada vaca do rebanho. Assim, era possível a ascensão social do vaqueiro, na maioria das vezes índio colonizado, que formava seu próprio rebanho.

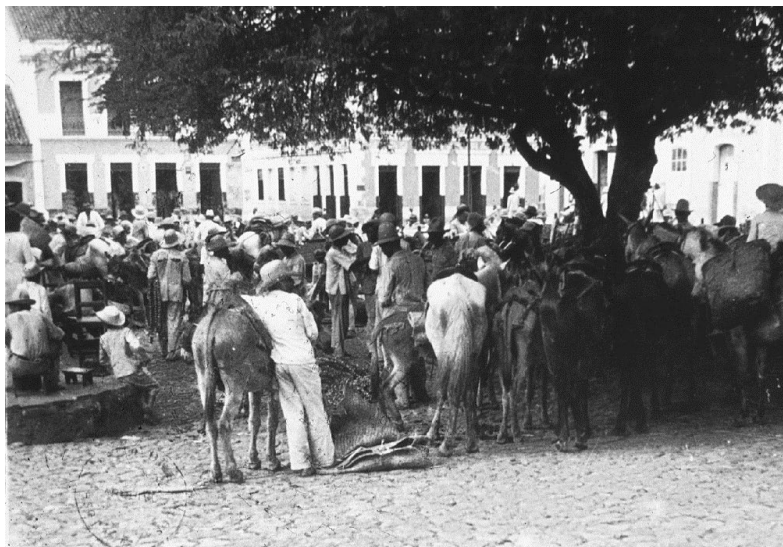


Figura 24: Praça do Mercado - Sobral, atual Praça Dr. José Sabóia ou Praça da Coluna da Hora. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

A feira era, antes de tudo, o momento da partilha do conhecimento, da notícia, da catarse, da anamnese; era a oportunidade de o colonizador interagir com seus pares. A necessidade de se comunicar foi um dos fatores que sempre levou o homem a agrupar-se. Esse caráter gregário fê-lo inventar a cidade. O negócio era a motivação do colóquio. Na feira, vendia-se de tudo, desde os perecíveis até os mais duráveis, mesmo que a principal moeda de troca fosse ainda o boi. As tabelas que seguem, extraídas de dois inventários, um do final do século XVIII e outro da metade do século XIX, servem para aquilatar o valor das coisas comercializadas no período, bem como uma carestia de cerca de 100% no período entre os anos 1782 e 1851.

Tabela V: alguns bens inventariados no final século XVIII.

<b>BENS</b>	<b>VALOR (réis)</b>
Cavalo de Fábrica	6\$000
Garrote	\$640
Poltro de 1 ano	2\$500
Escravo com 14 anos	65\$000
Escrava com 15 anos	70\$000
Mesa de cedro com cinco palmos de comprido	1\$200

Fonte: Elaborada pelo autor com base no inventário de Bento Pereira Viana de 15/05/1782. Acervo do autor.

Tabela VI: alguns bens inventariados em meados do século XIX.

<b>BENS</b>	<b>VALOR (réis)</b>
9 peças de ouro	57\$000
Par de esporas de prata	12\$800
Vaca parideira	12\$000
Garrote	4\$000
Égua nova	14\$000
Poltro de 1 ano	10\$000
Ovelha	\$800
Fechadura de porta	\$500
Machado	\$640
Marca de ferrar	\$320
1 enchada velha	\$320
Serrote	1\$280
Colher de prata (sempre figurando em pequenas quantidades, 2 a 6 unidades)	2\$280



Espírito Santo de Prata	1\$120
1 jogo de malas velhas	5\$000
1 navalha velha	2\$000
Cama de couro	2\$000
1 cadeira velha	\$640
1 armário velho pequeno	3\$000
Imagem pequena de N.S. do Livramento	2\$000
Escrava com 18 anos	350\$000
Escrava adoentada dos olhos de 39 anos	200\$000
Escrava de 10 anos	100\$000
Escrava “pagão” (com menos de 1 ano de idade)	20\$000
Escrava com 17 anos	150\$000
2 partes da Fazenda na ribeira do rio Aracatiaçu, denominada Olhos D’água do Pajê (as dimensões não foram descritas)	55\$000 e 20\$000

Fonte: Elaborada pelo autor com base no Inventário de Antônio Alves Cavalcante Rocha de 29/01/1851. Acervo do autor.

A seca de 1777 foi um grande golpe para o rebanho cearense.<sup>63</sup> A pecuária era o sustentáculo econômico da classe dominante e o modo alternativo de sobrevivência de muitas pessoas após a involução econômica do setor açucareiro no Nordeste. Com a estiagem, os cearenses perderam a posição de destaque da indústria e comércio do

<sup>63</sup> Impressiona a diferença entre a quantidade de gado listado no inventário de Bernarda Cavalcante de Albuquerque no ano de 1777 e o que restou no inventário de seu marido Bento Pereira Viana em 1782. As secas de 1790-1793 foram igualmente calamitosas.

charque, que se transferiu para o sul do Brasil, onde a pecuária já se encontrava bem adiantada e tinha as Minas Gerais como mercado consumidor.

Apesar das secas periódicas, o Vale do Acaraú sustentava suas populações graças à sua favorável bacia hidrográfica, beneficiada pela vertente barlavento da serra da Ibiapaba. Assim, no leito dos rios secos cavavam-se cacimbas que eram bastantes para a população e gados menores, principalmente, o caprino que se adapta muito bem à estiagem. A Vila de Sobral era um refúgio, relativamente, seguro em tempos de secas, quer pelo rio Acaraú, quer pelo comércio incipiente. A agricultura era de subsistência e, principalmente, nesses tempos, provida pela Serra da Meruoca que encontrava, na Vila de Sobral, espaço para seu consumo, pago por meio do escambo ou mesmo do pouco dinheiro circulante.

Tabela VII: principais secas cearenses dos séculos XVIII e XIX.

<b>DÉCADA</b>	<b>SÉCULO XVIII</b>	<b>SÉCULO XIX</b>
1	-	1804 - 1809
2	1711	1816 - 1817
3	1722-1723	1824 - 1825
4	1736-1737	1830
5	1745-1746	1844 - 1845
6	1754	-
7	-	-
8	1777 - 1778	1877-1879
9	-	1888-1889
10	1790 - 1793	-

Fonte: os dados podem variar em até três anos a depender de vários autores.

Enquanto o Ceará sofria com estiagem, o Maranhão, rapidamente, evoluía com a produção de algodão, mercê de uma conjuntura internacional favorável, pois os principais fornecedores dessa matéria prima para indústria têxtil europeia estavam nas colônias inglesas e francesas nas Américas. As colônias inglesas estavam em guerra por sua independência e as francesas sofrendo os efeitos, na metrópole, decorrentes das guerras napoleônicas, desarticulando, assim, suas plantações. As colônias portuguesas, nas Américas, no caso os Estados do Maranhão e do Brasil, eram regiões mais estáveis, politicamente, e passaram a atender a essa demanda.<sup>64</sup>

O governo de Portugal viu, nessa crise, uma oportunidade de mercado que teria como área produtiva o Norte e o Nordeste do Brasil. O Marquês de Pombal, na época uma espécie de primeiro-ministro português, criou duas companhias de comércio, concessionárias do monopólio do algodão, uma do Pará e Maranhão e outra da Paraíba e Pernambuco; assim, os produtos europeus desembarcavam nos portos de Recife e São Luís.

---

<sup>64</sup> Nota da 2ª edição: Este parágrafo foi alterado nessa 2ª edição. Segue o texto da 1ª edição seguido da respectiva nota de rodapé: As plantations de algodão do sul dos Estados Unidos, estavam paralisadas devido à Guerra de Independência (1774-1776); somem-se a isso os efeitos da Revolução Francesa e posteriores Guerras Napoleônicas, que desarticularam a produção de algodão nas Antilhas francesas. Nota da 1ª edição: *Enquanto isso, a demanda de algodão vegetal continua crescendo nos mercados europeus, especialmente na Inglaterra, por força da Revolução Industrial. Essa procura, até então atendida pela produção americana antilhana, orienta-se agora para novos mercados produtores, entre eles ocupando lugar importante o Nordeste brasileiro.* M.P. Teixeira, História do Brasil, 2o. Grau, 2a. Edição, p. 126/127.

Tabela VIII: participação das regiões brasileiras no comércio de exportação (1796 - 1807).

<b>REGIÕES</b>	<b>VALOR</b>	<b>%</b>
Rio de Janeiro	45.069.873\$441	38,1
Bahia	32.071.894\$31	27,1
Pernambuco	24.935.481\$168	21
Maranhão	10.165.552\$710	8,7
Paraíba	296.605\$061	0,3
Santos	169.160\$281	0,1
Ceará	144.883\$076	0,1
<b>BRASIL</b>	<b>118.437.224\$140</b>	<b>100</b>

Fonte: Arruda, p. 154<sup>65</sup>

Mesmo com o Ceará desvinculado da capitania de Pernambuco em 1799, as relações comerciais com Recife ainda se mantiveram, conforme demonstra Raimundo Girão:

Era, de fato, o Aracati o ponto obrigatório do comércio com Pernambuco; por ele saíam na maior parte os gêneros de exportação e entravam os artigos de importação com que se supriam as ribeiras do Jaguaribe, do Icó, o Crato e os Inhamuns, através do centro de distribuição que era a vila do Icó, (...). Mais tarde, fazendo intercâmbios diretos e por terra com Recife e Campina Grande, transformar-se-ia num empório comercial de primeira grandeza.

De igual (...) 'aquele tempo, a vila de Sobral, então núcleo de crescente comércio distribuidor entre sertões do norte e o porto do Acaraú.

(...)

<sup>65</sup> *Apud.* Maria Auxiliadora Lemenhe, "Expansão e Hegemonia Urbana, o Caso de Fortaleza". Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, 1983, p. 55.

Esses comerciantes, mancomunados aos de Recife, tudo envidavam para ver derrotada a medida régia (...). Insistiam na velha prática de mandar por terra seus cavalos e bois às feiras pernambucanas, fazendo voltar por via marítima os artigos e panos para as suas lojas.<sup>66</sup>

O surto do algodão maranhense durou pouco tempo. Já por volta de 1810, as relações comerciais dos Estados Unidos com a Inglaterra estavam reatadas, e logo se fez sentir a retração do mercado externo sobre a produção maranhense. Vale ressaltar, além da abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em 1808, a estrutura de dominação econômica da Inglaterra sobre Portugal, estendendo-se às suas colônias, determinando sua expansão ou estagnação.

## **A botija**

As necessidades criadas pela seca demandavam outros gêneros de consumo que, naquele momento, não podiam ser produzidos na região. Era provável que os pequenos proprietários rurais – e já deviam ser muitos por causa do sistema de parceria – necessitassem de mantimentos para garantir sua sobrevivência, desfazendo-se, assim, de suas botijas. A botija, recheada com as economias familiares – joias e quase nunca moedas –, era a forma mais comum de previdência nos sertões do Nordeste. Quase sempre era enterrada em local secreto, sob o chão da casa ou

---

<sup>66</sup> Raimundo Girão, “História Econômica do Ceará”, 2ª Edição, Universidade Federal do Ceará, Casa de José de Alencar – Programa Editorial, 2000, pp. 178-179.

na parede, e lá ficava aguardando seu resgate emergencial, ou até o esquecimento. Esse hábito era típico de várias culturas do mundo.

## **A hierarquia urbana cearense no início dos oitocentos**

Era natural que, em situação de crise, a classe econômica dominante procurasse outras oportunidades de negócios. O Ceará, procurando alternativas de sustentação econômica após a calamitosa seca dos três setes (1777), abria-se mais aos seus vizinhos, Maranhão e muito mais a Pernambuco, detentores do monopólio legal (e factual após 1799) de exportação e, portanto, portos de entrada e saída de gêneros. Na metade dos oitocentos o fluxo comercial cearense já estava definido em eixos polarizados pelas cidades do sertão e por Fortaleza, cujo isolamento era, levemente, compensado por razões político-administrativas. O mais importante deles era o eixo Aracati-Icó.

Fortaleza polarizava Aquiraz, Cascavel, Maranguape, Canindé e as serras de Baturité e Aratânia. Aracati atraía os núcleos dêmicos do baixo Jaguaribe, e Icó dominava o Cariri, os sertões dos Inhamuns e os do sul do Piauí. Para Sobral, convergiam os negócios do vale do Acaraú eos sertões de Santa Quitéria e Crateús. Tributários de Quixeramobim eram os sertões de Mombaça, e em torno de Granja gravitavam os lugarejos da Serra Grande e hinterlândia norte-piauiense.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> Raimundo Girão, *op.cit.*, 2000, p.340.

À medida que os proprietários rurais recompunham seus rebanhos, o comércio sobralense enraizava-se de forma cada vez mais definitiva. Produzia-se pouco e negociava-se tudo o que era possível num comércio, então, baseado na troca e no crédito pessoal. Embora o Ceará já produzisse algodão – 87% das suas exportações em 1807 – seu plantio na ribeira do Acaraú era incipiente, e o couro era, ainda, o principal produto exportado pela Vila de Sobral.<sup>68</sup> Conforme relata D. Jose:

Era incessante o trânsito entre a Vila de Sobral e o porto do Acaraú, e o meio de transporte era, geralmente, o carro de bois. Não menos de 900 carros trafegavam continuamente nos meses de verão.<sup>69</sup>

Lustosa da Costa complementa a ideia:

(...) levando couro, sola, carne seca e trazendo, na volta, fazendas, objetos de ouro e prata, artigos manufaturados e um ou outro negro.<sup>70</sup>

Os negócios de Sobral, tendo sempre seu respaldo econômico no criatório e nas riquezas acumuladas antes das secas, possibilitaram um grande impulso no desenvolvimento urbano da Vila que, no começo do século XIX, disputava com Icó a hegemonia nos sertões da Província Ceará.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> “Lastro desta abastança era realmente e exclusivamente o boi que, em si e em um só tempo, mercadoria, frete e transporte, ia trocar-se por objetos, panos e escravos nas praças pernambucanas, baianas e até mineiras”. (D. José, *op. cit.*, p.29)

<sup>69</sup> D. José, *op. cit.*, p.31.

<sup>70</sup> Lustosa da Costa, “Clero, Nobreza e Povo de Sobral”, Senado Federal - Centro Gráfico, Brasília, 1987, p. 85.

<sup>71</sup> Nota da 2ª edição: Ver Rocha, *op. cit.*, 2017.

Favorecido por sua posição privilegiada, o Icó teve precoce desenvolvimento e alcançou rápida hegemonia sobre os outros povoados do interior. Criado por Ordem Régia de 20 de Outubro de 1736, tinha em agosto de 1815, 303 casas e o décimo rendia 200\$000, enquanto o número de habitações de Sobral, sua rival, elevava-se apenas a 237 e sua décima 121\$000.<sup>72</sup>

Tabela IX: exportação dos principais produtos do Ceará entre 1803 e 1807 (x 1.000 Réis).

<b>ANO</b>	<b>ALGODÃO</b>	<b>COURAMA (a)</b>	<b>DROGA (b)</b>	<b>OUTROS (c)</b>	<b>TOTAL</b>
1803	3:934.720\$	53.900\$	28.500\$	————	4:015.720\$
1804	15:600.640\$	5:363.800\$	416.240\$	201.600\$	21:582.280\$
1805	39:987.200\$	6:993.700\$	————	309.700\$	47:290.600\$
1806	54:219.560\$	9:461.720\$	1:147.200\$	2:077.900\$	66:906.380\$
1807	91:536.560\$	12:611.300\$	————	832.800\$	104:774.660\$
<b>TOTAL</b>	<b>205:072.680\$</b>	<b>34:484.420\$</b>	<b>1:591.440\$</b>	<b>3:422.000\$</b>	<b>244:569.640\$</b>

Fonte: Arruda<sup>73</sup>.

Legenda:

(a) Couros secos, salgados, vaquetas, peles de veado, solas e várias peles.

(b) Salitre, resina e óleo de copaíba.

(c) Madeiras, mantimentos (açúcar branco e arroz), cera, goma e tartaruga

<sup>72</sup> Nota da 2ª edição: Este parágrafo estava como nota de rodapé na 1ª edição, agora, trazido para o corpo textual. (Carlos Studart Filho, “Páginas de História e Pré-História”, Instituto do Ceará, 1966, p. 162).

<sup>73</sup> Arruda, José Jackson de A., *apud* Ma. Auxiliadora Lemenhe, “Expansão e Hegemonia Urbana, Ocaso de Fortaleza”. Tese de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 1983, p. 50.



A seca de 1790-1793 trouxe nova calamidade para o Ceará, principalmente, para as Vilas que negociavam com Pernambuco, onde o estio também acontecia. Já no Maranhão e Piauí havia chuva suficiente e foi da capitania vizinha que veio o gado para refazer o rebanho cearense. Foi nesse período a ascensão de Sobral na hierarquia urbana do Ceará.

Na primeira metade do século XIX, com uma população quase três vezes maior que a da capital Fortaleza, Sobral tornou-se o principal entreposto de abastecimento de uma região, que coincidindo com a jurisdição do velho Curato do Acaraú, isto é, da Ibiapaba até o rio Mundaú. A situação regional de Sobral propiciava uma relativa estabilidade econômica, pois seu desenvolvimento não estava diretamente ligado ao comércio internacional e, mormente, voltado ao mercado interno. Desse modo mantinha, sempre, uma alternativa às calamidades climáticas e aos reveses da economia externa. O comércio sobralense, além daquele eminentemente local e de exportação, com produção escoada pelos portos de Acaraú e Camocim, era mantido também com São Luís e Recife, de onde vinham as mercadorias

As descrições de D. José sobre o prédio da casa de câmara e cadeia, comprovam o afirmado:

O portão de ferro vindo do Maranhão custou 153\$705. (1839) (...) As varandas de ferro das janelas de cima vieram do Maranhão por intermédio do Capitão José Rodrigues Lima e custaram 441\$867.<sup>74</sup>

---

<sup>74</sup> D. José , *op. cit.*, p. 287.

Para dar uma noção das atividades comerciais e de serviços que caracterizavam a economia urbana sobralense no período, listamos as licenças concedidas pela Câmara Municipal de Sobral na primeira metade do século XIX:

Tabela X: algumas licenças concedidas pela Câmara Municipal de Sobral na primeira metade do século XIX.

<b>ATIVIDADE</b>	<b>ANO</b>
Alfaiataria, venda de fazenda molhada e travessia de balsa no rio Acaraú <sup>75</sup>	1809
Venda de secos e molhados	1810
Selaria e sapataria e venda de víveres da terra e do mar	1813
Alfaiataria	1815
Venda de cartas de jogar	1816
Alfaiataria, carpintaria, forja, sapataria, selaria, tecelagem, venda de fazenda seca e secos e molhados.	1819

Fonte: SADO, 1979.

Somente no ano de 1819 foram concedidas 56 licenças de atividades urbanas, das quais 41 eram para venda de secos e molhados. A população do município de Sobral em 1814 era de aproximadamente vinte mil habitantes. Mesmo se conside-

---

<sup>75</sup> Nota da 2ª edição: Uma atividade que demonstra o fluxo de pessoas e mercadorias que passavam por Sobral naquela época era o serviço remunerado de travessia por canoa entre as duas margens do rio Acaraú. Em 16 de outubro de 1809, Graciano Mendes da Rocha conseguiu em leilão a concessão para explorar essa travessia por três anos, pela quantia de 28\$000. “O arrematante ficou obrigado à condição de passar cada pessoa por vinte réis, cada cavalo com sela ou cangalha por vinte réis e pelo mesmo preço cada huma carga”. F. Sadoc de Araújo, **Cronologia Sobralense**, Vol. II, Imprensa Universitária, Universidade Vale do Acaraú, 1979, P. 53.

rando a família média da época em 10 pessoas, tem-se um número elevado de lojas, por família, o que nos força convir que Sobral, naquela época, já supria a demanda de uma área muito maior que seu já extenso território.

A Vila de Sobral, em 1816, foi descrita pelo ouvidor João Antônio Rodrigues Carvalho em uma “memória” sobre o Ceará da seguinte forma:

Seu território mede 51 léguas de comprimento e 38 léguas de largura. Dentro de seu território há três freguezias: Sobral, Amontada e Almofala, que é de índios. A Vila tem uma Casa de Câmara e uma cadeia por terminar. A renda da vila é quatrocentos mil réis anualmente. Nas serras de Meruoca e Uruburetama há 88 engenhocas de fazer rapaduras. Há na vila uma única casa de sobrado. O termo é pobre e mal povoado. Tem uma estrada, que vai para Fortaleza. O território é incômodo para viagens por causa dos maus caminhos e é desabitado. Falta posto e as águas são insuportáveis por serem salobras.<sup>76</sup>

Como podemos observar pelo descrito acima, o “termo”, isto é, o território municipal, era “pobre e mal povoado”. Talvez essa fosse a impressão do ouvidor em relação ao caminho para Fortaleza. Porém, relativamente ao restante da capitania, a Ribeira do Acaraú, polarizada pelo então povoado da Caiçara Sobral era a mais populosa e uma das maiores em arrecadações de dízimos desde o final do século XVIII, conforme atesta a Descrição da Capitania do Ceara Grande de 1766:<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> *Apud* F. Sadoc de Araújo, *op. cit.*, 1979, p. 87.

<sup>77</sup> Nota da 2ª edição: Parágrafo alterado para a 2ª edição, acrescentando informação de fonte primária de 1766. Ver figura 25.

*Resumo*

	Vilas.	Freg. <sup>as</sup>	Capelas	Par. <sup>as</sup>	Fogos	Pessoas
Ribeira do Ceará .....	6	7	30	93	2498	7600
Ribeira do Acaraú .....	3	6	13	325	3404	3220
Ribeira de Jaguaribe .....	1	2	6	240	1253	5449
Ribeira do Icó .....	2	5	12	314	2588	9942
	<i>1c</i>	20	41	972	9738	34181

*Dizimos pelo ano de 1766*

Ribeira do Ceará .....	4.130.000
Ribeira do Acaraú .....	3.060.000
Ribeira de Jaguaribe .....	3.470.000
Ribeira do Icó .....	4.250.000
<i>Total</i> .....	<del>15.910.000</del>



Figura 25: Detalhe do Resumo de rendas e Dízimos das principais ribeiras do Ceará<sup>78</sup>. DESCRIÇÃO da capitania do Ceara Grande, subordinada à de Pernambuco, suas vilas, freguesias e povoações. Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1463010/mss1463010.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1463010/mss1463010.pdf).

<sup>78</sup> Nota da 2ª edição: DESCRIÇÃO da capitania do Ceara Grande, subordinada à de Pernambuco, suas vilas, freguesias e povoações. Ceará: [s.n.], 1776. 9 f. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1463010/mss1463010.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1463010/mss1463010.pdf). Acesso em: 3 nov. 2022.

O crescimento econômico resultante do caráter polarizador da Vila<sup>79</sup>, no norte cearense, possibilitou grandes mudanças na sociedade e na política e, conseqüentemente, na arquitetura e no espaço urbano. A malha urbana vinha, há alguns anos adotando, certa ortogonalidade, mesclando-se com as vias radiais da primeira fase da vila.

Considerados como conjunto, os espaços urbanos de Sobral são os mais ricos do Ceará, já que ali se dispõem em harmonia, tardiamente e por meio de arcaísmos de implantação, os velhos traçados medievais lusitanos, misturados com as formas novas, difundidas sistematicamente a partir da época do Marquês de Pombal, das cidades de xadrez, formas das quais tanto se serviriam no império, os aglomerados urbanos nacionais. Às vezes obrigatoriamente no período de expansão comercial.<sup>80</sup>

## **A elevação a cidade**

Em 1841, era notória a rapidez com que crescia a Vila e coincidiu com sua elevação à categoria de “Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú”.

A elevação política de Sobral não mudava, em quase nada, suas prerrogativas de vila emancipada. Esse fato político atribui-se a um episódio da história do Ceará que justifica tão inusitado título de ci-

---

<sup>79</sup> Nota da 2ª edição: ao longo do século XIX.

<sup>80</sup> Liberal de Castro, “Pequena Informação Relativa à Arquitetura Antiga no Ceará”, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 2a. edição, Fortaleza - Ce, 1977, p. 33.

dade, conforme demonstra Pe. Sadoc de Araújo, em Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú. Durante a Revolta dos Balaios (1839-1840), as ideias republicanas tiveram eco em algumas cidades cearenses. Em Sobral, aconteceu o episódio mais representativo dessa periférica disputa, por ocasião da vinda do então nomeado presidente da Província, o senador Pe. José Martiniano de Alencar que, acompanhado de uma pequena tropa destinada a sufocar a rebelião local, hospedou-se na casa do capitão-mor Francisco de Paula Pessoa, chefe do Partido Liberal. A casa foi atacada pelo grupo conservador sobralense saindo vitoriosa a força legalista.



Figura 26: Casa do Senador Paula Pessoa, posteriormente reformada para palácio do bispo D. José e atual Colégio Santana. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

Com o fim de manifestar sua gratidão aos habitantes de Sobral que o levaram à vitória, o Presidente Alencar resolveu elevar a vila à categoria de cidade e deu-lhe o nome Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, mediante a expedição da Lei n.º. 229, de 12 de janeiro de 1841. Qualificou-a de fidelíssima, por ter se manifestado tão denodadamente fiel ao seu governo. Com isso, enalteceu e honrou o povo sobralense. Mas, não feliz com a mudança do nome, retirando Sobral e o substituindo por Januária. Tal alteração não agradou a população.<sup>81</sup>



Figura 27: Rua da Vitória (Av. D. José): a partir da sacada de sobrado que se vê à direita, os conservadores revoltosos atacaram a tropa legalista hospedada na casa do Senador Paula Pessoa. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

<sup>81</sup> Sadoc, *op. cit.*, 1991, p. 30. O Pe. Alencar era pai do escritor José de Alencar.



Por quê Januária? Sendo o Pe. Alencar uma das mais importantes figuras dos liberais no Ceará e na Corte, foi ele árduo defensor da maioria de D. Pedro II, ocorrida em 1840. Quis ele, portanto, homenagear a irmã do recente Imperador, princesa Dona Januária, referenciando-a ao rio Acaraú.

A pedido do povo sobralense, o nome da cidade foi mudado, de novo e simplesmente, para Sobral, pela Lei n.º. 244, de 25 de outubro de 1842, quando o Pe. Martiniano de Alencar já não era presidente da Província.

A rua onde se localizava a casa do Senador Paula, palco do conflito, foi denominada Rua da Vitória.

## **As igrejas como fator de urbanização**

Na primeira metade do séc. XIX várias igrejas foram erigidas em pontos diversos da Vila, construídas, geralmente, nos locais onde já havia um pequeno nicho de oração.

Força é convir que uma das causas, que influenciaram sobre a irregularidade das ruas foi a construção de casas nas adjacências das igrejas, formando-se núcleos de população sem prévia planta da cidade.<sup>82</sup>

Um nicho pequeno e antigo havia onde foi construída a Capela das Dores, originando o terceiro bairro da Vila. Da capela não se sabe quando ela foi construída, mas, sabe-se que existia em 1818.

---

<sup>82</sup> D. José , *op. cit.*, p. 447.





Figura 28: Igreja das Dores (enchente de 1924). Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

Depois veio a Igreja do Menino Deus, iniciada em 1810, com a chegada de duas freiras carmelitas, que criaram um pequeno convento. A igreja já funcionava, em 1820, e havia poucas casas em seu redor que, possivelmente, se ligavam com o resto da Vila através da Rua N. S. do Bom Parto. Nessa rua, havia outro nicho, desde 1765, que deu origem ao nome e onde, mais tarde, foi construída, em 1853 a Igreja de Santo Antônio, já bastante alterada em suas formas originais.



Figura 29: Igreja do Menino Deus. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.



Figura 30: Igreja de Santo Antônio. Foto do autor.

Quase todas as igrejas de Sobral desse período foram construídas por iniciativa de particulares, com exceção da Matriz e Igreja do Menino Deus.

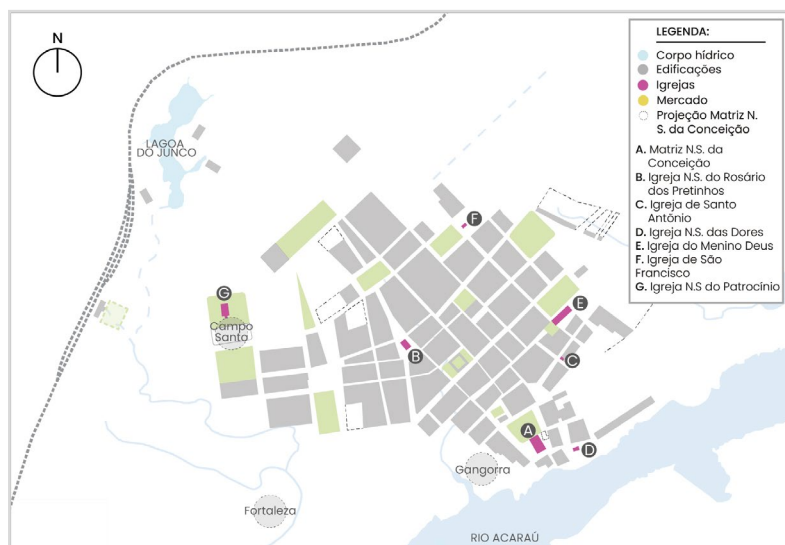


Figura 31: Sobral no final do século XIX com destaque para as igrejas. Elaborado pelo autor. Arte: Irda Veras.

## A nova câmara<sup>83</sup>

A câmara também deixou seu marco na evolução urbana da cidade, tanto deliberativamente, quanto em 1824, quando se preocupava com o alinhamento e a numeração das casas, quanto na implantação de sua nova sede.

A tipologia padrão em todo o Brasil para as casas de câmara e cadeia era um edifício de dois andares, com cadeia no térreo e câmara no sobrado. Liberal de Castro afirma que “era comum no Ceará

---

<sup>83</sup> Nota da 2ª edição: Os parágrafos segundo e terceiro deste tópico foram substituídos no corpo textual da 2ª edição. O texto original da 1ª edição baseava-se na historiografia local que traz referências sobre a cadeia “nova” e a “velha” as quais poderiam sugerir a existência de dois prédios distintos. Porém, minha pesquisa de mesurado (ROCHA, *op. cit.*, 2017) cruzou as fontes primárias do século XIX (notadamente as atas das sessões camarárias de Sobral e as correspondências dessa com o Governo Provincial) onde aparecem discussões sobre as obras da câmara e cadeia revelando tratar-se de um único edifício. Portanto a “cadeia velha” era porção mais antiga do prédio e a “cadeia nova” sua expansão a oeste, compondo, assim, uma única edificação que foi ganhando, aos poucos, importância visual na paisagem. Seguem, agora em nota de rodapé, os parágrafos que compunham o corpo textual da 1ª edição, salientando que esta hipótese não se mostrou verdadeira:

*Por volta de 1830 teriam existido, em Sobral, duas cadeias, a velha, em cima da qual funcionava a antiga casa da câmara, e a nova, situada em frente à matriz.*

*Supõe-se que sobre a cadeia mais nova foi construída a nova Casa da Câmara, o mesmo prédio que vemos hoje, com algumas alterações do final dos oitocentos, “já que era comum no Ceará se fazer esse tipo de obra em dois estágios”.*

*“O novo prédio estava pronto em 1848, construído pela administração. O projeto parece ter sido preparado na própria cidade, mas as peças de serralheria procediam do Maranhão (...)” José Liberal de Castro, Org., *Exposição, op. cit.*, 1973.*

se fazer esse tipo de obra em dois estágios”<sup>84</sup>. A casa de câmara e cadeia de Sobral foi implantada, em frente a matriz e foi feita, não em dois, mas em quatro estágios sucessivos, levando quase um século para sua conclusão. Inicialmente, tratava-se de uma edificação térrea projetada pelo engenheiro português Custódio Francisco de Azevedo, em 1776, e abrigava, apenas, a cadeia a qual foi expandida ao rés do chão para o lado poente, para funcionamento do salão das sessões. Por volta de 1843, com projeto do arquiteto francês Jean Serraine, residente em Sobral, o salão da câmara foi construído sobre a porção mais antiga da cadeia. O último estágio constou da expansão superior do salão da câmara com desenho do mestre de obras João Francisco de Oliveira, em 1854, completando, assim, o paralelepípedo que encerra o volume atual da edificação. Em 1870, a câmara contratou um projeto ao engenheiro Jorge Hermano Augusto Ehrhardt que, mantendo a volumetria de meados do oitocentos, deu ao prédio sua forma final.



Figura 32: Câmara Municipal. Foto do autor (1989).

<sup>84</sup> José Liberal de Castro, Org., Exposição, *op. cit.*, 1973.



É notável a valorização imposta à implantação do edifício isolado, servindo de articulação arquitetônica ao vazio das duas praças que a ladeiam por fachadas opostas.<sup>85</sup>

Outro edifício de posição privilegiada e integrado aos núcleos da matriz e do Rosário, outrora separados, foi o novo mercado público, construído de 1818 a 1821, com dinheiro emprestado pelo Cap. Inácio Gomes Parente, em terreno alagadiço, coração da cidade, a partir dos anos 1840 (Praça Cel. José Sabóia). O mercado, demolido em 1935, foi o centralizador do comércio da cidade.



Figura 33: Mercado Público no início do século XX. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

## Os sobrados

Além desses edifícios públicos e religiosos há que se destacar o valor histórico dos sobrados.

---

<sup>85</sup> Ibidem.

A semelhança de alguns elementos arquitetônicos das residências assobradadas de Sobral encontra eco com os sobrados de São Luís e Alcântara, no Maranhão, tais quais as “águas furtadas”<sup>86</sup> e os gradis das sacadas. De que modo teriam essas peças de serralheria chegado à Vila, senão por meio dos negociantes? Sobre as “águas furtadas” é razoável deduzir que um mestre de obras por iniciativa própria, ou solicitação de um cliente não sabedor da função daquele elemento arquitetônico, reproduzisse o mirante sendo um mero resultado de suas próprias apreensões visuais, ou de seus contratantes. Em algumas vilas esse elemento era usado para promover a ventilação por convecção, funcionando como uma espécie de chaminé por onde saía o ar quente da casa; em Sobral, porém, isto não se verificou, conforme veremos, brevemente, no caso do sobrado Radier. Os negociantes, em viagens de pouca demora por localidades litorâneas economicamente mais desenvolvidas, trouxeram para a Vila de Sobral o gosto pelo sobrado. Salienta-se que no Ceará já havia sobrados no litoral, em Aracati desde o final do século XVIII.<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup> Nota da 2ª edição: A expressão “sobre as águas furtadas” foi acrescentada no corpo textual desta edição. Água furtada é também conhecida como mansarda. “ÁGUA FURTADA – Parte do espaço compreendido entre duas ou mais tesouras nos telhados, de ponto alto, que se atinge por escada própria e que geralmente se destina a depósito,” (CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C.. **Dicionário da arquitetura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Romano Guerra, 2017. Coleção RG facsimile, 3, p. 24.).

<sup>87</sup> Todos sabem que o Aracaty he um porto mercante de consideração, que o seu comercio tem promovido, e promove cada dia a povoação de tal sorte que hoje se contão na villa e seus suburbios perto de quinhentos fogos; duas mil pessoas de comunhão; sinco ruas publicas; trezentas cazas que a ornão, e fazem hum aspecto publico, por serem as mais delas de sobrado (...)” exposição feita em 17 de

Era o sobrado uma construção quase sempre de uso misto, funcionando como residência nos pavimentos superiores e o térreo destinado ao comércio e ao quintal de serviços. Raimundo Girão sintetiza o sobrado sendo o símbolo do poder econômico, retratando a hierarquia urbana nos idos de 1813, quando foi realizado um recenseamento no Ceará.

A bacia jaguaribana, berço do povoamento, ainda mantinha o cetro econômico, de que é expressão mais inferente a casa de sobrado, privativa dos argentários. Havia-as muitas no Aracati e no Icó, ao passo que Fortaleza não contava nenhuma e em Sobral estava por levantar-se a segunda. Ao Sul, o Crato eram palhoças, raras as casas de alvenaria. E Quixeramobim, no centro, uma quase ficção do grupo humano.<sup>88</sup>

Em Sobral, os primeiros sobrados eram de propriedade dos pecuaristas que traziam para a cidade o excedente de produção agrícola de suas fazendas. No térreo ficavam os caixões de farinha, milho, feijão e matalotagens de carne seca.

A humanidade, sempre, buscou na verticalidade a afirmação de seu poder. Assim, são altas as torres das igrejas, mostrando-se o poder divino por meio das obras temporais: o poder político emanado dos salões da câmara, ou dos sobrados dos coronéis.

A classe dominante foi adquirindo uma necessidade de ostentação de poder, na medida em que o comércio – atividade essencialmente urbana e cuja

---

julho de 1787 pelos vereadores da Câmara de Aracati. In Raimundo Girão, *op. cit.*, 2000, p. 164.

<sup>88</sup> Raimundo Girão, *op. cit.*, 2000, p. 248.



principal mercadoria era a courama – ia tomando espaço na estrutura econômica da pecuária, essa diretamente ligada ao campo e despojada de sofisticções e ambições ostentatórias.

À classe dominante interessava afirmar seu poder na cidade, onde a troca de informações era muito mais direta. Assim, a “aristocracia pecuarista meio casca-grossa” conforme definiu Raimundo Girão, foi se tornando burguesia comercial, tendo na cidade um fator importante no processo de transformação do gado em outros bens de consumo.

Os homens residentes em Sobral, nos seus primeiros tempos, dedicavam-se ao comércio, com exceção dos Gomes Parente e Ribeiro da Silva, que eram fazendeiros morando nos campos do Jaibaras.<sup>89</sup>

Liberal de Castro, em sua Pequena Informação Relativa à Arquitetura Antiga no Ceará classificou em três fases os sobrados sobralenses:

As edificações integrantes do que se poderia denominar de primeira fase têm aparência mais pesada, telhados de duas águas arrematados por beirada disposta sobre cornija saliente e, salvo um caso único, jamais utilizam a empena para abrigar sôtão fenestrado”.<sup>90</sup>

O primeiro sobrado de Sobral foi erguido pelo **Cel. Ignácio Gomes Parente (1814)**. Por volta da década de 1970, uma reforma foi levada a cabo, mutilando por completo a fachada original daquele monumento.

---

<sup>89</sup> D. José , *op. cit.*, p. 401.

<sup>90</sup> José Liberal de Castro, *op. cit.*, (1977), p.30.



Figura 34: Sobrado Cel. Ignácio Gomes Parente, o primeiro a ser erguido em Sobral. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

Alguns sobrados da primeira fase:

- **Cel. Francisco Joaquim de Souza Campello (1816):** Rua do Campelo (antiga Rua Nova do Rosário e atual Ernesto Deocleciano), formava oitão com a frente da Igreja do Rosário.



Figura 35: Fotografia a partir da Igreja do Rosário, provavelmente da década de 1940. Em destaque o Sobrado Cel. Francisco Joaquim de Souza Campello (demolido). Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

• **Tenente Antônio Januário Linhares (1837):** Rua Velha do Rosário (atual Rua Cel. José Sabóia), esquina com o Beco do Januário (nome em função do sobrado, atual Rua Luzanir Coelho). Este sobrado ficou conhecido como residência do Deputado Chico Monte.



Figura 36: Sobrado Ten. Antônio Januário Linhares. Este sobrado ficou conhecido como residência do Deputado Chico Monte. Foto do início da década de 1980. Hoje totalmente descaracterizado. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

• **José de Xerez Linhares (s.a.):** Rua do Cisco (atual Rua Joaquim Ribeiro), esquina com a Travessa do Xerez.<sup>91</sup>



Figura 37: Solar Xerez. Demolido. Foto do autor (1989).

<sup>91</sup> O nome devido ao morador desse sobrado permanece até hoje.



- **Major Manuel Francisco de Moraes (1865):**

Rua do Campelo, esquina com Rua da Vitória (atual Av. D. José) na praça do então mercado (hoje Praça Dr. José Sabóia). O prédio era conhecido por Farmácia Monte.



Figura 38: Praça do Mercado (atual Praça Dr. José Sabóia) com destaque para o sobrado Manuel Fco. de Moraes, conhecido como Farmácia Monte. Foto do início do século XX. Demolido. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.



Figura 39: Praça do Mercado (atual Praça Dr. José Sabóia) por ocasião da cheia de 1924. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

Existe, somente, um remanescente dos primeiros sobrados; segundo Dom José foi construído, em 1837, pelo português Francisco Rodrigues dos Santos (o Chico Marinheiro)<sup>92</sup>, depois denominado **Sobrado Radier**; talvez seja o último exemplar deste estilo no Ceará, de água furtada no terceiro pavimento, que compõe o mirante. Esse tipo de sobrado encontra referências plásticas nos sobrados de São Luís e seus similares da Praça da Matriz de Alcântara (MA), que talvez tenham inspirado o desenho do Radier. Está

---

<sup>92</sup> Nota da 2ª edição: D. José, *op. cit.*, p. 401. O dito sobrado foi citado na sessão da Câmara, em 19-02-1842, como sendo da Viúva Leal, um ano antes do seu casamento com Chico Marinheiro, que ocorrera em 22-01-1843. Ver Rocha, *op. cit.*, 2017. Pesquisas posteriores revelam que o sobrado teria sido construído por Francisco Antônio Leal, deixando viúva Maria da Conceição Leal, que se casara, em terceiras núpcias, com Francisco Rodrigues dos Santos, o Chico Marinheiro.

situado na Praça Dr. José Sabóia, na esquina com a Av. D. José e a Rua Domingos Olímpio. Os mirantes dos sobrados do sertão tinham função climática de exaurir o ar quente da residência, funcionando como uma chaminé; no caso do Radier, a água furtada não parece ter sido construída com o objetivo climático de promover a troca de calor por convecção do ar, pois existem paredes que a isolam totalmente do espaço da cobertura. Além disso, a água furtada está do lado nascente, isto é, a barlavento<sup>93</sup> em relação à cumeira, obviamente, contrária ao fluxo normal do ar no interior do prédio. Talvez o Radier seja mais um caso equivocado de apropriação estilística, por parte do construtor, de um elemento arquitetônico que tinha o fim específico de vigiar a chegada de navios, ou mesmo de convecção, conforme foi sugerido anteriormente. No caso sobralense, o mirante foi copiado de outras praças pois o elemento original ganhou força simbólica de riqueza.



Figura 40: Sobrado Chico Marinheiro, posteriormente, Radier. Desenho do autor (1989).

---

<sup>93</sup> Nota da 2ª edição: Barlavento substituiu a expressão “montante da ventilação dominante” que consta do corpo textual da 1ª edição.





Figura 41: foto da fachada lateral. Sobrado Chico Marinheiro, posteriormente, Radier. Foto do autor.



Figura 42: foto de escorço. Sobrado Chico Marinheiro, posteriormente, Radier. Foto do autor (2024).

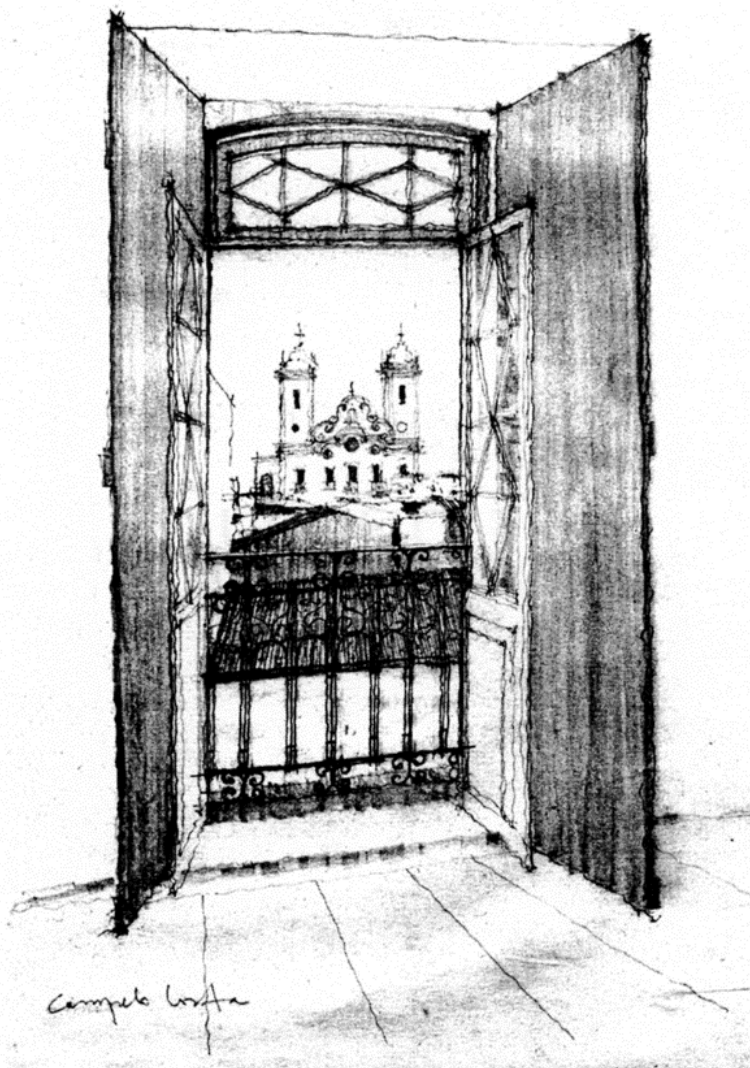


Figura 43: Vista da catedral a partir do mirante do Radier.  
Desenho: Campelo Costa.

O então senador do império Francisco de Paula Pessoa, o “Senador dos Bois”, terminou de construir sua casa em 1836, à Rua da Vitória (hoje Av. D. José). Uma reforma empreendida por D. José, sob o traço do arquiteto João Sabóia Barbosa, em 1935, deu ao edifício um tratamento “inspirado na renascença veneziana”, segundo observa Liberal de Castro em sua Pequena Informação Relativa à Arquitetura Antiga no Ceará.<sup>94</sup>

A residência do Senador Paula Pessoa era uma casa de embasamento bastante alto e destacava-se

---

<sup>94</sup> Nessa época, foi criada pelo Regente Imperial Pe. Feijó a Guarda Nacional, por intermédio da qual, proprietários abastados podiam adquirir suas patentes, daí advém o termo “coronelismo”. Feijó criou, também, o Partido Liberal do qual fazia parte a “dinastia” Paula Pessoa. A partir de então as relações da classe dominante sobralense com o poder central se solidificaram. A família Paula Pessoa exercia um significativo poder político junto ao Governo Imperial. “No segundo distrito eleitoral eram Deputados Gerais todos os genros do Senador Paula Pessoa. Sete dos doze que figuram na chapa, pelo distrito, eram da família Paula Pessoa”. (A Constituição de 18/12/1886, *apud*, Lustosa da Costa, *op. cit.*, p.86.) “Aliás a articulação política de Sobral com a Corte sempre se processou diretamente. O senador Paula Pessoa freqüentava com desenvoltura os salões do Império, jogando cartas na casa do sogro do Duque de Caxias. Vicente Cândido Figueira de Sabóia (Visconde de Sabóia), cunhado de Ernesto Deocleciano, foi médico de D. Pedro II e diretor da Faculdade de Medicina do Rio (...)” (Lustosa da Costa, *op. cit.*, p. 82/83). Os Paula Pessoa eram originalmente da Vila de Granja e os Sabóia, do Aracati. Complemento da 2ª edição: A concessão de patentes para senhores de terras já existia nos tempos coloniais e eram chamadas de mercês e constituam uma representação da Coroa Portuguesa, definida por Clóvis Jucá Neto como “autarquia sertaneja”. “A ausência de oficiais oriundos da Metrópole fortalecia as autarquias sertanejas, pela concessão de várias patentes a sesmeiros nas ribeiras do Ceará. Os fazendeiros do sertão, além de donos das terras, adquiriram a condição de autoridades militares reconhecidas pelo Estado” [português]. Clóvis Ramiro Jucá Neto, **Primórdios da Urbanização no Ceará**, Fortaleza: UFC/BNB, 2012, p. 218.

do conjunto pela altura do telhado, podendo ser identificada na paisagem urbana, sendo um sobrado, mas, de fato, não o era. Seu perímetro era todo formado por um muro de arrimo que continha um aterro de areia grossa, formando uma camada de aproximadamente 2,50m de altura. As paredes centrais tinham seus alicerces com cerca apenas 80cm de profundidade apoiados neste colchão de areia. O piso, como era comum na maioria das casas da época, era ladrilhado de lajota de barro cozido, com formato hexagonal de diagonais de, aproximadamente, 18cm.<sup>95</sup>

Quase todos esses sobrados foram, irremediavelmente, modificados ou, na maioria das vezes, demolidos, alguns ainda no século XVIII <sup>96</sup>, por ameaça de desabamento (a argamassa de assentamento usada era de barro e não de cal), e outros não mais existem por efeito da especulação imobiliária.

Uma mudança sociocultural importante para a época foi a construção do Cemitério São José (1852-1861). O cemitério surgiu como um novo elemento de intervenção do traçado urbano. Antes da existência do cemitério, os mortos eram enterrados nas igrejas, exalando um odor insuportável e causando sérias epidemias na população. Acreditava-se ser importante repousar no interior da casa de Deus para aumentar as chances de salvação.

---

<sup>95</sup> Informações colhidas durante uma visita técnica do autor a uma obra dentro deste edifício (atual Colégio Santana) em 1996. Não existem registros fotográficos.

<sup>96</sup> Nota da 2ª edição: O corpo textual da 1ª edição refere-se a “século passado” como sendo o século XIX.

Para uma sociedade, cuja classe dominante tinha franco acesso às novidades urbanas do Rio de Janeiro, São Luís e Recife, não era difícil imaginar, em Sobral, apreensões de estilos em voga na época e traduzidos nas possibilidades construtivas do sertão.

Essas boas relações sociais possibilitaram a inspiração e adaptação dos requintes da corte na arquitetura, provavelmente, influenciadas, também, por Recife por causa das relações comerciais. As soluções dos sobrados tornaram-se mais leves, caracterizando uma tipologia que Liberal de Castro chamou de “segunda fase”. As envazaduras das grossas paredes apareceram com mais frequência, e as cobertas adotaram telhados de três ou quatro águas “arrematadas por platibandas em que se aplicam motivos greco-romanos, ou elementos decorativos à Bonaparte”.<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> José Liberal de Castro, *op. cit.*, (1977), p.31.



Alguns exemplares dos sobrados da segunda fase:

- **Major João Pedro Bandeira de Melo (1844):** Rua da Vitória (atual Av. D. José), esquina com o Beco Largo (atual Rua Deolindo Barreto). Funcionou como palácio episcopal e abriga o acervo do Museu D. José.



Figura 44: Major João Pedro Bandeira de Melo, 1844, atual Museu Diocesano D. José. Fonte: Focus Studio.

- **Major Ângelo Ribeiro Duarte (1844):** Rua do Apolo (antiga Rua da Gangorra e atual Rua Conselheiro Rodrigues Jr.)<sup>98</sup>, esquina com a Travessa da Botica (continuação da Rua do Campelo, atual Ernesto Deocleciano) e com a Praça da Municipalidade, onde se situa a Câmara Municipal e atual Praça D. Jerônimo Tomé.



Figura 45: Sobrado Major Ângelo Ribeiro Duarte, funcionou como cassino até metade do séc. XX. Foi parcialmente demolido na década de 1980 e reconstruído em 2006 como anexo da Câmara Municipal. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

---

<sup>98</sup> Nota da 2ª edição: As toponímias antiga e atual da Rua do Apolo estão corrigidas no corpo textual da 2ª edição. Este sobrado teve seu pavimento superior demolido e foi reconstruído em 2006 conforme projeto do arquiteto Campelo Costa para funcionar como anexo da Câmara Municipal.

• **Domingos José Pinto Braga**, português (entre 1835 e 1840?)<sup>99</sup>: Praça do Mercado, esquina com a Rua da Aurora (atual Domingos Olímpio).



Figura 46: Sobrado Domingos José Pinto Braga, em primeiro plano, à esquerda. Sua fachada sofreu modificações como a retirada do gradil corrido. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.



Figura 47: Sobrado Domingos José Pinto Braga. Desenho retrospectivo do autor.

<sup>99</sup> Nota da 2ª edição: Incluído um possível período da construção com base em Rocha, *op. cit.*, 2017.



• **Pe. Francisco Jorge de Souza (1858):** Localiza-se em frente ao Museu. Foi comprado posteriormente pelo Senador Paula Pessoa. Reformado em 1997 para abrigar a Casa da Cultura da Prefeitura Municipal de Sobral.<sup>100</sup>



Figura 48: Pe. Francisco Jorge de Souza, 1858, atual Casa da Cultura. Fonte: Focus Studio.

• **Joaquim Lopes dos Santos, português (1837?)<sup>101</sup>:** Rua do Menino Deus esquina com a Travessa da Botica (atual Rua Ernesto Deocleciano).

Observa-se nessas obras um domínio maior da tecnologia de construção capaz de produzir deta-

---

<sup>100</sup> Os autores do projeto de reforma para a Casa da Cultura foram os arquitetos Edilson Aragão e Herbert Rocha e foi doado à comunidade pelos *Rotary Clubs* de Sobral e Sobral – Betânia em 1996.

<sup>101</sup> Nota da 2ª edição: Incluído um possível período da construção com base em Rocha, *op. cit.*, 2017.

lhes mais elaborados, conforme se observa nas primeiras tentativas de usar elementos neoclássicos, transcritos do Rio de Janeiro.



Figura 49: Solar Joaquim Lopes dos Santos é um elegante exemplar da 2ª fase dos sobrados. Foto do autor.

- **Tito Francisco de Aleluia da Silva (1860):** Rua da Vitória esquina com o Beco do Tito (depois chamada Travessa do Ourives e atual Cel. Antônio Regino do Amaral).



Figura 50: Sobrado Tito de Aleluia. Primeiro da esquina com três portas. Detalhe do fotograma original. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

## **A estrutura urbana do início do século XIX**

No início do século XIX a existência da zona central e comercial da cidade já era fato consumado, tornando-se claro o poder dos comerciantes, embora ainda com forte presença dos pecuaristas. O exemplo concreto do predomínio do comércio,

pode-se apontar a existência dos sobrados. Foram eles edifícios importantíssimos, pois simbolizavam o poder da burguesia comercial em consórcio com a aristocracia pecuarista.

O programa arquitetônico desses sobrados proporcionava uma mescla de área comercial e área residencial, vez que no térreo funcionava a casa de comércio e em cima a residência.

Distribuídos ao longo da Rua da Vitória (atual Av. D. José) e Rua Nova do Rosário (atual Rua Ernesto Deocleciano), os sobrados definiam um percurso urbano de importantes marcos da paisagem, tendo por entroncamento o mercado público, em posição privilegiada na trama urbana. Os espaços urbanos, criados a partir da localização dos prédios públicos, das igrejas e, principalmente, dos sobrados dão a Sobral uma riqueza espacial encontrada em poucas cidades brasileiras. As sequências de espaços abertos e espaços edificados da área mais antiga da cidade dão uma dinâmica especial ao aglomerado urbano, somando-se a isso a verticalidade de igrejas e sobrados (esses sempre nas esquinas), funcionando como contraponto nas visuais da cidade. Diferente das demais cidades cearenses, onde os velhos casarões se dispunham ao longo de uma só rua (por exemplo, a Rua Grande em Aracati), os marcos visuais sobralenses (sobrados e igrejas) são dispostos de maneira sutil, sem se mostrarem por completo à primeira vista, causando uma sequência de sensações visuais muito próprias, à medida em que se percorre a área antiga.<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> Como foi registrado no Processo de Tombamento de Sobral, proposto pelo IPHAN – 4ª Coordenação Regional, e em desenhos do arquiteto Campelo Costa, publicados pela Prefeitura Municipal

A disposição do conjunto arquitetônico desse período mantinha a harmonia com as primeiras habitações. Usando os mesmos elementos arquitetônicos (arco abatido, beiral disposto sobre cachorros, beira-sobeira, etc.), os sobrados e igrejas, contrapontos na paisagem setecentista, ampliavam a malha urbana com tendência ortogonal, intercalando os largos e as praças com os becos descontínuos e estreitos dos primeiros anos da Vila.

---

de Sobral em junho de 2000. Marta Emísia Jacinto Barbosa, Meize Regina Lucena Lucas, Raimundo Nonato Rodrigues de Souza, Regina Ilka Vieira Vasconcelos, “Sobral Patrimônio Nacional”, Prefeitura Municipal de Sobral, 2000.



Figura 51: Sequência de visuais urbanas mostram a mistura dos traçados arcaicos espontâneos com o traçado ortogonal, difundido, em Sobral, a partir do período imperial. À direita vê-se um detalhe da Igreja do Menino Deus, avançada em relação ao alinhamento. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.





Figura 52: Sequência de visuais da Rua Ernesto Deocleciano conforme projeto de graduação. Rocha (1989).

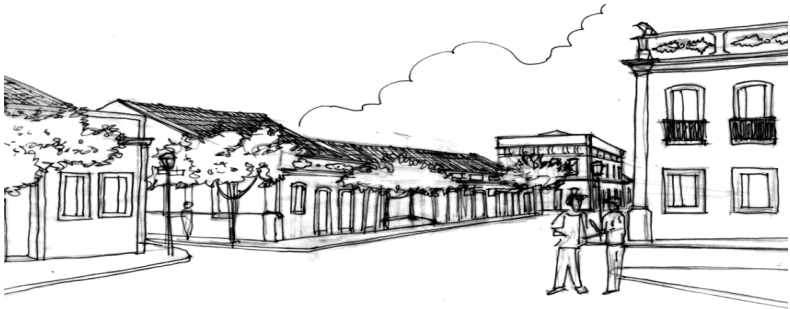


Figura 53: Sequência de visuais da Rua Ernesto Deocleciano conforme projeto de graduação. Rocha (1989).



Figura 54: Sequência de visuais da Rua Ernesto Deocleciano conforme projeto de graduação. Rocha (1989).



Figura 55: Sequência de visuais atrás da Igreja da Sé, conforme projeto de graduação. Rocha (1989).



A casa da câmara e cadeia (1854)<sup>103</sup> e o mercado público (1821) foram os principais elementos definidores da estrutura urbana de então; ambos merecem destaque quanto à implantação.

O mercado público veio reforçar a tônica comercial da cidade, tornando-se coração das atividades do centro. O comércio que se desenvolveu em sua volta foi de tal modo enraizado que, ainda hoje, aquele local é o âmagô da zona central da cidade.

A arquitetura sobralense desse período, além de importar peças de serralheria do Maranhão, também, foi influenciada pela arquitetura de Recife, um dos principais centros irradiadores da cultura eurocêntrica para a região de Sobral na época. Acrescente-se a isso o fato de que a classe dominante de então era, na sua maioria, oriunda de Pernambuco. “É da excelência do povoador que trouxe, principalmente, oriundo de Olinda e Recife, o gosto dos sobradões e dos hábitos sofisticados que iria surpreender os visitantes, na última metade do século passado”.<sup>104</sup>

O caráter lúdico continuava fazendo-se representar nas igrejas que, dominando quase sempre um largo à sua frente, concentravam a população nos dias de festa.

---

<sup>103</sup> Nota da 2ª edição: Substituída a data da construção da Câmara de 1848 por 1854, ano da consolidação da sua volumetria com base em Rocha, *op. cit.*, 2017.

<sup>104</sup> Lustosa da Costa, *op. cit.*, p.85. Complemento da 2ª edição. Entenda-se “século passado” como século XIX.

Como elemento referencial do espaço, também, foi ampliada a nova casa de câmara e cadeia, com implantação valorizada, e dividindo com a matriz a dominância espacial e simbólica da principal praça da vila. A elevação de Sobral à categoria de cidade, apesar de o título ser meramente honorífico, pois em nada modificava a autonomia da Vila, aumentou o valor simbólico do edifício e conferiu maior status ao caráter gestor do incipiente centro.

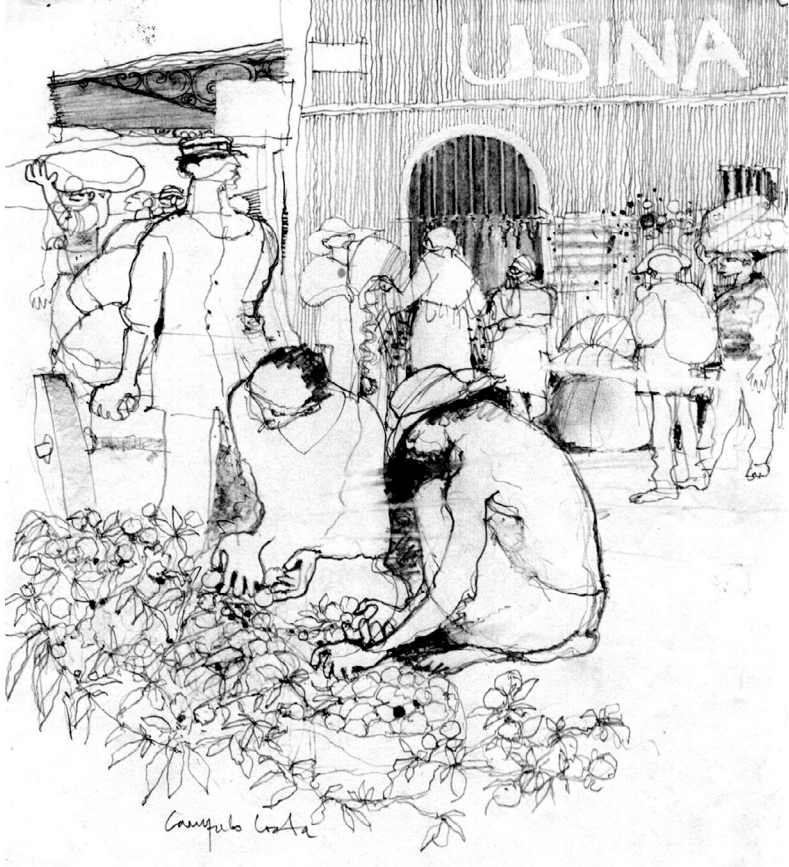
A maior característica da primeira metade dos oitocentos foi, sem dúvida, o caráter econômico e simbólico conferido ao centro pelos sobrados, e a implantação do mercado, integrando os dois núcleos originais de cidade (Matriz e Rosário) através das ruas Velha e Nova do Rosário, reforçando a ligação entre elas, o Becco do Cotovelo, ou Travessa do Xerez.

A atividade comercial foi, portanto, a articuladora da expansão e integração do espaço urbano sobralense daquela época. Somam-se a ela a nova concepção de traçado ortogonal e a valorização dos espaços que, diante da formação da burguesia comercial sobralense, iriam sofrer influências do requinte arquitetônico dessa nova classe social, que enseja um novo capítulo deste relato – O Algodão.



Praça do Mercado — Sobral. (Ceará.)

Figura 56: Praça do Mercado, atual Praça Dr. José Saboia. À esquerda, vê-se um os lampiões a querosene, implantados em 1893. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.



## **CAPÍTULO 3 - O ALGODÃO** **(meados do séc. XIX ao começo do** **séc. XX)**

O algodão começou a ser plantado, no Ceará, desde a Guerra da Independência Americana, no século XVIII, como já vimos no capítulo anterior. Sua exportação era insignificante, relativamente, ao montante nacional, muito embora seu solo manifestasse excelente aptidão agrícola para a cotonicultura.

O segundo e mais forte impulso do algodão cearense deu-se com a Guerra da Secessão Americana (1860 - 1865). O Brasil, mais uma vez, passou a fornecer o algodão necessário à indústria inglesa, dessa vez em maior quantidade e com grande participação cearense. Mesmo depois do fim do conflito, quando as plantações norte-americanas se restabeleceram, o algodão cearense de qualidade superior continuou a alcançar bom preço, na praça de Londres, chegando a valer 31% a mais que o de seu concorrente. É importante observar a relativa dependência econômica entre o Brasil e o exterior. Não obstante, de serem consideradas suas dimensões continentais e a desobrigação de fornecer produtos à metrópole após a sua Independência, o Brasil já se ocupava de um grande comércio interno regional, praticado pelas vilas dos sertões, recebendo os produtos europeus importados por vários portos que, antes, só se davam por cabotagem.

Tabela XI: participação do algodão na receita das exportações brasileiras 1841-1890.

<b>1841/50</b>	<b>1851/60</b>	<b>1861/70</b>	<b>1871/80</b>	<b>1881/90</b>
7,50%	6,20%	18,30%	9,50%	4,20%

Fonte: Lemenhe<sup>105</sup>.

O plantio do algodão no Ceará pode ser dividido segundo as três principais cidades e suas áreas de influência. As tabelas demonstram que a participação de Sobral na cotonicultura era periférica.<sup>106</sup>

Tabela XII: algodão exportado pelos portos do Ceará em 1811 (arrobas).

<b>Porto do Embarque</b>	<b>Pernambuco</b>	<b>Inglaterra</b>	<b>Total</b>
Fortaleza	2.128	9.226	11.354
Aracati	9.249		9.249
Acaraú	5.581		5.581
Camocim	278		278
<b>TOTAL</b>	<b>17.236</b>	<b>9.226</b>	<b>26.462</b>

Fonte: Brígido<sup>107</sup>.

<sup>105</sup> Maria Auxiliadora Lemenhe, *op. cit.*, p. 50.

<sup>106</sup> Nota da 2ª edição: Parágrafo reposicionado no corpo textual desta edição.

<sup>107</sup> João Brígido. "A Capitania do Ceará e Seu Comércio". Revista do Instituto do Ceará, 24, p. 182 e 183.

Tabela XIII: produção de algodão por área de influência urbana.

<b>MUNICIPIOS</b>	<b>ESTABELECEMENTOS</b>	<b>PRODUÇÃO (Kg)</b>
<b>FORTALEZA</b>		
Soure	70	-
Maranguape	60	9.500
Baturité	-	17.000
Imperatriz	320	20.000
Cascavel	3	-
Maria Pereira	50	-
Riacho Sangue	10	1.100
<b>Subtotal</b>	<b>531</b>	<b>47.600</b>
<b>ARACATI</b>		
Aracati	50	12.000
Jardim	33	6.000
São Mateus	15	-
Assaré	13	-
Russas/Pereiro	-	-
Icó/Lavras	-	59.000
Crato/Barbalha	-	-
<b>Subtotal</b>	<b>111</b>	<b>77.000</b>
<b>SOBRAL</b>		
Santa Quitéria	22	-
Santana	10	400
Acaraú	9	-
Ipú	-	-
<b>Subtotal</b>	<b>41</b>	<b>400</b>

Fonte: Guabiraba<sup>108</sup>.

<sup>108</sup> Maria Célia Guabiraba. História da Agricultura no Ceará, O Caso de Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1983.

Observa-se, logo a partir da metade do século XIX, o rápido crescimento de Fortaleza na hierarquia urbana cearense. A navegação direta por Fortaleza, iniciada em 1858, mesmo ainda sem porto organizado, aumentou o interesse de companhias de comércio estrangeiras, destacadamente, inglesas e portuguesas que abriram escritórios na capital cearense; com produtos industriais mais baratos, mercê da compra direta com a Europa. As transações comerciais de Icó e Aracati com Recife foram, aos poucos, perdendo o vigor. Paradoxalmente, o auge do desenvolvimento econômico<sup>109</sup> de Sobral deu-se, justamente, nos meados do século XIX. Fortaleza chegou, em 1872, a contar cerca de 21.000 habitantes e Sobral 27.500.

A inexistência de bancos, no Ceará, até 1879, quando a Caixa Econômica abriu uma agência em Fortaleza, fez caber “às grandes Casas de Exportação financiar os agricultores garantindo-lhes a compra antecipada da safra, controlar os careteiros através dos quais se fazia todo o transporte de da mercadoria em comboios de animais do interior para a capital e, no caso do Algodão mais especificamente, criar as usinas de beneficiamento e prensagem com o intuito de garantir o padrão de qualidade exigido para a exportação.”<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> Nota da 2ª edição: O termo “socioeconômico” foi substituído por “econômico” no corpo textual desta edição.

<sup>110</sup> Elizabeth Fiúza Aragão. “A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará: O Setor de Fiação e Tecelagem - 1880-1950”, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/ Stylus Comunicações, 1989, p. 4



Exemplo dessa afirmação é o seguinte extrato de conta corrente do comerciante sobralense Antonio Ferreira da Rocha, com a filial fortalezense da firma inglesa de comércio exterior, Singlehurst:<sup>111</sup>

Tabela XIV: conta corrente de Antonio Ferreira da Rocha com *Singlehurst and Co*<sup>112</sup>.

Saldo em 31/01/1875	26.556\$700
Saldo em 28/07/1874	50.000\$000
Declarou:	
1.163 sacas de algodão em 1873 no valor de	44.692\$800
56 couros no valor de	480\$240

Fonte: testamento de Antonio Ferreira da Rocha de 14/11/1891. Acervo do autor.

Mesmo em situação periférica na produção algodoeira, a classe comercial de Sobral experimentou um enriquecimento com certo grau de luxo, conforme evidenciado pelos tipos de bens inventariados. Outrora, até a primeira metade do século XIX, predominavam, nos inventários pós morte, as proprieda-

<sup>111</sup> Nota da 2ª edição: Parágrafo reescrito e reposicionado no corpo textual da 2ª edição. Segue nota da 1ª edição correspondente a este parágrafo:

A Singlehurst & Co. com sede em Liverpool iniciou suas atividades em 1835, conhecida como Casa Inglesa. (...) “40% desses estabelecimentos se encontravam nas mãos dos estrangeiros. A percentagem aumenta consideravelmente ao vislumbrarmos os setores cruciais da atividade de exportação-importação, ou seja os **escritórios de comércio** e armazéns com 60% e 70% de estrangeiros, respectivamente.” Elisabeth Fiúza Aragão, “A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará: O Setor de Fiação e Tecelagem – 1880-1950”, Universidade Federal do Ceará, NUDOC/Stylus Comunicações, 1989, p.38.

<sup>112</sup> Nota da 2ª edição: “colhidos a partir do testamento de Antonio Ferreira da Rocha de 14/11/1891”. Esta informação fazia parte do corpo textual da 1ª edição trazida, agora, para rodapé.

des rurais e gados. Utensílios agrícolas básicos como enxadas e cavadores eram dignos de nota. Já na segunda metade dos oitocentos, registram-se bens mais sofisticados como casas urbanas e um piano. Exemplo disto é o inventário do comerciante Antonio Ferreira da Rocha conforme se vê a seguir:<sup>113</sup>

Tabela XV: bens do comerciante Antonio Ferreira da Rocha (1891).

<b>BEM</b>	<b>VALOR (réis)</b>
Piano	300\$000
Burro	60\$000
Vaca	25\$000
Boi	30\$000
Novilho	16\$000
Sobrado de 5 portas de frente na rua do Coronel José Sabóia	9.000\$000
Casa com 3 portas de frente na travessa do Coronel Joaquim Ribeiro	1.500\$000
Casa com 5 portas de frente na travessa do Coronel Joaquim Ribeiro	2.000\$000
Casa com 4 portas de frente na travessa do Cemitério.	1.800\$000
Gleba com 30 braças de frente por ½ légua de largo na Tubiba a oeste do riacho Timbaúba	15\$000
Gleba com 310 braças e 2 palmos de frente por ½ légua de largo na Tubiba na margem esquerda do rio Jaibaras	900\$000

Fonte: testamento de Antonio Ferreira da Rocha de 14/11/1891. Acervo do autor.

<sup>113</sup> Nota da 2ª edição: Parágrafo incluído na 2ª edição.

Completando ainda a ideia de valor das coisas menores na época de 1850 a partir de Raimundo Girão:

Tabela XVI: valores de alguns artigos cotidianos no Ceará em meados do século XIX.

<b>BEM</b>	<b>VALOR (réis)</b>
chitas de cores fixas	169, 200 e 240 rs. o côvado
corde vestido de garça de seda ou de cambraia com lindas barras	3\$000
luvas de seda	1\$600 o par
paletó e alpaca	6\$000
chapéu fino	7\$000
arroz em casca e milho	1\$700 o alqueire
açúcar branco	100rs. a libra
café moído	120rs. a libra
sabão nacional	125 rs. a libra
vinho PRR, tipo popular, que se bebia como hoje se toma a cerveja.	200 rs. a garrafa
cerveja	320 rs.

Fonte: Elaborada pelo autor com dados de Girão (2000) <sup>114</sup>.

## **A pior seca**

Os efeitos da seca de 1877 foram os mais terríveis de todos os tempos, desbancou a ascendência

---

<sup>114</sup> Nota da 2ª edição: Esta citação compunha o corpo textual da 1ª edição: “Os descontos de letras eram feitos a juros de 1 ½ por cento ao mês.” Raimundo Girão, *op.cit.*, 2000, pp. 334 - 335.

econômica experimentada por Fortaleza, nos anos que antecederam o estio. As boas relações da classe dominante cearense e sobralense com a Corte sustentaram a cidade no ano da seca que dizimou todo o rebanho cearense. Com a seca improvisaram-se, em todo o Ceará, os socorros públicos como frentes de trabalhos para os flagelados que acorriam às maiores cidades, não só as praieiras, mas também aquelas — como Sobral — que nunca deixaram de ter água no subsolo do leito dos seus rios.

Sobral e Icó eram, ao norte e ao sul os pontos atingíveis pelos carros de bois.(...) Vir do Crato, de Lavras, do Icó ou de Sobral à capital, era empreitada séria, e demandava sério e demorado preparo de semanas.<sup>115</sup>

Os investimentos em obras emergenciais<sup>116</sup> resultaram em 73 açudes, 64 igrejas, 50 cemitérios, 48 cadeias, 19 pontes, 14 mercados, 7 quartéis, 3 asilos, além de estradas, calçamentos e na aceleração dos trabalhos da ferrovia que liga Fortaleza a Baturité e o início da estrada de ferro de Sobral a partir de Camocim, cujo trecho foi inaugurado em 1882.

---

<sup>115</sup> Fiúza Pequeno *apud* Raimundo Girão, *op.cit.*, 2000, p. 396.

<sup>116</sup> Nota da 2ª edição: no Ceará.



Figura 57: Estação Ferroviária de Sobral. Foto do autor.



Figura 58: Estação Ferroviária de Camocim. Foto: Isorlanda Caracristi.

Em Sobral construíram-se a cadeia pública (1879) e a estrada da Meruoca. Por ocasião da implantação da Estrada de Ferro do Sobral foram elaboradas plantas das cidades de Sobral, Massapê, Granja e Camocim, em uma só prancha, que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O padrão de casa urbana, talvez, não estivesse ainda formalmente definido. Algumas tecnologias, como a taipa e a palha, não eram consideradas dignas de figurar no espaço urbano<sup>117</sup>. É importante observar que o traçado do sistema viário de uma cidade é definido por caminhos que se formam em função de necessidades de deslocamento, quer em espaço construído, ou não construído. Essas casas mais efêmeras que não se coadunam com o eurocentrismo não aparecem na planta de 1880 mas, algumas, resistem como testemunho material da ocupação urbana do passado.

---

<sup>117</sup> Nota da 2ª edição: Por este motivo não eram representadas na cartografia oficial.





Figura 59: Detalhe da planta da Estrada de Ferro do Sobral, 1880. Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

A figura, a seguir, mostra a construção de uma parede recente à frente de outra de taipa. A arquitetura por trás da alvenaria mostra características de uma casa colonial do século XVIII: o pé direito baixo, os cachorros arrematando o beiral e o tabuado largo das portas e janelas. Essa casa, por exemplo, locali-

zada à Rua 25 de Setembro, não está contemplada na planta, o que nos leva a concluir que a ocupação dos povoados era, de fato, maior que a representada.



Figura 60: detalhe de parede de uma casa na antiga Rua do Rio. Foto: Aida Montenegro.



A seca, também, foi responsável pelo êxodo dos cearenses, para o Norte do País, buscando o trabalho de extração da borracha. A população de Sobral, entre os anos de 1872 e 1900, sofreu uma redução de quase 4000 pessoas e o Ceará assistiu a perda de 1/3 de seus habitantes que morreram ou emigraram.<sup>118</sup>

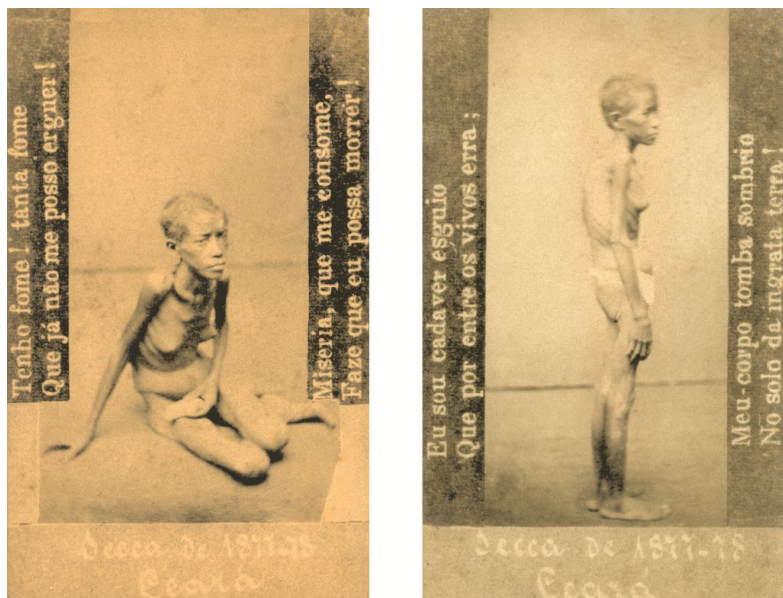


Figura 61: flagelada anônima da seca de 1877-78. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

<sup>118</sup> Nota da 2ª edição: Destaque-se que neste período foi criado o município de Meruoca, em 1885, desmembrado do termo de Sobral. Meruoca contava, em 1900, com 14.714 habitantes. Cf. BRAZIL, **Synopse do Recenseamento**: Ano 1900. Ministério da Indústria, Viação e Obras Publicas. Directoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1905. Disponível em: <<https://goo.gl/KaYl0M>>. Acesso em: 28 set. 2016.

Tabela XVII: população de Sobral (1777 - 1900).

ANO	1777	1813	1872	1900
POPULAÇÃO	6.207	15.518	27.567	23.578

Fonte: Uchoa<sup>119</sup>.

## A estrada de ferro do Sobral

Das obras de infraestrutura que se fizeram em meados dos oitocentos, a Estrada de Ferro de Sobral foi, sem dúvida, a que mais influenciou a paisagem urbana e a economia.<sup>120</sup>

Foi muito criticado o traçado da estrada que deveria contornar o sopé da Serra da Ibiapaba; entretanto, a linha que se fez demandou Sobral. Em 1881, o engenheiro chefe da Estrada de Ferro do Sobral, Dr. Luiz da Rocha Dias, em um parecer encaminhado ao presidente da Província Pedro Leão Velloso, aborda a importância do comércio de Sobral para a viabilidade da estrada:<sup>121</sup>

Como já disse o algodão produz bem desde os limites centrais da província; mas para o seu transporte de Granja e de Sobral ao porto de embarque, de certo que não havia necessidade de uma estrada de ferro. Da primeira cidade ao Camocim os transportes faziam-se, e continuarão a ser feitos em grande parte, pelo rio em canoas e lanchas de Sobral ao Acarahú; serão os gêneros transportados em carros puxados por bois, e, apesar da morosidade, este meio de transporte ia servindo sem grande dificuldade.

<sup>119</sup> Waldery Uchoa, “Anuário do Ceará”, 1952.

<sup>120</sup> Nota da 2ª edição: Parágrafo inserido na 2ª edição.

<sup>121</sup> Nota da 2ª edição: Desde que a estrada terminasse em um porto.

Seria, porém, a intenção do governo imperial construir esta estrada fazendo ponto terminal em Sobral? Certamente, que não. Importaria isso em grande prejuízo ao interesses do Estado, e a província pouco ou nada lucraria com os sacrifícios feitos em favor della.”<sup>122</sup>

Sobral ratificava sua posição como cidade pólo da região da Ibiapaba, Vale do Acaraú e Serra da Uruburetama, reservando para si parte do mercado pretendido pela já próspera capital Fortaleza.

O binário econômico formado por Sobral e Camocim era um exemplo de como as estradas de ferro se implantaram no Brasil para atender o comércio a partir da navegação de cabotagem e o mercado exterior que sustentava os interesses da indústria inglesa. A ideia era que uma cidade “ponta de linha” coletasse a produção agrícola e exportasse-a por um porto mais próximo. Sobral foi durante algum tempo uma cidade “ponta de linha”, tendo seu porto em Camocim. Cidades que outrora formavam o binário econômico do charque reestruturaram-se, nesse período, em função do algodão, assim como ocorreu com os trechos Mossoró – Areia Branca, Açú – Macau, Campina Grande – “Parahyba” (atual João Pessoa).

---

<sup>122</sup> Gisela Paschen Schimmelpfeng, “A Participação Alemã no Desenvolvimento Sócio-Econômico do Ceará”, Universidade Federal do Ceará, NUDOC/Stylus Comunicações, 1989, p.95. Complementando a informação: “Pela direção dada a essa imprestável via de transporte, desprendendo da praça de Fortaleza os centros produtores do norte da província, o desastre da empresa foi tão completo que noutro país faria encarcerar o engenheiro construtor e seqüestrar seus bens ao ministro que decretou a obra.” João Brígido *apud* Lustosa da Costa, *op. cit.*, p. 91.

Apesar de muito se falar na interligação das linhas ferroviárias, os trilhos continuavam a riscar, ortogonalmente, a costa brasileira; no Nordeste, o motor deste processo era o algodão, enquanto no Sudeste, o café. Binários semelhantes aconteceram com Philadelphia (MG) – Caravelas (BA) e Jundiá – Santos, via São Paulo.

Conforme já foi sugerido, as estradas de ferro do Brasil Imperial não obedeciam a um plano nacional de integração ferroviária; haja vista as diferenças entre as bitolas chamadas largas e estreitas. Em São Paulo e no Rio de Janeiro encontravam-se ambas as bitolas, enquanto no Nordeste predominava a bitola estreita.

## **O início da “fase áurea”**

Após a recuperação da produção norte-americana e os efeitos da Tarifa Alves Branco<sup>123</sup>, que já vigorava desde 1844, formou-se a demanda interna do algodão. A indústria brasileira ensaiou então os seus primeiros passos.

A industrialização do algodão fez-se sentir, também, em Sobral, quando da instalação da Fábrica de Tecidos de Sobral, em 1887, de propriedade do negociante aracatiense, radicado em

---

<sup>123</sup> A tarifa Alves Branco criou uma política protecionista a partir da qual “as mercadorias estrangeiras que desembarcassem no Brasil teriam de pagar de 20 até 60 por cento de impostos alfandegários, ad valorem (Francisco de Assis Silva, “História do Brasil, Colônia, Império e República”, 1984, p. 165).

Sobral, Ernesto Deocleciano de Albuquerque e do maranhense Cândido Ribeiro. A indústria de Deocleciano foi a terceira a implantar-se no Ceará e a segunda em volume de produção.<sup>124</sup>

A seca abalou, financeiramente, muitos negociantes sobralenses. Quase todo o crescimento econômico, registrado em Sobral, naqueles anos, deu-se graças à firma Saboya, Albuquerque e Cia., também, de propriedade de Deocleciano. Saboya, Albuquerque e Cia. montou uma forte infraestrutura de comercialização e industrialização do algodão que ainda hoje mantém o funcionamento da Fábrica de Tecidos e formou uma prole de políticos influentes nas esferas estadual e nacional da recém-proclamada República. A firma conseguiu do governo federal o arrendamento da ferrovia Sobral-Camocim. Em 1894, Deocleciano criou a Empresa Carril Sobralense, instalando bondes puxados a burro que transportavam cargas e passageiros, além de outras empreitadas em outros estados, como no Rio Grande do Norte e no Rio de Janeiro, onde, juntamente com seus filhos, era sócio da Construtora Humberto Sabóia e Cia.

---

<sup>124</sup> A firma Saboya Albuquerque e Cia. foi fundada por Ernesto Deocleciano de Albuquerque e seu tio e sogro José Albuquerque de Sabóia (ex-comerciante do Aracati).



Figura 62: fachada principal da Fábrica de Tecidos Ernesto & Ribeiro. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

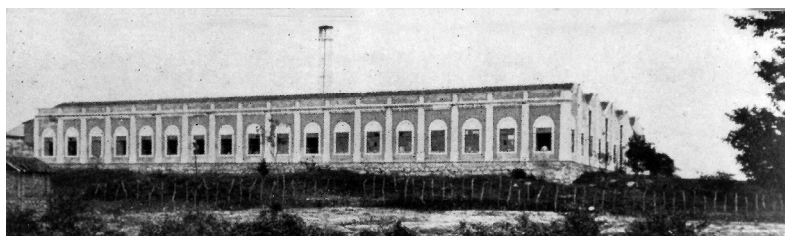


Figura 63: fachada posterior da Fábrica de Tecidos Ernesto & Ribeiro. Embora, atualmente, a parte frontal esteja descharacterizada pelos sucessivos acréscimos, pode-se ter uma visão perfeita desta arquitetura pelos fundos do complexo fabril. Fonte: Arquivo Nirez.

É interessante ressaltar o poder da classe dominante cearense — com participação sobralense — junto ao governo imperial e durante os primeiros anos da República:

Aliás, a articulação política de Sobral com a corte sempre se processou diretamente. O Senador Paula Pessoa freqüentava com desenvoltura os salões do Primeiro Império, jogando cartas na casa do sogro

do Duque de Caxias. Vicente Cândido Sabóia (o Visconde de Saboya), cunhado de Ernesto Deocleciano, foi médico de Pedro II e diretor da Faculdade de Medicina do Rio, onde substituiu o sogro, Senador José Martius da Cruz Jobim. Vicente Sabóia foi empreiteiro ousado com livre acesso ao poder central.<sup>125</sup>

Em 1881, Sobral elegeu logo 2 senadores: Vicente Alves de Paula Pessoa, filho do Senador Paula Pessoa, e João Ernesto Viriato de Medeiros.<sup>126</sup>

O escritor Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, um dos pioneiros do romance regionalista-naturalista, tendo sido deputado da Assembleia Provincial em 1875 e 1892, e como diplomata teve o prestígio de integrar uma missão especial do governo brasileiro a Washington para a arbitragem da Questão das Missões entre Brasil e Argentina; publicou em 1903 o romance *Luzia Homem*, ambientado em Sobral durante a seca de 1877.

A leitura parecia ser hábito dos sobralenses alfabetizados daquele período; entretanto, esse quadro mudaria no século seguinte.<sup>127</sup> Em 1886, foi fundado o Gabinete Sobralense de Leitura, a primeira biblioteca aberta ao público da cidade de Sobral. A população urbana, em 1887, era de 5.605 pessoas, dos quais 3.720 eram analfabetos, portanto, 66% considerando as crianças.<sup>128</sup>

---

<sup>125</sup> Lustosa da Costa, *op. cit.*, p. 91; 83-84. Complemento da 2ª edição: Este comentário constava do corpo textual da 1ª edição, trazido, agora, para nota de rodapé: Vicente Sabóia era filho de Deocleciano, não confundir com Vicente Cândido, o Visconde, que era seu tio.

<sup>126</sup> Lustosa da Costa, *op. cit.*, p. 91.

<sup>127</sup> F. Sadoc de Araújo, "Cronologia Sobralense", Vol. IV, Imprensa Universitária, Universidade Vale do Acaraú, 1985, p. 199.

<sup>128</sup> F. Sadoc de Araújo, *op. cit.*, 1985, p.70.

Outros fatos significativos para a economia e sociedade sobralenses que ocorreram durante a segunda metade do século XIX: a abertura da sua primeira tipografia (1860), o primeiro teatro (1867), a inauguração do telégrafo (1883), a criação da banda de música Euterpe Sobralense (1887), iluminação pública a querosene (1893), a Empresa Carril Sobralense com bondes puxados a burro (1894) e a fundação do primeiro sindicato em defesa de classes (1896).<sup>129</sup>

A expansão urbana, em meados do século XIX, era fato incontestável em todo o Brasil. Começou nessa época uma diversificação nacional das camadas urbanas, com o aumento dos profissionais liberais e dos trabalhadores assalariados, em decorrência da abolição da escravatura. Entretanto, no meio rural de todo o Brasil, o *coronelismo* conheceu então sua fase áurea, e nos sertões nordestinos, ainda, se percebem claramente seus sinais na prática política.

## **Oitão enobrecido, o estilo sobralense**

As novas camadas sociais pediam novas fórmulas arquitetônicas, e a novidade da classe dominante era procurar áreas periféricas para moradia, conferindo ao centro uma característica comercial mais forte.

---

<sup>129</sup> Palestra proferida por Almino Rocha Filho na Câmara Municipal de Sobral, em 1986. Almino Rocha é professor da Faculdade de Ciências Contábeis da UVA e membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras.



Em termos de arquitetura, a presença de uma missão artística francesa, oficial, propõe uma reformulação de princípios aceitos nos dias coloniais, traduzidos pela composição nobre e solene com elementos decorativos de inspiração greco-romana, os quais se constituem nos fundamentos do neoclassicismo. A difusão dessa arquitetura, a partir da Corte para as províncias, nestas repercutiu dos ensinamentos da escola, ainda misturados com formas setecentistas, ou adaptadas às possibilidades econômicas e materiais de cidades distantes. É compreensível que essa aparência híbrida teria fatalmente de surgir numa área meio isolada, como a sobralense. A platibanda ocorrida nas fachadas externas, solicitada pela coleta de águas pluviais, exige modificações na forma da cobertura de “Status” social, valorizador da rua como centro de vida urbana, defesa dos transeuntes.<sup>130</sup>

No Sobral daquela época as novidades da Corte eram recebidas com relativa rapidez, de modo que por volta de 1880 a arquitetura dos sobrados também seria posta de lado, mas substituída, numa **terceira fase**, pelo emprego de uma solução conciliatória, que, mostrando desenho significativamente local, aproveitava os sótãos das casas de esquina, valorizando-lhes artisticamente os oitões.<sup>131</sup>

Esses “oitões enobrecidos” são, com certeza, as tipologias arquitetônicas<sup>132</sup> mais importantes da cidade de Sobral. Infelizmente, assim como a maioria dos edifícios antigos, são depredados e demolidos com uma rapidez desmedida. Alguns deles revestiam-se

---

<sup>130</sup> Liberal de Castro, *op. cit.* 1973.

<sup>131</sup> Liberal de Castro, *op. cit.* 1977, p.32.

<sup>132</sup> Nota da 2ª edição: a expressão “as construções” da 1ª edição foi substituída no corpo textual por “as tipologias arquitetônicas” e eliminada a palavra “arquiteticamente” além de acrescentada a palavra “estampilhados”.

de azulejos portugueses estampilhados (já industrializados), formando um harmonioso complexo próximo à Praça Figueira de Melo. A depredação sobralense deixou um só exemplar para contar a história: o Solar Fernando Mendes (hoje Patronato Maria Imaculada).<sup>133</sup> É um exemplo raro com disposição em planta que abriga pátios com vista para a rua. Esse estilo, tipicamente, sobralense de construir encontra poucos representantes atuais na paisagem.



Figura 64: Solar Fernando Mendes, atual Patronato Maria Imaculada. Foto do Autor (2023).



Figura 65: azulejo português estampilhado industrialmente. Detalhe da fachada do Patronato. Foto do Autor (1989).

<sup>133</sup> Nele hospedou-se o Conde D'Eu (marido da Princesa Isabel), em visita rápida à cidade por ocasião em que lhe foi oferecido um banquete. Alterado parcialmente para abrigar a capela do colégio interrompendo o ritmo das portas e da platibanda.



Figura 66: casa com oitão enobrecido. Esquina diagonal ao Patronato da figura 62. Foto do Autor (1989).

Essas soluções originais impressionaram o jornalista Antonio Bezerra de Menezes que visitou a cidade em 1884:

As esquinas das ruas e travessas não terminam como nas outras localidades, mas erguem em frontão, simulando andar superior com portas e grades de ferro, diferente um do outro, e pela altura das paredes dão à paisagem ar elegante e imponente. Esta originalidade por si só torna Sobral uma cidade excepcional, atrativa e grandiosa.<sup>134</sup>

## O teatro

O conforto chegava rápido, e a iniciativa privada era a tônica no desenvolvimento. Os equipamentos urbanos que foram implantados, naquela época, definiram o traçado atual da cidade, e

---

<sup>134</sup> Antônio Bezerra de Menezes, “Notas de Viagem”, edição comemorativa do 10º aniversário de fundação da Universidade do Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1965, p. 306 e 307.

alguns deles ainda são importantes na estrutura urbana de hoje; por exemplo, o Teatro São João e a estação ferroviária (1882).<sup>135</sup>

Já em 1867, por iniciativa de 22 particulares, criou-se um dos primeiros teatros do Ceará, o Apolo, que funcionava na antiga Rua da Gangorra.<sup>136</sup> Não existem referências que evidenciem a construção de uma casa de espetáculos, sendo provável o uso adaptado de uma residência. O Apolo funcionou até 1910, não tendo encerrado suas atividades com a construção do Teatro São João, (iniciado, também, por particulares em 1875 e inaugurado em 1885). A localização do São João forma com as demais edificações da praça (Igreja do Menino Deus, sobrados e casario antigo) uma notável composição urbana.

O Teatro São João, em estilo neoclássico, é um dos mais raros exemplos brasileiros do período que apresenta na fachada um frontão em arco.<sup>137</sup> O pro-

---

<sup>135</sup> Nota da 2ª edição: O Teatro São João aparece no corpo textual da 2ª edição e a última frase do parágrafo foi trazida para nota de rodapé: Os trilhos seriam, mais tarde, uma forte barreira à expansão da cidade, como veremos mais adiante.

<sup>136</sup> O primeiro teatro do Ceará foi construído em Icó em 1864. Complemento da 2ª edição: “O Teatro do Icó é o mais antigo teatro público do Ceará, seguido do Teatro São João, no Sobral, ambos próprios municipais. Na Capital, houve salas construídas anteriormente, todavia, obras particulares. Os teatros do Icó e Sobral, localizados em áreas urbanas tombadas pelo IPHAN, foram recuperados na segunda metade do século XX e adaptados ao conforto e às solicitações cenográficas contemporâneas, benefício, pelas mesmas razões, estendido ao Teatro Pedro II, na Viçosa.” Liberal de Castro, *op. cit.*, 2014.

<sup>137</sup> O reboco externo e as calçadas do Teatro São João foram inaugurados em 15 de junho de 1913. Complemento da 2ª edição: ver Sadoc de Araújo, 1991.

jeto é de João José da Veiga Braga, também, autor do projeto da cadeia pública.



Figura 67: Teatro São João (1875 - 1885). Foto do Autor.

A erudição do projeto, desenhado desenvolvido na própria cidade de Sobral, demonstra o elevado grau de educação artística da classe dominante e seus prestadores de serviço. Nos primeiros anos do século XX, a cidade recebeu artistas de outras cidades do Brasil e do exterior, destacando-se as casas de espetáculos, além do Teatro São João, o Teatro Glória e o Palace Club.<sup>138</sup>

---

<sup>138</sup> Nota da 2ª edição. A frase: “Não parece que no século XIX tenham vindo para Sobral artistas de outros países” da 1ª edição foi retirada do corpo textual. Destaque-se que Eugène Benoit Baubrier & Emile Cosmopolitem, casal francês de fotógrafos e pintores, apresentaram-se no Teatro São João em 1881. Ver LEITE, Ary Bezerra. **História da Fotografia no Ceará do Século XIX**. Fortaleza: Ed. do Autor, 2019.

Tabela XVIII: principais apresentações culturais em Sobral no século XIX.

<b>ESPETÁCULO</b>	<b>ORIGEM</b>	<b>CASA</b>	<b>ANO</b>
“O Triunfo da Virtude”, drama.	Local	TEATRO APOLO	1867
Pe. João Francisco Ramos – “oratória sobre assuntos da atualidade”.	Local	TEATRO APOLO	1871
Manuel Coelho de Oliveira, prestidigitação e ilusionismo.	Artista português. Não foi mencionado se radicado no Brasil.	TEATRO SÃO JOÃO	1881
“Morgadinha de Val-Flor”, drama.	Não mencionada.	TEATRO SÃO JOÃO	1881
“Milagres da Virgem Aparecida”, drama.	São Luís – Maranhão	TEATRO SÃO JOÃO	1882
Grupo Lírico Afonso Vilela, estreia com a opereta “A Mascote”. (Realizaram outras apresentações aos domingos por mais de 3 meses).	Não mencionada, sabe-se que não era local.	TEATRO SÃO JOÃO	1890

“O Filho Generoso” e “Independência do Brasil” do grupo Recreio Dramático.	Local	TEATRO SÃO JOÃO	1899
“Primeiro Amor”, drama.	Granja – Ceará	TEATRO SÃO JOÃO	1900
“Drama de Natal”	Local	TEATRO SÃO JOÃO	1900

Fonte: elaborada pelo autor com dados de Araújo (1985 e 1990).

A afirmação de Antônio Bezerra de Menezes e repetida por D. José de que o São João tem sua planta copiada do requintado Teatro Santa Isabel, em Recife, não é procedente.<sup>139</sup> A fachada do São João, em uma única volumetria, é sua principal característica, cujo frontão em arco rompia com o paradigma do frontão triangular sem, entretanto, fugir do desenho de padrão neoclássico. Essa originalidade tornou o São João um exemplar raro no Brasil.

---

<sup>139</sup> Nota da 2ª edição: O Teatro Santa Isabel é composto de 4 volumes: (1) pronau de três arcos plenos sustentando terraço superior; (2) fachada em prisma retangular de dois pavimentos com cinco portas com bandeiras de arco pleno, das quais três se abrem para o terraço; (3) corpo principal do teatro, ligeiramente mais estreito que o volume 2, porém mais alto, encimado com telhado de duas águas de frontão triangular e (4) um prisma posterior com dimensões semelhantes ao volume 2, com porta central e duas janelas de cada lado no térreo e pavimento superior com cinco janelas e coberta escondida por platibanda.

Tabela XIX: características arquitetônicas externas dos teatros S. João e Santa Isabel.<sup>140</sup>

<b>CARACTERÍSTICA</b>	<b>S. JOÃO</b>	<b>STA. ISABEL</b>
VOLUMETRIA	1 só volume	4 volumes
FACHADA	Frontão em arco com 5 portas de frente	Frontão triangular, pórtico em colunata com 3 arcos plenos e 5 portas de frente
PAVIMENTOS ORIGINAIS	2	3
PORTAS LATERAIS	6	2 no volume do foyer, 9 no volume central e 2 no volume dos bastidores

Fonte: elaborada pelo autor.

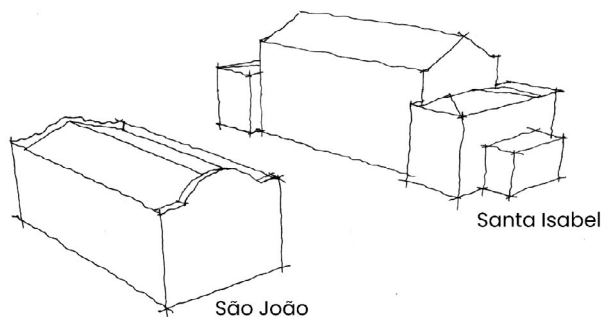


Figura 68: volumetria Esquemática do Teatro Santa Isabel. Desenho do autor. Arte: Irda Veras.

<sup>140</sup> Nota da 2ª edição: simplificada a indicação da quantidade de volumes do Teatro Santa Isabel no corpo desta edição.





Figura 69: Teatro Santa Isabel (1880). Fonte: Moritz Lamberg/Acervo Instituto Moreira Salles.

As únicas semelhanças entre eles são os arcos plenos das portas, típicos de qualquer construção neoclássica, e a implantação isolada, sem vizinhança na mesma quadra, o que contribui para a riqueza da linguagem manifesta na paisagem urbana.<sup>141</sup>

## **A cidade e o bonde**

A integração dos espaços urbanos era feita por meio de ruas largas que se intercalavam com becos estreitos e praças, além da localização acurada dos prédios, evitando conflito de usos e demonstrando sensibilidade na escolha de locais, principalmente, os de uso público: mercado, igreja, teatros, etc.

O Conselheiro Desembargador Figueira de Melo, sobralense, em 1868 doou um conto de réis às autoridades municipais para embelezamento da cidade. O dinheiro foi empregado na confecção de uma planta da cidade (que não foi encontrada) e no embelezamento da antiga “Praça da Fortaleza”, mudando-lhe o nome para “Praça Senador Figueira de Melo”. No final dos anos 60 do século XX, a elegante praça foi destruída para abrigar o Hotel Municipal e, posteriormente, o fórum.

---

<sup>141</sup> Escavações arqueológicas realizadas em 2002 pelo Prof. Marcos Albuquerque e equipe evidenciaram uma interessante disposição em planta do São João seguindo o modelo dos teatros boca de cena definida à italiana.



Figura 70: Aspecto da Praça Senador Figueira de Melo. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

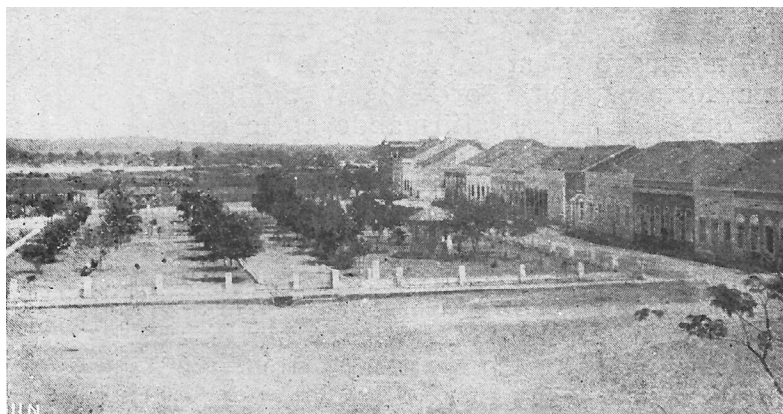


Figura 71: Praça Senador Figueira de Melo, demolida para abrigar o Hotel Municipal e, posteriormente, o Fórum. Fonte: Arquivo Sarto Rios.<sup>142</sup>

O sistema viário sofreu forte influência da linha de bonde, implantada em 1894, como vimos. A Empre-

<sup>142</sup> Nota da 2ª edição: A 1ª edição traz, equivocadamente, a figura da Praça João Thomé, em Camocim.

sa Carril Sobralense explorava o transporte de passageiros e de cargas, da Estação da Via Férrea ao centro da cidade. “Para isso dispunha de uns três ou quatro bondes, com capacidade, cada um, para trinta passageiros, os quais eram puxados por uma parêlha de burros”.<sup>143</sup>

A linha de bondes saía da estação ferroviária em demanda ao largo do Rosário, passando pelo mercado e chegando à Praça do Teatro São João; posteriormente, a linha foi expandida até a Cruz das Almas, no bulevar onde hoje está o Arco do Triunfo.

Os bondes desapareceram, em 1918, talvez, pelo pouco retorno econômico, pois D. José se refere ao “abuso do fiado, no transporte de passageiros”.<sup>144</sup>



Figura 72: Praça do Mercado, atual Praça José Saboia, com destaque para o bonde. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

<sup>143</sup> D. José, *op. cit.*, p. 494.

<sup>144</sup> D. José, *op. cit.*, p. 494 e 495.



Figura 73: cartografia retrospectiva de Sobral no primeiro quartel do século XX com destaque para a linha do bonde. Cartografia elaborada pelo autor. Arte: Irda Veras.

Não se tem certeza de quando a Câmara Municipal de Sobral adotou o bulevar, difundido, em Paris, na metade do século XIX, numa ampla reforma urbanística empreendida pelo Barão de Haussmann.<sup>145</sup>

<sup>145</sup> Os bulevares parisienses influenciaram o desenho de várias cidades brasileiras no final do século XIX e, principalmente, começo do século XX. O Rio de Janeiro, por exemplo, inaugurou a Avenida Central e (avenida Rio Branco) no começo do século XX, ratificando a influência francesa nas demais cidades do Brasil.

“De importância equivalente é a contribuição de Herbster ao traçado urbano de Fortaleza, pois partindo das bases lançadas por Silva Paulet, prossegue no plano de extensão em xadrez, especialmente através das plantas de 1875 e 1888. Herbster, não podendo fugir às imposições da época, no seu plano inclui, por cópia de Paris, uma



Sabe-se que, onde hoje se ergue o “Arco do Triunfo”, em Sobral, existia um cruzeiro chamado “Cruz das Almas”, servindo de balizamento para a larga avenida, posteriormente, chamada de Boulevard Pedro II e hoje denominada Av. Dr. Guarany<sup>146</sup>. O cruzeiro, em madeira, havia sido erguido, em 1796, a mando de Frei Vital da Penha, no principal caminho de boiadas que saía de Sobral em demanda do Acaraú, daí sua largura generosa. Foi demolido por ordem do prefeito José Jácome em 1929.

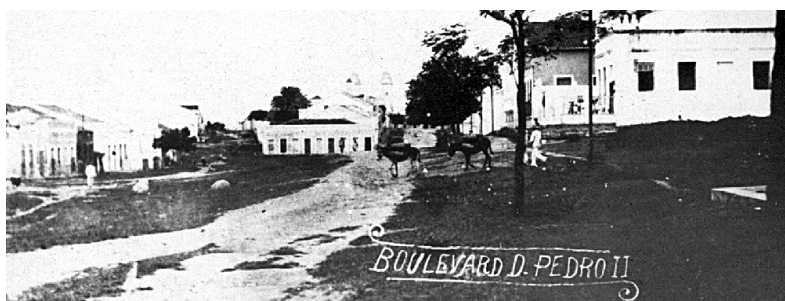


Figura 74: Boulevard D. Pedro II, atual Av. Dr. Guarani. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

Vale ressaltar que até os primeiros anos do século XX as ruas não tinham pavimentação, e as praças eram simples áreas descampadas, que davam um ar bucólico a alguns espaços urbanos.

Verifica-se, contudo, que, naquela época, as ruas principais já eram bastante largas em sua maioria,

---

cinta de avenidas, então chamadas Boulevards, tudo como se vê, aqui e alhures, imitado da capital francesa que acabava de enfrentar as reformas impostas pelo Barão de Haussmann. Essas avenidas envolvem o centro comercial da cidade e respondem AINDA HOJE pelo tráfego emperrado da urbe, sem as quais não se sabe como poderia fluir”. (José Liberal de Castro, *op. cit.*, 1977, p.33).

<sup>146</sup> Nota da 2ª edição: também conhecida como Boulevard do Arco.

contando com uma caixa média de 13 metros entre os meios-fios. As chamadas ruas travessas, ou becos, com caixa mais reduzida, continuaram a aparecer e a compor com as ruas largas, praças e casario elegante.<sup>147</sup>



Figura 75: casa da metade dos oitocentos. Observa-se o telhado em três águas, valorizando a fachada lateral, voltada para a travessa. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

## **A estrutura urbana de meados do século XIX**

Apesar da secundária produção sobralense em relação às outras regiões do Ceará, o algodão promoveu uma mudança radical na economia local e, conseqüentemente, no meio sociopolítico, criando uma classe empreendedora. Implantou-se, na ci-

---

<sup>147</sup> Nota da 2ª edição: A expressão “os espaços urbanos mais imponentes do Ceará” da 1ª edição foi retirada do corpo textual.

dade, uma das primeiras indústrias têxteis do Ceará, desenvolvendo a comercialização do algodão e promovendo investimentos em outras áreas que beneficiaram o espaço urbano.

Nesse período deu-se o estreitamento das relações entre a classe dominante cearense e o governo imperial. Destacam-se as ações dos socorros públicos aliadas aos investimentos vultosos. Sobral foi contemplada com a construção da estrada de ferro, a cadeia pública e a estrada para Meruoca. Além dos investimentos do governo imperial, Sobral foi favorecida pela mentalidade empresarial de sua própria classe dominante, que investiu na cidade e deu continuidade ao embelezamento e à riqueza dos seus espaços urbanos. O Teatro São João retrata bem o exemplo.



Figura 76: Cadeia Pública, antes da adição de um segundo piso que lhe descaracterizou a fachada. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

A valorização desses espaços ganhou força com o aparecimento de um estilo tipicamente sobralense: o híbrido sobrado-casa térrea, os chamados sobrados da terceira fase, segundo Liberal de Castro. Os exemplares dessa arquitetura – de desenho erudito e imponentes, alguns revestidos de azulejos portugueses estampilhados – localizavam-se preferencialmente nas esquinas e abriam-se em oitões para as



travessas<sup>148</sup>. A harmonia do conjunto arquitetônico alcançou, nessa época, sua fase de maior esplendor.



Figura 77: Casario da segunda metade do século XIX intercalado por um exemplar de casa setecentista. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

---

<sup>148</sup> Nota da 2ª edição: A urbanística portuguesa privilegiava a praça como geratriz das principais vias, que eram as ruas, quase sempre alongadas, para onde se voltavam as frentes dos lotes. Eram interrompidas por vias secundárias, travessas, para onde se voltavam as laterais dos lotes de esquinas, cuja parte correspondente ao quintal raramente era fechada por muro, sendo comum o uso de cercas de varas. Com o desenvolvimento da malha urbana, as travessas se valorizavam e ganhavam importância imobiliária levando os proprietários a lotearem seus quintais, criando os “lotes de travessa”. Herdeiro da política urbanizadora portuguesa, o poder público municipal igualmente reconheceu a valorização das travessas e passou a legislar sobre a estética das fachadas laterais. Esse fenômeno foi verificado em todo o Brasil, a partir de meados do século XIX. Os oitões enobrecidos de Sobral foram uma exclusiva solução local para a demanda de valorização das travessas. Aos poucos, as travessas ganhavam o aspecto de ruas e a própria terminologia (travessa) vem caindo em desuso.

O elegante casario, os teatros Apolo (1867) e São João (1885), dentre outras obras, são indicativos do nível cultural da classe dominante, bem como da sua preocupação em valorizar a localização dessas edificações e, assim o fazendo, integrá-las com o espaço maior, a cidade. As afirmações do jornalista Antonio Bezerra de Menezes são um claro testemunho desse fato.

Entendendo a cidade como um fato social, ou seja, a *civitas*, há que se registrar, no período em questão, as massas de desvalidos da seca de 1877 que procuravam Sobral e, principalmente, Fortaleza, como refúgio e polvilhavam a urbe com a miséria em profundo e perverso contraste com a paisagem construída.<sup>149</sup>

---

<sup>149</sup> “Era indispensável ativa vigilância para não serem assaltadas e devoradas as provisões à venda, pela horda de meninos, que não falavam; não sabiam mais chorar, nem sorrir, e cujos rostos, povilhados de descamações cinzentas, sem músculos, tinham a imobilidade de couro curtido. Quando contrariados ou afastados pelos moradores aos empuxões e pontapés, rugiam e mostravam os dentes roídos de escorbuto. Eram órfãos quase todos, ou abandonados pelos pais; não sabiam os próprios nomes, nem donde vinham“. Domingos Olímpio, “Luzia-Homem”, Editora Ática, 1996, São Paulo, XV, p.80).

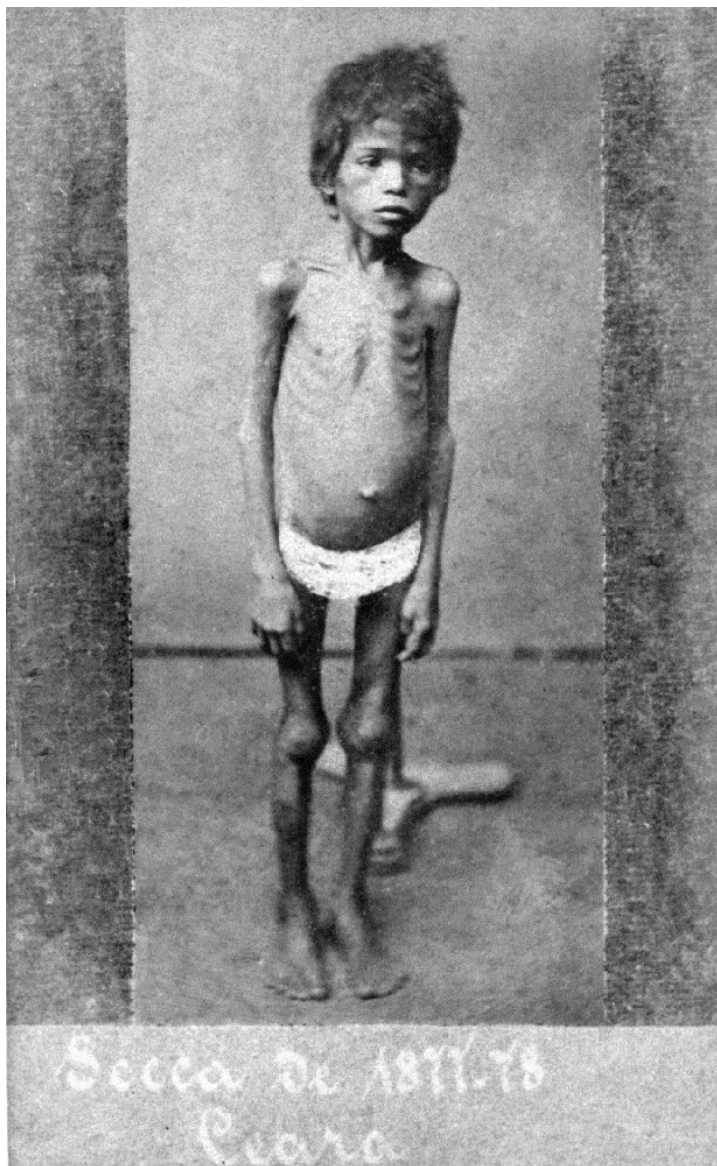


Figura 78: criança flagelada da seca de 1877-79. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

Embora, naquela época, os teatros se localizassem fora do centro, conferiam um caráter lúdico às proximidades da área central, bem como o Prado, local onde se faziam as corridas de cavalo daquele tempo, situado em frente ao lugar onde se encontra, hoje, a estação rodoviária.<sup>150</sup>



Figura 79: Prado, local onde se realizavam as corridas de cavalos. Foto durante a cheia de 1924. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

---

<sup>150</sup> Consideramos o centro da cidade no período do algodoeiro, a área que abrangia o mercado e as ruas adjacentes, a Praça da Municipalidade, Praça da Sé e as imediações do Rosário.

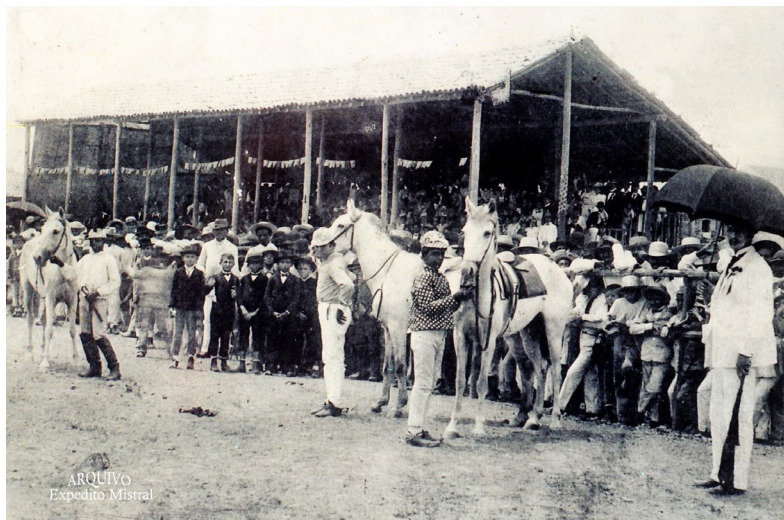


Figura 80: aspecto de corrida de cavalos em Sobral. Foto possivelmente do final do século XIX. Fonte: Arquivo Expedito Mistral.

Os edifícios que definiam a estrutura urbana de então estavam intimamente ligados à atividade algodoeira: a estação ferroviária, a fábrica de tecidos, entre outras. Integrando essas edificações, implantou-se a linha do bonde, trabalhando em função da produção e transporte de algodão e, ao mesmo tempo e de forma secundária, prestando serviços à população, mantendo um caráter simbólico do poder econômico dos Sabóias e Albuquerque.

As igrejas, nesse período, tinham importância secundária na valorização simbólica do centro. A separação do binômio estado – igreja, em 1891, atenuou a sua importância simbólica; entretanto, eles continuavam como veículo de interação entre os membros daquela sociedade.

As reformas nas igrejas continuavam processando mudanças na paisagem. Transcrevemos, aqui, em caráter ilustrativo, uma descrição da Matriz de N.S. da Conceição em 1878, extraída do romance *Luzia-Homem* de Domingos Olímpio

A imensa nave da matriz desbordava de fiéis, amontoados, em confusa massa inquieta, iluminada pelos jorros de crua luz, que se projetavam das arcadas laterais, recentemente rasgadas nas formidáveis paredes de pedra e cal, sobre os mantos alvíssimos das mulheres ajoelhadas. No fundo resplendia a capela-mor, o tabernáculo, esculpido pelo cinzel do mestre João Francisco, o entalhador, com duas séries de elegantes colunas coríntias, eleadas de parreiras, a vinha do Senhor, e rematadas de folhas de acanto, todas brancas de figos dourados e sustentando a arquitrave e a curva do arco que emoldurava a grande tela de *Bindsay* (sic), a Assunção de Nossa Senhora.”<sup>151</sup>

---

<sup>151</sup> Domingos Olímpio, *op. cit.*, XXVI, p. 147 e 148. Complemento da 2ª edição: *Bindsay* seria Johann Bindseil, pintor alemão que esteve em Sobral na segunda metade do século XIX. No Museu Dom José constam 3 retratos, de sua autoria, em óleo sobre tela: Coronel Joaquim Ribeiro da Silva (1858), Senador Francisco de Paula Pessoa (s.d.) e Menina de Verde (s.d).





Figura 81: Igreja da Sé, Matriz de N. S. da Conceição. Foto: Joselito Silveira.



Figura 82: Altar-mor da Igreja da Sé com pintura de Monacelli (1912), representando Pedro recebendo a chave da Igreja. Foto: Joselito Silveira.



Sobral desenvolveu-se ao sabor do crescimento econômico de uma classe empresarial emergente, que aproveitava, com clarividência, um período econômico favorável para o país e soube muito bem articular-se com o governo central. Os reflexos dessas atividades políticas e econômicas ensejavam não só uma vida sócio-cultural mais intensa para a cidade, mas, principalmente, uma continuidade à sua estrutura urbana, propiciando à cidade experimentar uma qualidade espacial, jamais, alcançada posteriormente. Muito embora registrar-se nesse período o apogeu socioeconômico de Sobral, a cidade já era suplantada na hierarquia urbana da Província por Fortaleza, que teve rápido desenvolvimento, lastreado pelo algodão e pela estrada de ferro que buscava o sertão, via Baturité. Observa-se o declínio de Icó e Aracati, depois de 1870, e a ascensão de Mossoró no Rio Grande do Norte.<sup>152</sup>

Consideramos o centro da cidade de Sobral no período algodoeiro a área que abrangia o mercado e as adjacências, a Praça da Municipalidade, Praça da Matriz de N.S. da Conceição e as imediações do Rosário.

---

<sup>152</sup> O binômio Icó-Aracati não teve estrada de ferro no período em questão. Complemento da 2ª edição: A Estrada de Ferro de Baturité chegou ao Crato passando por Iguatu, isolando, assim, a tradicional Icó e atraindo para o porto de Fortaleza o algodão, antes vendido pelo porto de Aracati.



Figura 83: toponímias urbanas de Sobral de 1884 segundo Antônio Bezerra (1965). Fonte: Rocha (2017, p. 254).





## CAPÍTULO 4 - A DIOCESE

Paralelamente às mudanças que se processavam no Brasil e no mundo, na primeira metade do século XX, ocorria em Sobral, um fato de extraordinária importância que trouxe mudanças de ordem política, social, cultural e religiosa à cidade: a criação da Diocese de Sobral, em 1915. No mesmo ano, também, foi criada a Diocese do Crato, entretanto, as repercussões que lá ocorreram foram de uma outra ordem política, muito diferente do que se viu em Sobral. A Diocese de Sobral teve como primeiro bispo D. José Tupinambá da Frota, já vigário da paróquia de Sobral, desde 1908, formado na Europa e dono de uma invejável capacidade administrativa, era sobrinho de D. Jerônimo, o arcebispo primaz do Brasil em Salvador-Bahia.<sup>153</sup>

Paradoxalmente, a empreendedora mentalidade política do bispo identificava-se com a posição autoritária dos coronéis, vez que ambas eram avessas às mudanças estruturais na sociedade da época, aristocráticas e centralizadoras do poder. Aos poucos, D. José chamou para sua diocese a execução de obras infraestruturais na cidade de Sobral, muitas vezes tomando o lugar da municipalidade no cumprimento de seu dever. Talvez pela boa vontade empreendedora do bispo, mesmo depois de sua morte até o final do século XX, aos prefeitos locais não foram cobradas suas verdadeiras atribuições.

---

<sup>153</sup> “Voltando de Roma com visão européia, tornou-se pouco a pouco, o modernizador da cidade. Controlava tudo. E justiça lhe faça: ainda hoje o que ele construiu, serve a Sobral e a Zona Norte do Ceará”. (Lustosa da Costa, *op. cit.*, p. 21)

A diocese, sob orientação de D. José, além da assistência religiosa, educacional e cultural, empreendeu esforços significativos para a configuração do espaço urbano, funcionando, muitas vezes, como uma prefeitura paralela.<sup>154</sup>

Embora possam ser enquadrados no ecletismo e *art-déco*, os edifícios construídos por ele denotam um certo *revival* em busca das formas clássicas. O classicismo sempre prestou-se às obras imponentes, e a humanidade resgatou-o inúmeras vezes no decorrer de sua história, via de regra, quando o momento sociopolítico carecia de um líder que mostrasse austeridade. Isso possibilitou que as intervenções arquitetônicas feitas por ele, nos edifícios de então, mostrassem uma plástica bem definida que se incorporava à paisagem urbana.

Algumas das mais importantes obras de D. José na cidade de Sobral foram:

- A Santa Casa de Misericórdia de Sobral, iniciada em 1912, foi inaugurada em 1925, com fachada eclética de composição simétrica, janelas encimadas com elementos *art-déco*, pátios internos e circulações pavimentadas com ladrilhos hidráulicos decorados em baixo relevo.

---

<sup>154</sup> Nota alterada na 2ª edição. As contínuas doações feitas à diocese, possivelmente, ombreavam-se com a arrecadação da Prefeitura Municipal.



Figura 84: Santa Casa de Misericórdia de Sobral (1925).  
Fonte: Santa Casa de Misericórdia de Sobral.

- O Ginásio Diocesano, criado em 1919, funcionava no prédio da Santa Casa, tendo sido transferido para o complexo do seminário da Betânia em 1934. Posteriormente chamado Colégio Sobralense que, na época, era destinado exclusivamente ao ensino de rapazes, teve sua sede construída nos anos 1940 e apresenta uma arquitetura de extrema simplicidade. As estreitas envidaduras verticais, quase sempre em trios, são encimadas por molduras retas. Uma capela, na esquina, serve de contraponto vertical do longo edifício térreo, sugerindo uma composição *art-déco*.



Figura 85: Colégio Sobralense. Foto do autor (1990).

- Banco Popular de Sobral (criado em 1927), cuja sede data de 1935, com fachada *art-déco*. É interessante sua disposição em planta onde parecia não haver lote naquela esquina que se abria em um pequeno largo lateral e dava para a Igreja do Rosário. A fachada lateral fez-se de modo a deixar paralelos os passeios da rua Luzanir Coelho<sup>155</sup>.

---

<sup>155</sup> Nota da 2ª Edição: A primeira edição traz, equivocadamente, o nome desta rua como Rua Floriano Peixoto.





Figura 86: Banco Popular de Sobral (esquina). Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

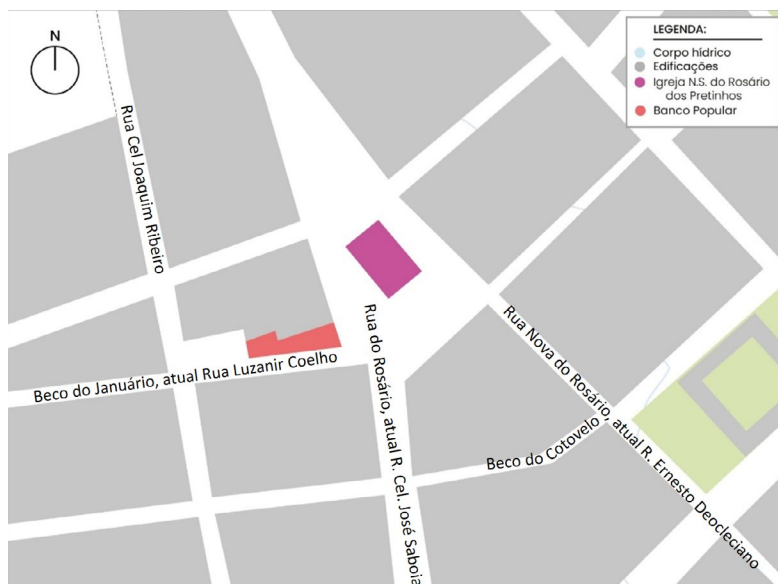


Figura 87: Banco Popular de Sobral em destaque vermelho. Mapa elaborado pelo autor. Arte: Irda Veras.

- O antigo casarão do senador Paula Pessoa foi transformado em Palácio Episcopal, em 1916 e, posteriormente, doado para a instalação do Ginásio Sant'Ana. Uma grande reforma em 1925, deu ao prédio um pavimento superior e um mirante, projeto do arquiteto João Saboia Barbosa, de Fortaleza.<sup>156</sup> O resultado da intervenção, no antigo casarão, foi uma arquitetura bastante elaborada nos moldes ecléticos.



Figura 88: Palácio Episcopal transformado em Colégio Santana, com desenho neoclássico ou neo-renascentista de inspiração veneziana. Foto do autor.

<sup>156</sup> João Sabóia Barbosa (1886-1972), nasceu em Fortaleza e faleceu no Rio de Janeiro onde morou desde 1928. Formado, na Inglaterra, em 1911, exerceu as funções de arquiteto, professor e projetista da Prefeitura de Fortaleza. Um de seus clientes foi o banqueiro sobralense José Gentil Alves de Carvalho, para quem construiu a sede de seu banco e um palacete, em Fortaleza, que hoje abriga a Reitoria da Universidade Federal do Ceará. Talvez as ligações de D. José com o arquiteto tenham sido por intermédio de José Gentil. Ver José Liberal de Castro, *Arquitetura eclética no Ceará*, in “Eclétismo na Arquitetura Brasileira”, org. Annateresa Fabris, Nobel – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

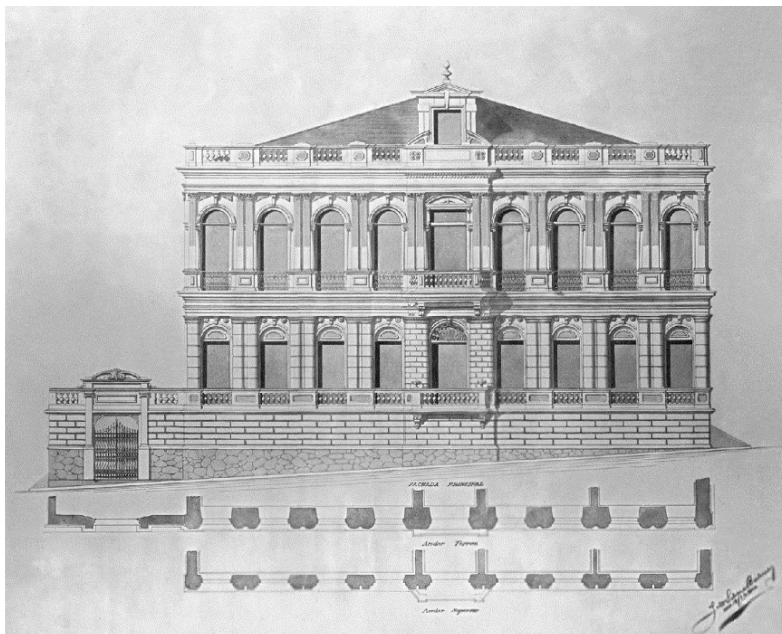


Figura 89: Projeto de reforma encomendado por D. José. Desenho de João Saboia Barbosa (1925). Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

- Por ocasião da doação do Palácio Episcopal para sede do Colégio Sant'ana, a residência oficial do bispo passou a ser o sobrado do Cel. Bandeira de Melo, posteriormente, reformado e ampliado segundo seu estilo original de sobrado da segunda fase para abrigar o rico acervo do Museu Diocesano.
- Em 1953, foi construído o Abrigo Sagrado Coração de Jesus, destinado ao amparo dos idosos. Situado em frente a uma praça, em disposição ortogonal ao Colégio Sobralense. O complexo arquitetônico compõe-se de uma capela no ponto médio da fachada principal, ladeada por dois pátios e mais o bloco de dormitórios, com características *art-déco* e elementos decorativos da fachada que anunciavam uma arquitetura *kitsch*,

conforme veremos mais adiante. Havia, ainda, uma caixa d'água, a primeira de uso público, que garantia o abastecimento daquela parte da cidade.<sup>157</sup>

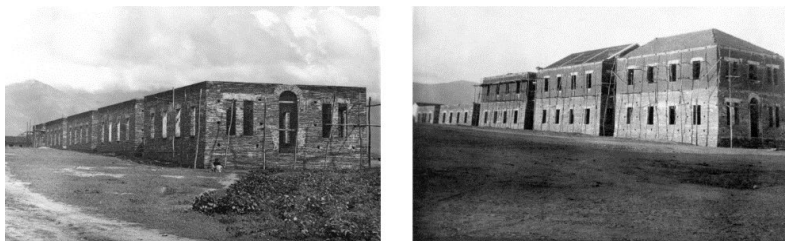


Figura 90: Abrigo Sagrado Coração de Jesus em obras. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.



Figura 91: Abrigo e capela Sagrado Coração de Jesus (1990). Foto do autor.

<sup>157</sup> Segundo Almino Rocha (*op. cit.*), o número de ligações domiciliares chegou a 400. No começo do século XX funcionavam dois sistemas particulares de abastecimento d'água: o da Fábrica de Tecidos de Sobral e da Rede de Viação Cearense (RVC). O primeiro atendia a vila operária e Santa Casa de Misericórdia de Sobral e o segundo atendia à estação ferroviária e mantinha um chafariz no bairro do Junco. As demais residências serviam-se do abastecimento feito no lombo de um burro, até a implantação do Serviço Público Municipal em 1957.



- O Seminário Menor da Betânia é outro bom exemplo do gosto josefino<sup>158</sup>, elegante e tardio, no caso muito sóbrio, que abrigaria, mais tarde, a Universidade do Vale do Acaraú - UVA.



Figura 92: Colégio Diocesano em construção. Posteriormente, transformado em Seminário Menor. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.



Figura 93: Seminário Menor da Betânia, posteriormente, Universidade Vale do Acaraú -UVA. Fonte: Focus Studio.

<sup>158</sup> Nota da 2ª edição: Substituído o termo “estilo” por “gosto” pois estilisticamente trata-se de um neoclassicismo. Refiro-me ao gosto clássico de Dom José.



Figura 94: Vestíbulo do Seminário Menor da Betânia, atualmente, UVA. Foto: Regina Raic.



Figura 95: Sacada do pátio interno da UVA, anteriormente, Seminário Menor da Betânia. Foto: Regina Raic.

Construiu, também, várias outras obras, a exemplo dos acessos aterrados pela Lagoa da Fazenda, ligando o Seminário, hoje UVA, ao resto da cidade, as reformas da Catedral (Matriz de N. S. da Conceição), em 1939, e da Igreja do Rosário.



Figura 96: Igreja do Rosário com provável desenho de Dom José sobre as portas. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.



Figura 97: Igreja São Francisco de Assis, construída por particulares. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

## **A estrutura urbana sob a ótica da diocese**

No cenário sociocultural, a figura de D. José veio reforçar as aspirações aristocráticas da classe dominante sobralense.<sup>159</sup> Embora dono de uma personalidade empreendedora invejável, o bispo

---

<sup>159</sup> Embora muitos segmentos da classe dominante sobralense se caracterizassem como burguesia comercial, ainda havia aqueles que se destacavam socialmente como pecuaristas, ambos identificados como “coronéis”.



não era simpático às mudanças na estrutura social de Sobral. Suas obras arquitetônicas foram, estrategicamente, dispostas na cidade e deixavam simbolizado o poder temporal da Igreja. Assim, os edifícios eclesiásticos, não só os templos, também, colégios e outras instituições ganharam nova força com a figura de D. José, valorizando e ressaltando as características simbólicas, econômicas e político-institucionais do centro.

O Seminário Diocesano (UVA) e a Santa Casa estavam localizados em pontos, diametralmente, opostos e periféricos da cidade, próximos às duas fábricas mais importantes da época, CIDAO e fábrica de tecidos, e suas respectivas vilas operárias formavam dois vetores, outrora de expansão da cidade e, posteriormente, orientadores do crescimento do centro que, claramente, avançava naquelas direções.

Nota-se, portanto, uma lógica urbanística que norteava a locação dos edifícios diocesanos, tendo como eixo a Av. Senador Paula Pessoa (hoje Av. Dom José) e o Bulevar Pedro II (Av. Dr. Guarany), ao longo das quais se localizavam o Palácio Episcopal (museu), Colégios Sobralense e Sant'Ana, Abrigo S. Coração de Jesus e, em extremidades opostas, o complexo arquitetônico do Seminário Colégio Diocesano e a Santa Casa de Misericórdia.



Em meio às intervenções urbanísticas episcopais, a Câmara Municipal, em 1912, autorizou a elaboração de um projeto do perímetro urbano de Sobral, cuja planta não foi encontrada. A cidade parecia ter sido desenhada para o uso das manifestações eclesiásticas, fortemente representada em suas procissões da Semana Santa. A cidade, naquele período, refletia mais a influência da igreja que do capital industrial, este intimamente ligado ao setor oleaginoso.



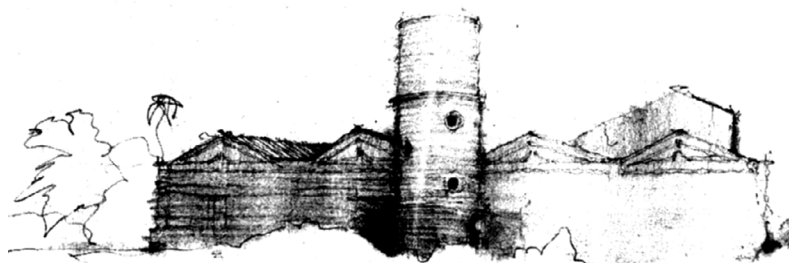
Figura 99: Procissão pelas ruas de Sobral. D. José, de perfil com barrete. Foto de meados da década de 1910. Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.

Há que se destacar, na paisagem, a presença da Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, a Fábrica Santa Emilianiana, de propriedade de Oriano Mendes, que abastecia Sobral de energia elétrica, a partir de seu gerador, e a Usina dos Araújos. A cena urbana que hoje se apresenta para o espectador, a partir da margem direita do rio, era notadamente marcada pelas torres das igrejas do século XIX. Adquiriu maior efeito ao incluir no primeiro plano todas as fábricas citadas, à margem do rio Acaraú, que contribuíram com suas chaminés e caixas d'água para os contrapontos verticais da paisagem da cidade esparramada ao pé da Serra da Meruoca, que se presta como pano de fundo.

Disse uma vez D. José que “as torres de sua igreja eram mais altas que o telhado do fórum”,<sup>161</sup> aludindo às querelas da época com o juiz de direito, Dr. José Sabóia. Paisagisticamente, mais do que com o fórum, suas torres ombreavam-se com a chaminé da fábrica de tecidos dos Sabóias. Incenso e fumaça anunciavam o glamour pelo qual a classe dominante se deixava inebriar, sendo ela própria plateia e atriz de um drama que formou a personalidade sobralense. A cidade, mais do que nunca, era percebida pelos cidadãos como fato social, onde, nos bastidores, os excluídos trabalhavam para a manutenção daquele *show* que não podia parar.

---

<sup>161</sup> Nota da 2ª edição: Lustosa da Costa, **Clero, Nobreza e Povo de Sobral**. 2a Ed. Rio de Janeiro: ABC, 2004, p. 11. Destaque-se que o salão de audiências do fórum funcionava no pavimento superior da Casa de Câmara (já não era mais cadeia) situada defronte a Catedral, a primeira em cota topográfica inferior à segunda.



12

## CAPÍTULO 5 - A INDÚSTRIA

O começo do século XX foi caracterizado por mudanças profundas na sociedade brasileira. Mudanças oriundas de uma crise político-econômico mundial que favoreceu a industrialização brasileira. Em 1910, a montadora de automóveis Ford implantou-se em São Paulo e, em 1925, foi a vez da General Motors. Em 1924, a primeira indústria nacional de cimento Portland começou a produzir em São Paulo.

Dá-se uma expansão econômica, acelera-se o processo de urbanização trazendo em seu bojo novos grupos sociais e novas questões polêmicas. Cria-se o mercado interno e a massa de consumidores para a indústria têxtil (...) O Ceará como as demais unidades da federação também se beneficia deste momento conjuntural. A indústria têxtil local mais do que duplica.<sup>162</sup>

A Primeira Guerra Mundial possibilitou à burguesia empresarial-industrial do Brasil a ampliação do parque produtor, atendendo à demanda internacional de produtos industrializados e matéria-prima. Não somente têxteis eram fabricados, no Nordeste; outras indústrias, tais quais de medicamentos, óleos, cigarros e charutos, eletricidade etc. foram implantadas e tiveram sucesso nos primeiros 20 anos do século XX. O algodão e o, pouco propagado, café cearense foram importantíssimos na capitalização dos empresários cearen-

---

<sup>162</sup> Elizabeth Fiuza Aragão. “A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará: O Setor de Fiação e Tecelagem - 1880-1950”, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/ Stylus Comunicações, 1989, p. 72.

ses durante o século XIX. Nessa época, a porção centro-sul do Brasil, lastreada, principalmente, pela acumulação de capital oriundo do café, definitivamente, se estabelecia como líder incontestável da produção industrial brasileira. A autonomia política de que gozavam as unidades da Federação propiciava um crescimento econômico endógeno, descentralizado do eixo Rio-São Paulo, diferentemente, do quadro atual.<sup>163</sup>

No Ceará, a produção agrícola do algodão e a incipiente produção industrial estavam voltadas para

---

<sup>163</sup> Um pequeno surto de produção cafeeira cearense contribuiu para a acumulação do capital cearense. “Superou, em valor, as exportações do algodão entre os anos de 1860-62 a 1864-65 e no de 1877-78. De 1890 em diante os dois gêneros conservaram mais ou menos o mesmo volume, até que o venceu novamente o ouro branco em 1899-98.” Raimundo Girão, *op. cit.*, 2000, p.380.

Sobre o algodão: “O crescimento industrial do Ceará apresentava sintomas de progresso. Em 1926 contava o Estado com onze prensas de algodão:

- Prensa Boris, de Boris Feres & Cia.;
- Prensa Gradvohl, de G. Gradvohl & Filhos;
- Prensa Myrtil, de Myrtil Lima & Cia
- Prensa Diogo, de A. D. Siqueira & Filho;
- Prensa Exportadora Ceará, de E. Cearense Ltda.
- Prensa Salgado, de Salgado, Filho & Cia.;
- Prensa São Bernardo, de Joaquim Gonçalves & Cia.;
- Prensa Castellar, de Castellar & Irmão;
- Prensa Chambray, de Boris Freres & Cia.;
- Prensa Camilo, de Camilo & Cia. (Guabiraba, 1978:143)

Além das prensas, o Estado contava com cinco fábricas de tecido de algodão e uma usina de óleo, apresentando uma produção já bastante significativa, permitindo o aparecimento de uma população operária no decorrer da década de 20 “. Maria Iselda Rocha Almeida, “A História da Indústria de Óleos Vegetais no Ceará: 1900-1960”, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/ Stylus Comunicações, 1989, p. 44-45.



exportação, recebendo apoio dos governos estadual e federal.<sup>164</sup> A Fábrica de Tecidos Ernesto Deoclecia- no era uma das indústrias incentivadas, enquanto beneficiadora do algodão, pois para a indústria têxtil propriamente dita, “não se tem claramente notícias de isenções de impostos ou privilégios outros”, se- gundo Elisabeth Fiúza Aragão (1989). Além da ex- portação já havia uma demanda nacional do algodão para as indústrias têxteis locais e de outros estados brasileiros, fazendo com que as grandes firmas co- merciais mantivessem negócios internos e optassem, também, pela exportação de matéria-prima.

O comércio era a principal fonte de lucro e ser- via de suporte às outras atividades, inclusive, a industrial. É importante esclarecer que a indús- tria cearense surgiu como uma solução para o ex- cedente de algodão produzido e não sendo o fruto de uma mentalidade industrial empreendedora, “o *poder ainda se encontrava nas mãos da burguesia agrário-comercial que não estava em condições de pensar e agir de conformidade com as exigências de uma nova situação econômica e política emer- gente*”.<sup>165</sup> Podemos, contudo, considerar que houve no começo do século XX um surto industrial cearense, tendo Fortaleza como pólo, dada uma gama de fatores de ordem infraestrutural.<sup>166</sup>

---

<sup>164</sup> De acordo com as observações de Elisabeth Fiuza Aragão, *op. cit.*, pp. 44 e p. 73 e Ma. Iselda Rocha Almeida, *op. cit.*, p. 169.

<sup>165</sup> Maria Iselda Rocha Almeida, *op. cit.*, p. 168.

<sup>166</sup> A importância portuária e o fato de Fortaleza abrigar os pode- res executivo, legislativo e judiciário permitiu-lhe desenvolver a infraestrutura urbana necessária à posterior implantação de indústrias e outros equipamentos de função socioeconômica (bancos, escolas, etc.). Embora não dispusesse de um porto or-

## Influências estilísticas de Fortaleza

A influência de Fortaleza sobre Sobral fez-se notar em vários aspectos. As vilas operárias, típicas do primeiro impulso do setor industrial, em Fortaleza, adotaram, em sua maioria, o estilo *art-déco*,<sup>167</sup> formando um conjunto homogêneo e harmonioso. No tocante à paisagem urbana, esta influência foi observada na elaboração da legislação urbanística, bastante parecida com a legislação correspondente da capital, ou nas tentativas

---

ganizado, Fortaleza mostrava-se já, no século XIX, como melhor local para a exportação cearense. Segundo Liberal de Castro, “a pequena colônia portuguesa em Fortaleza teve muito peso para o desligamento das relações externas via Recife”, depoimento, oral e informal, em março de 2003.

<sup>167</sup> O *art-nouveau* era um movimento cultural europeu nascido da industrialização e inspirado nas formas da natureza com valorização da curva e da assimetria. O ferro foi explorado na sua maleabilidade e resistência. A natureza foi chamada para o interior das habitações através de jardins e motivos decorativos.

“O Art-Nouveau não se tinha compatibilizado com a indústria, ao passo que o Art Déco era um movimento de design para a era da máquina. Conjugou arte e indústria em designs que podiam ser produzidos em massa a baixo custo, usando os novos materiais, como plásticos, *vita-glass* e cimento armado”. (Rosemary Lambert, “Introdução à História da Arte da Universidade de Cambridge: A Arte no Século XX”, 1981, Tradução Álvaro Cabral, Zahar Editores S.A., Rio de Janeiro, 1984, p. 49).

Completando a ideia na 2ª edição: “Assim, em 1925, organizou-se em Paris a *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels*, conhecida de modo abreviado como Art Déco.” José Liberal de Castro, Sylvio Jaguaribe Ekman e Arquitetura Sede do Ideal Clube, in **Revista do Instituto do Ceará** – 112, Fortaleza, 1998, p. 4

de copiar o ecletismo e o *art-nouveau*, a exemplo do *Palace Club* (inaugurado como Grêmio Recreativo Sobralense em 1926) e alguns estabelecimentos comerciais à Rua Ernesto Deocleciano (prédios reformados à *art-nouveau*). Alguns desses prédios parecem ter o desenho de um mesmo arquiteto, no caso o fortalezense João Sabóia Barbosa (ainda sem confirmação), conforme já foi sugerido anteriormente. Hoje, a maioria deles encontra-se muito descaracterizada, mas, ainda podem ser vistas suas platibandas decoradas ao estilo.



Figura 100: Palace Club (atual Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras). Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.



Figura 101: Recepção no Palace Club Fonte: Acervo do Museu Diocesano Dom José de Sobral.



Figura 102: Rua Nova do Rosário, atual Ernesto Deocleciano. Detalhe de fotograma (década de 1930. Destaque para o casario eclético e art-nouveau. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.



Figura 103: Sobrado eclético do comerciante Júlio Gonçalves Guimarães. Foto do autor.

Os estilos europeus chegavam ao Brasil sempre com muito atraso. O Eclétismo, por exemplo, era ado-



tado na França em meados do século XIX e no Brasil no começo do século XX, com exceção de alguns exemplares construídos no Rio de Janeiro no final dos oitocentos. Nota-se, portanto, o esforço histórico das elites periféricas em ombrear-se com a sociedade europeia, ratificando sua dependência cultural.

(...) não se pode esquecer de que o Art Nouveau, transplantado para o Brasil, como de resto todas as propostas importadas, sofreu adaptações locais. A debilidade da indústria nacional na época, por si só, exigiria revisões construtivas e estéticas, nas mais das vezes simplificadoras.<sup>168</sup>

Inspiradas na harmoniosa paisagem fortalezense, foram erguidas casas com fachadas em estilo *art nouveau*, ora concentradas, ora espalhadas em vários pontos de Sobral. Algumas delas, da década de 20, podem ser encontradas ainda em perfeito estado na Praça Samuel Ponte.



Figura 104: Casario à Praça Samuel Ponte. Foto do autor.

<sup>168</sup> José Liberal de Castro, *op. cit.*, 1998, p. 30.



Figura 105: Residência João Adeodato. Demolida por ocasião da construção de agência do Bradesco. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

A participação sobralense nessa fase de emergência do setor industrial cearense deu-se, principalmente, por meio da Fábrica de Tecidos So-

bral (1895)<sup>169</sup> que construiu suas expansões em desenho *art-nouveau*; a Companhia Industrial de Algodão e Óleos S/A (CIDAIO), com sede em Recife, onde se concentrava o beneficiamento do óleo da empresa, e filiais espalhadas pelo Ceará; fundação do sobralense Trajano de Medeiros, em 1921, e a Companhia de Luz e Força de Sobral (1924), fundada por iniciativa local de Oriano Mendes.<sup>170</sup>



Figura 106: Fachada principal da Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano. A primeira chaminé localizava-se na fachada que olha para o rio. Atual campus da Universidade Federal do Ceará. Foto do início do séc. XX. Fonte: Arquivo Tupinambá Marques.

<sup>169</sup> Nota da 2ª edição: com galpões geminados de feição neoclássica ritmada por janelas encimadas por bandeiras de arco pleno e tímpano de alvenaria, intercaladas por pilastras arrematadas por cornija reta e platibanda.

<sup>170</sup> A figura de Antonio Oriano Mendes se fez presente em todos os setores desenvolvimentistas de Sobral naquela época. Fundou o Banco de Crédito Agrícola, a Associação Comercial de Sobral, a primeira fábrica de redes, bem como fábrica de mosaicos, de gelo, promoveu a criação da Associação dos Empregados do Comércio... enfim, possuía ele uma mentalidade empreendedora que infelizmente não encontrou ressonância do mesmo tom na classe dominante sobralense.



Nota-se que, ainda, como no período do algodão, a interferência pessoal de representantes da classe dominante local na infra-estrutura urbana, que deveria ser um dever do poder público de então.

Na primeira década do século XX, foi construída pela fábrica de tecidos a primeira vila operária sobralense, apresentando, ainda, os traços da arquitetura local do passado, “comportando dezenas de casas alegres e repartidas com farta canalização d’água”.<sup>171</sup>

A arquitetura dos galpões, em sua maioria, apresentava as fachadas em linhas retas com marcações de pilastras, nos planos de alvenaria que, em alguns casos, eram arrematados no topo com molduras de inspiração *art-déco*. Os materiais usados eram regionais (tijolos de barro, telha canal e estrutura de cobertura em madeira).

A CIDAO destacava-se pelo tamanho do complexo e pelos materiais metálicos da caixa d’água e das telhas. O telhado com inclinação acentuada denotava a importação do desenho europeu. Merecem destaque, também, os portões de ferro, que remontam ao *art-nouveau* em transição para o *art-déco*.

---

<sup>171</sup> Revista “A Economista” n° XXIV. Ano II - 1935 - Recife, in Elizabeth Fiuza Aragão, *op. cit.*, p. 56.



Figura 107: CIDAO. Fonte: Arquivo Joscel Vasconcelos.



Figura 108: Portão de ferro da CIDAO. Foto do Autor.



Figura 109: Portão de ferro da Usina dos Araújo. Foto do autor.



Figura 110: Detalhe do Portão de ferro da Usina dos Araújo.  
Desenho do autor.





Figura 111: Pátio interno da Usina dos Araújo. Foto do Autor.

Em contraste com a simplicidade das formas que ensejavam uma atmosfera de modernização, a Fábrica Santa Emiliana foi construída por Oriano Mendes, em estilo neocolonial<sup>172</sup>. O prédio mis-

---

<sup>172</sup> Nota da 2ª Edição: Incluída a expressão “em estilo neocolonial em substituição à informação equivocada da 1ª edição que transcrevo a seguir: “abrigo também a Usina de Luz e Força

tura elementos arquitetônicos arcaicos, de forma bastante singela, a exemplo do arco abatido e dos frontões com motivos *art-déco*. Localiza-se atrás da Catedral e apresenta um detalhe interessante de implantação na esquina chanfrada.



Figura 112: Fábrica Santa Emilianiana. Foto: Nelson de Paiva.

---

de Sobral”. A Usina de Luz e Força funcionava na atual Rua Oriano Mendes, ente as ruas Cel. Montalverne e Maria Tomásia. Segundo informação verbal do arquivista José Alberto Dias Lopes, a Usina funcionava onde atualmente é o Centro de Educação de Jovens e Adultos Cecy Cialdini.



Figura 113: Vista lateral da Fábrica Santa Emilianiana, a partir do rio. Desenho: Campelo Costa.

## Os anos 20

Os anos 20 foram importantíssimos para a vida sociopolítica de todo o Brasil. Foi uma época marcada por revoltas armadas, reivindicações operárias, a polêmica Semana de Arte Moderna de 22, enfim, contestações sócio-políticas em todos os níveis e, principalmente, o “ideal de salvação nacional” do tenentismo que culminou com a Revolução de 30. Com a vitória da revolução tenentista, o Brasil, melhor dizendo, o Centro-Sul do Brasil, solidificou as bases deixadas pelo café (o produto brasileiro de maior valor internacional) que permitiram sua industrialização, ainda, no século XIX.



De um modo geral, a política de substituição de importações, iniciada no Governo Vargas e operacionalizada via incentivos à industrialização do Centro-Sul, acarreta funções bem mais críticas para a economia cearense, naquele momento, do que as injunções internacionais.<sup>173</sup>

Iniciou-se, então, a concentração industrial do eixo Rio - São Paulo que, desde o século XIX, já se mostrava mais rico, agravando o desequilíbrio socioeconômico entre as diferentes regiões brasileiras. Não obstante, a indústria cearense, de óleos, principalmente, continuou a crescer, favorecida pela conjuntura internacional. O mundo assistia à transferência da hegemonia capitalista da Inglaterra para os Estados Unidos, reforçada pela grande ferramenta de propaganda<sup>174</sup>, que era a produção cinematográfica, somando-se a isso o

---

<sup>173</sup> Elizabeth Fiúza Aragão, *op. cit.*, p. 77, complementando a idéia; “produzido para exportação o parque oleaginoso cearense intuitivamente fugia da dependência. Isento de concorrência interna, pela especificidade do produto e pela prática de exportação, as unidades fabris tinham liberdade de moldar as formas de organização da produção, as relações de trabalho e a estrutura de classe prevalecente, de modo a conviver sem maiores conflitos com o Estado, ainda comprometido com os interesses da oligarquia local”. (Ma. Iselda Rocha Almeida, *op. cit.*, p. 169). Complemento da 2ª edição com reposicionamento desta nota já constante integralmente da 1ª edição: Em 1933 foi eleita a Assembleia Nacional Constituinte da qual participou o senador sobralense Plínio Pompeu de Sabóia Magalhães. A família Sabóia foi por muitos anos detentora da prestigiada fábrica de tecidos local.

<sup>174</sup> Nota da 2ª Edição: Incluído o termo “propaganda” em substituição a “marketing”. Sobre este assunto ver Xavier, Ismail (organizador) “O Cinema no Século”. Editora Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1996.

posterior segundo conflito mundial, que veio beneficiar, mais uma vez, a indústria cearense.

Somente, a partir de 1919, as ações da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOC-1906) – sucedânea da “Comissão de Açudes e Irrigações” (1904) e precursora do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) – tiveram recursos para implementar os primeiros trabalhos concatenados de ordem infraestrutural para o semiárido do Nordeste. Mas somente a partir de 1932 é que seus esforços começaram a ser notados. Além dos açudes estradas foram construídas, e foram fundamentais para a hegemonia urbana e econômica de Fortaleza.

## As rodovias

A política de aberturas de estradas iniciadas do governo deposto de Washington Luís foi levada adiante no novo governo revolucionário.<sup>175</sup> A construção de estradas do interior cearense para Fortaleza vinha se processando, desde o século anterior e, nos anos 1930, tomou um impulso maior.

A ligação terrestre com a capital era feita pela estrada de terra via Santana do Acaraú, Itapipoca, Riacho da Sela (atual Umirim) e São Luís do Curu; depois de passar por Soure (hoje Caucaia), chegava-se a Fortaleza. O percurso era feito em três dias.

---

<sup>175</sup> O presidente Washington Luís (1926-1930) tinha como *slogan* de sua administração a frase “governar é abrir estradas”.

O elo mais importante entre Sobral e Fortaleza, ou seja, a ponte Otto de Alencar sobre o rio Acaraú, em Sobral, foi feita entre 1932 e 1935. A conclusão da ponte permitiu a ligação ferroviária com Fortaleza, que nos primeiros anos era a principal via de escoamento da produção. Os caminhões foram uma nova opção de transportes de mercadorias, vez que o extrativismo de óleos e a exportação de produtos in natura crescia com a expansão do setor industrial em Fortaleza.



Figura 114: Ponte Otto de Alencar, vendo-se as fundações de sua duplicação. Fonte: Joselito Silveira: 2002.

Já havia, em Sobral, no ano 1928, uma concessionária de veículos Ford, de propriedade de Oriano Mendes, e o posto de gasolina. Em 1940, foi fundada a Empresa São Cristóvão para o transporte de cargas e passageiros no trecho Sobral-Fortaleza.

Antes da construção da ponte, a travessia do rio se fazia de canoa e a vau, por trás da Cathedral. Na época das cheias, Sobral ficava isolada, por terra, da capital, o que reforçava sua posição de

entreposto comercial para todo o Vale do Acaraú, Ibiapaba e parte do Piauí. A conclusão da ponte marcou o início do declínio econômico de Sobral, que perdia, cada vez mais rápido, a importância comercial em favor da capital.<sup>176</sup>

A estrada Fortaleza-Sobral foi concluída em 1949. Antes de se efetivar esta ligação, Sobral e Camocim formavam uma unidade econômica regional, a primeira sendo o centro coletor e distribuidor de mercadorias, daí seu comércio bem desenvolvido, e a última sendo o porto mais próximo de Sobral; Camocim e Acaraú eram as cidades mais adequadas a levar e trazer mercadorias daquela parte do estado ao porto de Fortaleza. Sobral beneficiou-se com as dificuldades de acesso à capital. Antes da construção da estrada, quase todos os produtos destinados à Zona Norte do Ceará passavam, invariavelmente, por negociantes sobralenses a fim de serem escoados.

## **Os códigos de posturas**

A homogeneidade e harmonia da paisagem urbana prolongaram-se até depois dos anos 30, devido à disciplina rígida imposta pelos códigos de

---

<sup>176</sup> Vale ressaltar, novamente, que o comércio continuava como principal fonte de lucro e que a incipiente, porém importante, indústria cearense atuou basicamente no setor têxtil e de oleaginosas. Comentário da 2ª edição: Essa nota estava erroneamente posicionada na 1ª edição, sendo agora corrigida com manutenção integral do seu conteúdo.

posturas, cuja estética pretendida já se observava desde o do século XIX.<sup>177</sup>

As posturas de Sobral – publicadas pela resoluções provinciais N° 327 de 19 de agosto de 1844 e N° 1224 de 27 de novembro de 1867 – determinavam as dimensões para construções de ruas e becos, calçadas e, bem como, das edificações, especialmente, para aquelas que se localizavam nas esquinas, que deveriam ter telhados em tacaniça e portadas nos muros laterais. Os artigos que tratavam das fachadas tinham medidas semelhantes nos dois códigos, diferenciando-se, apenas, quanto ao sistema de medidas, sendo o sistema imperial usado em 1844 e o métrico em 1867:<sup>178</sup>

---

<sup>177</sup> Nota da 2ª edição: Relativamente ao tópico “Os Códigos de Posturas”, foram suprimidos no corpo textual da 2ª edição o último trecho do primeiro parágrafo e todo o segundo, os quais trazemos nesta nota para fins de registro: “(...) desde o começo do século, na legislação municipal de 1903, aproveitada na, íntegra, para o Código de Posturas do Município de Sobral de 1919.

O Código de Posturas do Município de Sobral de 1919 – provavelmente influenciado pelo de Fortaleza de 1893, que também determinava as dimensões dos elementos decorativos das fachadas dos edifícios construídos na época – serviu de base para a elaboração do Código de Posturas de 1930.

A supressão justifica-se em função das pesquisas, posteriores à 1ª edição, realizada nas atas manuscritas da Câmara de Sobral, que revelaram a existência de três códigos de posturas elaborados entre 1830 e 1876 em atendimento à Lei Imperial de 12-10-1828 que “Dá nova fôrma ás Camaras Municipaes, marca suas attribuições, e o processo para a sua eleição, e dos Juizes de Paz.” Ver Rocha, *op.cit.*, 2017.

<sup>178</sup> Nota da 2ª edição: Parágrafo e tabela inseridos no corpo textual desta edição.

Tabela XX: comparativo dos elementos arquitetônicos entre as posturas de Sobral 1844 e 1867.

<b>ELEMENTO ARQUITETÔNICO DESCRITO NA LEI</b>	<b>RESOLUÇÃO Nº 327 DE 19-08-1844</b>	<b>RESOLUÇÃO Nº 1224 DE 27-11-1867</b>
Altura da fachada.	Mínimo de 16 palmos.	Mínimo de 3 metros.
Altura da cornija.	Exige o elemento mas não determina altura.	2,5 metros.
Portadas de caixilhos, fingindo pedra.	11 <sup>1/2</sup> palmos x 5 de largo.	2,5 metros “e a largura pouco mais de um metro”.
Calçadas de rua de frente.	7 palmos.	1,5 metro.
Calçadas de beco.	5 palmos.	1 metro.

Fonte: Rocha (2017).

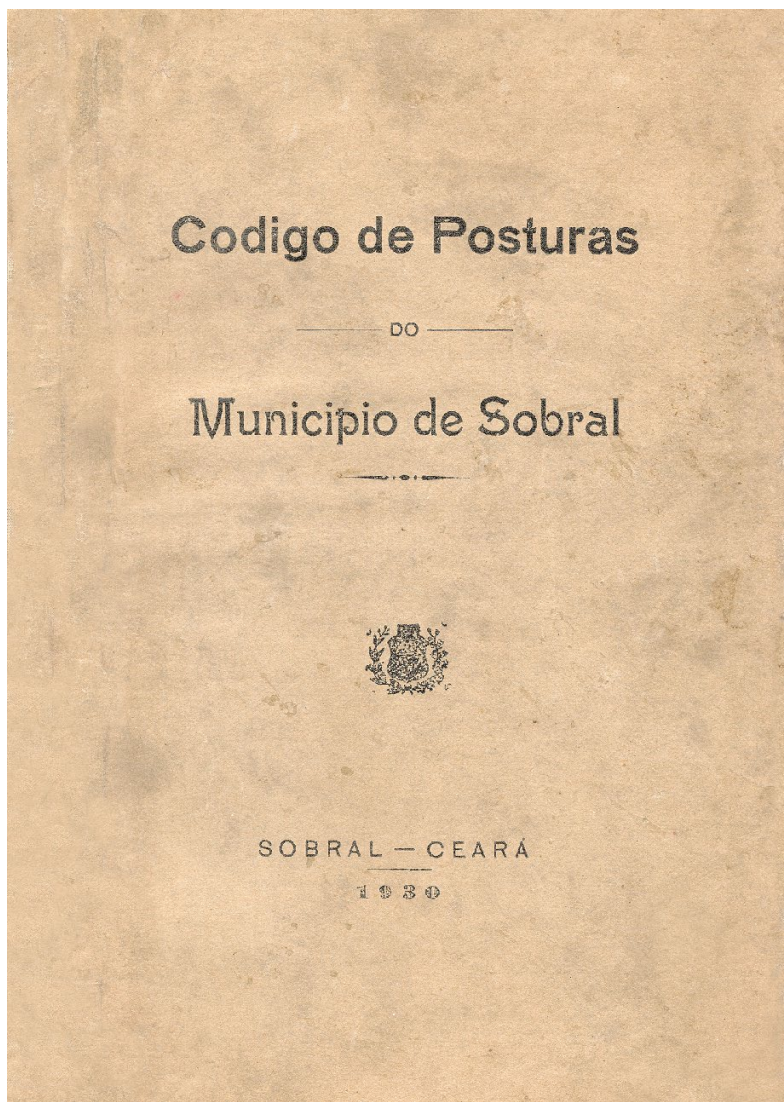


Figura 115: Capa de um exemplar do Código de Posturas do Município de Sobral, 1930. Acervo do autor.

Logo após a vitória da Revolução de 1930 foram nomeados interventores para todas as cidades brasileiras, inclusive Sobral, e elaborados novos Códigos de Posturas, dentre outras medidas que buscavam organizar o espaço urbano. Muitos desses códigos, pós-30, foram inspirados no Código de Obras do Rio de Janeiro. Ao contrário de muitas cidades, o Código de Posturas do Município de Sobral de 1930 foi publicado alguns meses antes da vitória da revolução, e não se tem notícia de que tenha sido reformado pelos interventores municipais, o que denota a rigidez com que a edilidade tenentista sobralense tratava os assuntos urbanos, continuando a cidade com seu casario harmonioso.<sup>179</sup>

O Posturas do Município de Sobral de 1930 mostrava-se preocupado com a paisagem urbana e buscava a unidade do conjunto, por meio de restrições na própria edificação:

Art. 4º – É proibido dentro do perímetro urbano edificar casas de palha ou taipa, assim como construir cercas e currais de madeira ou material análogo.

Parágrafo Primeiro – Fica marcado o prazo de 90 dias, contados da publicação destas posturas, para a retirada das cercas ou curraes existentes nas condições deste artigo e de seis meses da mesma data para substituição das cercas por frentes de tijolos, rebocadas a cal, com dimensões determinadas no Art. 6º letra A.

(...)

---

<sup>179</sup> Nota da 2ª edição: o termo “casario” substitui “crescimento” no corpo textual.



Art. 6° – os prédios que se tiverem de construir dentro do perímetro urbano serão térreos, assobradados ou sobrados e terão as seguintes dimensões:

A) Altura mínima entre a soleira e a linha da base da cornija 4m60;

B) Altura mínima de portas – 3m, de janelas – 2m, largura mínima das portas e janelas – 1m20;

C) Claros entre portas e janelas 0m60 e 1m;

D) Nas casas assobradadas as janelas terão 2m20 no mínimo acima da soleira do pavimento térreo;

E) A soleira de cada porta terá elevação acima da calçada ou passeio 12 a 20 centímetros;

F) A cornija terá 40 a 50 centímetros de altura e 20 a 25 de saliência;

G) A platibanda 35 centímetros a 1m de altura.

(...)

Art. 12° – Os proprietários de terrenos nas praças e nas ruas iluminadas são obrigados a construir muros de conformidade com as posturas municipais ( artigo 6° letra A), fazendo logo os passeios respectivos ou calçadas no prazo marcado pela Prefeitura.<sup>180</sup>

A proibição dos beirais influiu, diretamente, na paisagem urbana, na medida em que as platibandas eram adotadas numa ideia falsa de modernidade e, paradoxalmente, integrando-se à paisagem do século XIX, que comumente usava platibanda.

---

<sup>180</sup> Código de Posturas do Município de Sobral, 1930.

Em 1932, assumiu a interventoria municipal o Tenente Floriano Machado, com ampla liberdade de reformar o Código de Posturas. Não o fez. Reforçou apenas a proibição dos beirais que davam para a via pública. Concluiu obras de drenagem, arborização e, principalmente, extinguiu os beirais. Essa decisão possibilitou, por um lado, a expansão posterior da rede elétrica pública aérea de alta tensão, sem interferência das saídas pluviais das calhas dos telhados, os “jacarés”, e, por outro, agravou o problema de escoamento das águas pluviais dos telhados dos prédios mais antigos, que tiveram que se valer de bueiros, quase sempre subdimensionados para a urbanização crescente, e que formavam uma rede clandestina de drenagem na qual se ligavam as fossas dos banheiros que começavam a aparecer nos programas das residências.

Das obras feitas pelo poder executivo sobralense, naquela época, o mercado público (1935) mereceu destaque. O então prefeito, Vicente Antenor Ferreira Gomes, demoliu o antigo mercado<sup>181</sup> sob protestos dos comerciantes lá fixados e até do governador.

A arquitetura metálica importada, tipicamente *art nouveau*, possuiu vários representantes em Fortaleza, como o Teatro José de Alencar e os Mercados dos Pinhões<sup>182</sup>. Em Sobral, soube-se,

---

<sup>181</sup> Nota da 2ª edição: O mercado demolido deu lugar à Praça da Coluna da Hora.

<sup>182</sup> Nota da 2ª edição: Nesta edição foi suprimida a expressão “e da Aerolândia”. O Mercado dos Pinhões era composto de dois galpões e uma “avenida” entre eles. Foi fabricado na França e montado na Praça da Carolina (atual Praça Waldemar Falcão), em Fortaleza-CE, em 1897. Em 1938, foi desmontado e separado em duas partes. A parte maior (galpão e “avenida”) foi remonta-

apenas, da estrutura do novo mercado e, mesmo assim, sem registros oficiais, fotos, desenhos ou outros escritos.<sup>183</sup>

Naquela época em Sobral, o ferro era usado como estrutura na forma de trilhos e muito timidamente, vencendo pequenos vãos, portas e poucos planos de laje do tipo volterrana.<sup>184</sup> A exemplo do afirmado, destacamos o *Palace Club* e a Santa Casa.

O referido mercado público, obra do prefeito Vicente Antenor Ferreira Gomes, foi construído no bairro do Junco (o Junco daquela época, hoje, é considerado centro), em frente ao Cemitério São

---

da na Praça dos Pinhões (atual Praça Visconde de Pelotas), onde permanece até hoje. O segundo galpão foi, inicialmente, remontado na Praça São Sebastião e, por fim, em 1968, transferido para o bairro Aerolândia.

<sup>183</sup> Nota da 2ª edição: Parágrafo constante do corpo textual da 1ª edição, agora em rodapé pois não foi encontrada a fonte da afirmação: “O mercado demolido tivera parte da estrutura da cobertura em ferro fundido, provavelmente importada da Europa, tendo sido inaugurada em 25 de março de 1919”.

<sup>184</sup> Nota da 2ª edição: o termo “planos de laje chamada abobadilha” foi substituído no corpo textual por “laje do tipo volterrana”. Embora a abobadilha fosse encontrada no Ceará, no período indicado, não foi confirmada a existência dessa técnica em Sobral. Segue a nota de rodapé da 1ª edição: A abobadilha é uma técnica muito antiga usada, na Europa, para a construção de lajes. Consistia em uma série contínua de pequenas abóbadas semicilíndricas que se apoiavam em vigas de madeira. No caso de Sobral (como era comum em outras regiões do Brasil) ao invés da abóbada para vencer os pequenos vãos, os tijolos eram biapoiados diretamente na aba dos trilhos e sobre essa estrutura se apoiava o piso do pavimento superior. Esse sistema foi o precursor da laje volterrana. “Cada uma das pequenas abóbadas abatidas ou planas que se constroem nas entevigas de certos tipos de pavimentos ou teto, formando com o vigamento respectivo uma estrutura fechada de pavimento, teto ou cobertura”. Zake Tecla, “O Livro da Arte de Construir, Unipress Editora, São Paulo, 1984, pp. 5-6.

José. “Por causa da vizinhança do cemitério, que era um dos fortes argumentos da oposição, ele construiu um outro prédio entre o mercado e o cemitério, para abrigar a Escola de Artes e Ofícios”.<sup>185</sup> No local do antigo mercado foi construída uma praça para implantar-se a “Coluna da Hora”, bastante usada no Ceará e em outras cidades do Brasil de então. No caso sobralense, o desenho da Coluna da Hora da pena de Falb Rangel imita o exemplar fortalezense da Praça do Ferreira de autoria de José Gonçalves da Justa.<sup>186</sup>



Figura 116: Coluna da Hora em Sobral, influência da Praça do Ferreira em Fortaleza. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

<sup>185</sup> Segundo informação de Paulo de Almeida Sanford, sobralense, engenheiro agrônomo, ex-vereador (1930), foi interventor em 1932, prefeito (1955-1959) e deputado estadual (entrevista pessoal, maio 1988).

<sup>186</sup> José Gonçalves da Justa (1870-1944) foi o arquiteto vencedor do concurso de projetos de 1933, destinado à construção da Coluna da Hora na Praça do Ferreira, em Fortaleza, com solução *Art Déco*.

## A indústria a partir dos anos 40

Inicialmente, a rodovia foi, para Sobral, um importantíssimo fator infraestrutural que influiu no crescimento de sua produção agrícola e industrial (de oleaginosas, principalmente), durante os anos de 1940. É claro que tal crescimento não se atribuiu, apenas, à estrada mas, principalmente, aos fatores externos, a exemplo da II Guerra Mundial.<sup>187</sup>

Até 1946, as indústrias de óleos cearenses apresentavam resultados bastante favoráveis aos negócios. A partir de 1947, registrou-se um crescimento substancial da CIDAIO de Sobral em detrimento das demais indústrias do setor.<sup>188</sup> Nos primeiros dias da década de 40, indústrias extrativas foram implantadas em Sobral, quase todas no centro da cidade, próximas ao rio, diferindo das fábricas

---

<sup>187</sup> O Ceará era o único estado brasileiro e mundial a produzir óleo de oiticica. Estando a China sob o domínio japonês, o Ceará preencheu uma lacuna deixada pela produção chinesa do óleo de Tung, no fornecimento de óleo secativo de oiticica para indústria de tintas com fins anticorrosivos e anti-incrustantes. Também, o óleo de mamona teve importante papel sendo usado como combustível de aviões e outros veículos da máquina de guerra aliada. Daí o grande impulso da indústria de oleaginosas em todo o Ceará. Complemento da 2ª edição: Segundo Almino Rocha, *op. cit.*, 1986.

<sup>188</sup> A ausência de safra de matéria-prima em 1947 abalou várias indústrias cearenses, superando a crise, a CIDAIO de Sobral passou a liderar a produção cearense. “Enquanto a CIDAIO aproveitava o momento de crise decorrente da precariedade do inverno para reparar e ampliar as instalações de sua filial em Sobral, o mesmo não ocorria com outras unidades produtivas do setor de oleaginosas cearense, especialmente aqueles de porte médio e pequeno (...)”. (Maria Iselda Almeida, *op. cit.*, p. 134 e 135)..

CIDAO e Ernesto Deocleciano, que traziam a urbanização para seu entorno. A CIDAO contava, ainda, com um ramal ferroviário exclusivo.<sup>189</sup>

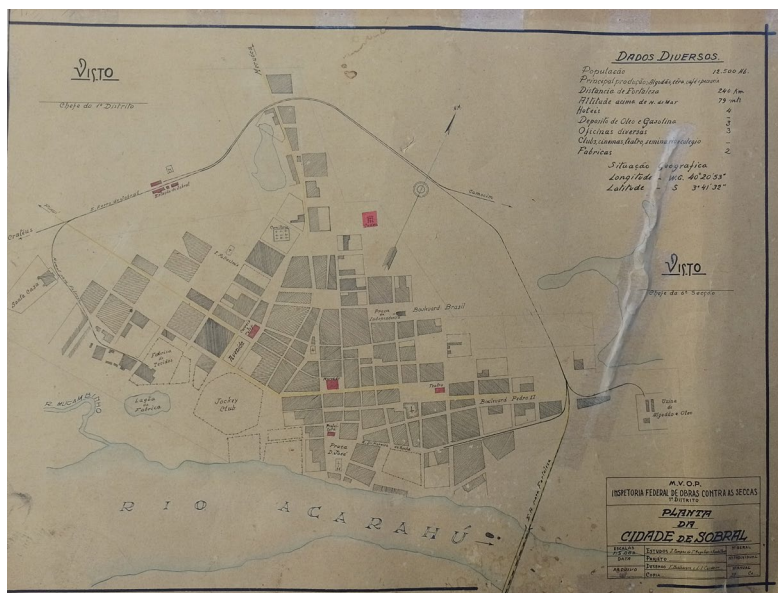


Figura 117: Planta da Cidade de Sobral elaborada pela Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas - IFOCS (ca. 1939). Fonte: Biblioteca Zenaide Sá Carneiro da Cunha – DNOCS.

<sup>189</sup> “Os períodos de grande expansão da produção e da lucratividade (1940-1950) são marcados pelo incremento nas exportações do óleo cearense para consumo internacional e não pelo redirecionamento da política econômica brasileira decorrente da “crise de 29” que permite a integração dos mercados nacionais assentando as bases da política de desenvolvimento que se autodenomina de nacional e autônoma, a partir dos anos 30”. Ma. Iselda Rocha Almeida, *op. cit.*, p. 169.



Figura 118: Rua Nova do Rosário, atual Ernesto Deocleciano. Foto do final dos anos 40. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

Nessa época, a CIDAIO construiu algumas casas para as famílias de seus funcionários mais graduados, no bairro da Betânia, em frente à fábrica. Esses bangalôs, como vulgarmente eram chamadas as casas em *Californian Style*, inspirados nas novas construções residenciais de Fortaleza, a partir da construção da nova sede do Ideal Clube, já eram espaçosos, confortáveis e bem ajardinados, transmitindo um ar ruralesco ao elegante subúrbio.

A novidade arquitetônica oferecida às gentes do cinema, logo conhecida por *Californian Style* ou por *Mission Style*, a rigor não passava de mais uma versão daquelas propostas neocoloniais em voga nas Américas. Desfrutando de imediato e ruidoso sucesso internacional, porque divulgado como uma das faces simbólicas da vida nababesca de Hollywood, o estilo Missões já era lançado



no Rio de Janeiro pelo arquiteto Edgard Viana, de retorno dos Estados Unidos à volta de 1927, conhecendo rápida difusão para todo o País por intermédio da revista profissional *A Casa*.<sup>190</sup>



Figura 119: Vila Industrial da CIDAO. Foto do autor (2003).

---

<sup>190</sup> José Liberal de Castro, *op. cit.*, 1998, p. 61. O termo bungalow é uma denominação popular de uma casa térrea cercada de varandas. “Bangló” designa o tipo original indiano, adaptado posteriormente pelos ingleses em suas colônias de clima mais quente passou a chamar-se “bungalow”. O *Californian Style* ou *Mission Style* está mais ligado às raízes das missões espanholas do que ao neo-colonialismo inglês.

“Entretanto, ao citar o Missões, teríamos fatalmente de compreendê-lo como uma variante da arquitetura dita neo-colonial, que espalhou pelas Américas nas primeiras décadas deste século findante. Essa arquitetura neocolonial, por sua vez, constituía um rebatimento nacionalista do movimento conhecido por Ecletismo Arquitetônico, corrente dominante no transcorrer dos oitocentos e nas primeiras décadas do século atual.” (Séc. XX). José Liberal de Castro, *op. cit.*, 1998, p. 27-28.





Figura 120: Casa da Vila Industrial da CIDAO. Fonte: Arquivo Tupinambá Marques.

Os bangalôs estavam em voga nos anos 40. Essa tipologia de habitação, adotada em vários pontos do Brasil, buscava maior integração com a natureza, ambientando-se mais facilmente nos subúrbios do que nas áreas centrais. Mesmo com o apelo da moda, algumas famílias tradicionais da classe dominante sobralense mantiveram suas residências no Centro quase sem alterações.

Ao contrário das habitações, a tipologia dos edifícios comerciais era dotada de uma praticidade extrema e de um total despojamento estético. Essa arquitetura simplória encontrou explicação na curta euforia comercial, verificada após a conclusão da rodovia e a demanda internacional de artigos de primeira necessidade, e outras necessidades causadas pela guerra, gerando uma falsa ideia de progresso rápido e de modernidade.



Figura 121: Correios e Telégrafos. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

## A influência do Modernismo

A influência do modernismo trouxe consigo um desserviço no que diz respeito à memória urbana. Assim como os brasileiros tentaram imitar o *art-nouveau*, improvisando suas formas por meio de técnicas construtivas que não se diferenciavam muito daquelas do passado colonial, tentou-se imitar o minimalismo do modernismo, confundindo-se simplicidade com simploriedade.<sup>191</sup>

---

<sup>191</sup> As formas puras e de abstração geométrica eram preconizadas pelo Modernismo, nascido como escola no início do século XX. Na arquitetura moderna, os edifícios eram despidos de todos os traços de qualquer estilo acadêmico. O termo “nudismo” chegou a ser usado para defini-lo. Até meados do século XX, os arquitetos europeus como Le Corbusier, norte-americanos como

A dificuldade de transpor problemas técnicos nem sempre é levada em conta na história da arquitetura. O próprio Le Corbusier, considerado por muitos o pai da arquitetura moderna, ao imaginar a planta livre sem os telhados tradicionais, não atendeu às expectativas funcionais de alguns clientes. A arquitetura de Le Corbusier preconizava edifícios lisos, não necessariamente de formas geométricas puras, mas essencialmente sem adornos ou sem elementos funcionais, a exemplo de portais de esquadrias, beirais, marcações estruturais etc; entretanto, a tecnologia da época não estava, suficientemente, desenvolvida para aquele novo apelo estético, e alguns ícones da arquitetura mundial se deterioravam rapidamente.<sup>192</sup>

Os conceitos da arquitetura racional, purista e funcionalista, mais conhecida como modernismo arquitetônico, foram acolhidos apaixonadamente no País entre a Revolução de 1930 e a inauguração de Brasília. Suas proposições, que se entendiam do ascetismo formal ao messianismo social praticado por via da nova arquitetura, provocaram uma forte desvalorização das obras de feição eclética do período anterior e de suas extensões

---

Frank Lloyd Wright e com a contribuição brasileira de Oscar Niemeyer chegaram a estabelecer o estilo internacional.

<sup>192</sup> “Há no arquivo de Le Corbusier maravilhosa carta da Senhora Savoye em que ameaça o grande artista com ação judicial por causa da deterioração produzida pela chuva sobre e dentro dessa obra emblemática”. Adolfo Corona Martinez. Reinado da Técnica nas Bienais, *in* Revista Finestra/Brasil Ano 4, No. 16-0 Jan-Mar 99, Proeditores Associados Ltda., São Paulo, p.63. A Vila Savoye foi o projeto de Le Corbusier que marcou o início da arquitetura moderna mundial. No Brasil, a casa moderna do arquiteto Warchavchik, em São Paulo, desafiou os rígidos códigos de posturas da época pela nudez de sua fachada.

estéticas. Essas obras, consistindo muitas vezes em verdadeira fraude à tectônica, geralmente exibindo concepções academicistas, carregadas com o emprego irrefreável de elementos decorativos, mascaradores da estrutura, haviam conduzido o ecletismo arquitetônico ao descrédito.<sup>193</sup>

O padrão de estabelecimento comercial que passou a ser visto no Centro de Sobral, sem nenhum senso estético, era constituído dos seguintes elementos:

- o vão – vencido com peças grossas de madeira, trilhos, ou, raramente, concreto;
- a porta – de mola superior de enrolar, ou em duas folhas de madeira em ficha vertical;
- a platibanda – sempre muito alta, escondendo a cobertura de telha cerâmica, que era entendida por sinônimo de atraso.

Essa tipologia aproveitava todo o espaço disponível à atividade comercial e facilitava o acesso da clientela. No entanto, não contribuiu para o conforto térmico, visual ou acústico da edificação e ignorou o homem como ser social, dotado de necessidades cognitivas, que se revelam na paisagem urbana. O cidadão passa à condição exclusiva de consumidor, peça fria do mecanismo de giro da economia comercial, cuja função é entrar e comprar, sem ter a oportunidade de interessar-se por todo o aparato simbólico e ornamental que envolvia a arquitetura. Pragmaticamente, a arquitetura comercial deveria ser, também, parte do apelo de venda.

---

<sup>193</sup> Liberal de Castro, *op. cit.*, 1998, p. 39.

O lucro passou a superar todos os outros valores estabelecidos e, com o crescimento econômico das cidades de médio e grande porte fortalecendo suas estruturas urbanas, os terrenos passaram a valer cada vez mais que as obras neles edificadas, favorecendo a especulação imobiliária. Iniciou-se a iconoclastia arquitetônica do país. Apenas as cidades que ficaram à margem do processo de integração econômica, promovido pelas rodovias federais, preservaram alguns exemplares de valor arquitetônico, sendo testemunhos históricos do processo de povoamento dos sertões.

## **A urbanidade da 1<sup>a</sup> metade do século XX**

A estrutura urbana do centro da cidade do final do século XIX, intimamente, ligada à atividade algodoeira, experimentou, no século seguinte uma mudança superficial, vez que a mais importante firma empreendedora de melhorias no espaço urbano em Sobral – Sabóia, Albuquerque & Cia. – encontrava dificuldades em manter-se na nova ordem pós-Revolução de 30.



Figura 122: Vista para rio Acaraú a partir da torre da Igreja do Patrocínio. Ao fundo vê-se a Fábrica de Tecidos e a cheia do Rio Acaraú. Foto de Falb Rangel, primeiro quartel do século XX. Fonte: Arquivo Nirez.

A indústria é um importante fator de urbanização e concentradora de uma expressiva massa operária. Outrossim, a indústria sobralense daquela época não foi isoladamente a determinante de crescimento urbano de Sobral, pois não foi oriunda nem formadora de uma nova mentalidade empresarial. A base econômica estava, ainda, ligada às atividades rurais, como o algodão, o extrativismo e, sobretudo, o comércio.<sup>194</sup>

Não obstante, a infraestrutura implantada nas vilas operárias adjacentes à fábrica de tecido e à CIDAO, os deslocamentos da população ali residente, à procura do centro da cidade, formaram

---

<sup>194</sup> Nota da 2ª edição: “e, sobretudo, o comércio” incluído no corpo textual desta edição.

os principais fatores que definiram os vetores de expansão da cidade na primeira metade do século.

Podemos citar como contraponto da expansão urbana sobralense a consolidação da posição hegemônica da capital Fortaleza, na hierarquia urbana, que expandia sua área de influência econômica.<sup>195</sup>

O crescimento de Fortaleza era acelerado, incluindo no seu raio de influência as cidades mais importantes do estado. Sobral, no dizer de Liberal de Castro, foi o “último baluarte estadual a integrar-se”.<sup>196</sup>

A rede rodoviária recém-implantada escolheria a Fortaleza como um dos seus pólos nordestinos. A estrada aberta para o oeste, nos anos 30, logo atingira Sobral, envolvendo a velha e tradicional cidade em sua rede de influência regional, para atingir o Piauí e invadir o Maranhão.<sup>197</sup>

A paisagem urbana de Fortaleza já apresentava arranha-céus em estilo *art déco*, a exemplo do Excelsior Hotel (todo em estrutura de alvenaria, construído 1931), os edifícios Granito (1934) e Parente (1936) que compunham com outras obras emblemáticas o “Quarteirão do Sucesso”, à Praça do Ferreira. A ca-

---

<sup>195</sup> (...) “faz-se desnecessário lembrar que tal crescimento se dá independentemente de qualquer modificação na estrutura econômica interna: persiste a posição do país como área produtora de matérias-primas e bens alimentícios, e as relações sociais de produção do tipo escravista serão modificadas apenas ao final do século. Assim, o elemento dinâmico da economia continuava, como continua, sendo definido pelos requerimentos do capitalismo internacional, do qual o Brasil participava como área periférica de produção e consumo”. (Ma. Auxiliadora Lemenhe, *op. cit.*).

<sup>196</sup> Liberal de Castro, *op. cit.*, 1977, p. 39.

<sup>197</sup> Idem, p. 36.

pital continuava influenciando o espaço urbano sobralense cada vez com maior intensidade.

O *art-nouveau*, em Sobral, irradiado a partir de Fortaleza para o interior cearense, não apresentou relevantes modificações tecnológicas da construção civil, não obstante a intimidade desse estilo com a industrialização, nos seus países de origem, por exemplo, o uso do ferro fundido nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.<sup>198</sup>

Com exceção do banheiro, o programa das edificações, também, não apresentou mudanças substanciais, registrando-se, entretanto, uma aproximação da casa com a natureza, buscada desde o século anterior, pois as plantas de residências térreas continuavam, basicamente, com o mesmo esquema do século XIX, com largo corredor que, partindo do vestíbulo, ladeava os quartos e levava à sala de estar na metade anterior da casa. Concluiu-se, portanto, que os hábitos da população, também, não evoluíram substancialmente do final do século XIX até as primeiras três décadas do sé-

---

<sup>198</sup> Nota da 2ª edição: “Nas décadas finais do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, surgiram movimentos anti-acadêmicos de modernização da arquitetura que, de modo cada vez mais intenso, recorriam à industrialização, tanto nos novos materiais como nos sistemas de construção. Tal mudança, eliminando gradualmente o emprego da mão-de-obra artesanal, passava a exigir novas formas na arquitetura e nos objetos. Um desses movimentos, quase sempre inspirando-se na natureza vegetal, valorizava a linha e a assimetria, pelo que recorria deliberadamente ao ferro como elemento estrutural e como material de ornamentação. Originando-se na Bélgica, ficou conhecido pela designação genérica dita Art Nouveau.” José Liberal de Castro, *op. cit.*, 1998, p. 29.



culo XX.<sup>199</sup> É natural que, numa sociedade com bases rurais, com o criatório incorporado à área urbana, a convivência do homem com os animais domésticos fosse de ordem simbiótica. Assim, o lixo, naquela época sempre orgânico e perecível, era absorvido pelos animais ou se incorporava novamente à natureza, justificando o hábito de lançar sobras de comida e outros dejetos em local próximo à residência, os monturos, sem causar o impacto que hoje se verifica.

O banheiro, construído sempre nos quintais, era um pequeno abrigo para o vaso sanitário, às vezes um tanque, sem nenhum requinte. O piso era do tipo cimentado liso, e as paredes, nas melhores situações, eram revestidas de azulejos. Inicialmente não havia fossa séptica. Pouco a pouco, o banheiro foi agregando-se ao corpo principal da edificação, e as instalações de uso privado foram adaptando-se com mais rapidez que o serviço público de coleta de dejetos.

A mudança do espaço da cidade deu-se quase que somente, nos planos verticais da paisagem, substituindo-se fachadas e alguns elementos decorativos, sem que houvesse uma mudança de comportamento que resultasse na alteração infraestrutural da edificação. Entretanto, o Ecletismo apareceu em Sobral como estilo da moda. A aceitação desse novo estilo resultou da influência fortalezense que, por sua vez, também implantou

---

<sup>199</sup> Nota da 2ª edição: Frase suprimida do corpo textual desta edição: “A preocupação com a higiene e o destino dos dejetos só apareceu mais tarde.” Minha pesquisa de mestrado revelou preocupação das autoridades municipais sobralenses, do século XIX, com o destino dos dejetos urbanos.

edifícios de diferentes formas, reminiscências do apogeu socioeconômico da capital cearense.<sup>200</sup>

As arquiteturas eclética e *art-nouveau* integraram-se, harmoniosamente, à paisagem urbana dos oitocentos. A aparência híbrida dos sobrados típicos de Sobral encontrava um forte elo entre o neoclassicismo do século XIX e a mistura de elementos do Ecletismo.<sup>201</sup>

A função lúdica do centro era reforçada com a arborização das ruas nos passeios e nos canteiros centrais, buscando uma ideia de implantação do bulevar, já perdida no tempo sobralense. A implantação de uma pavimentação mais regular dos passeios, por iniciativa dos proprietários e não do poder público, usando, na maior parte das vezes, o ladrilho hidráulico, também, favorece a ideia do uso lúdico do espaço, convidando com mais facilidade as famílias a colocarem cadeiras nas calçadas nos finais de tarde.

---

<sup>200</sup> A mudança de mentalidade econômica da classe dominante nordestina era indispensável à formação de uma nova ordem econômica que, investindo na indústria local, mantivesse cativo o mercado nacional de fios e tecidos, e não fenecesse frente ao novo modelo de organização econômica instalado após a Revolução de 30.

<sup>201</sup> Vale ressaltar que os diferentes estilos europeus chegavam a Sobral já influenciados pela sua implantação na capital do país, Rio de Janeiro, e Fortaleza. Some-se a isso o diminuto avanço da tecnologia da construção civil, no Brasil, no começo do século e, de maneira muito mais crítica, a carência de materiais industrializados como o ferro. Se não era possível usar o ferro conforme sugeria o *art nouveau* se usava a alvenaria imitando as formas originais construídas em ferro. Pode-se observar, portanto, que os novos estilos tinham uma conotação arraigada às técnicas do passado e, filosoficamente, diferente das originais europeias.

O *Palace Club*, também, trouxe sua contribuição lúdica, conferindo vida noturna ao centro, ainda que extremamente sectário e de performance esporádica. Os principais espetáculos davam-se no Teatro São João.<sup>202</sup>, juntamente com outros clubes e teatros, recebendo artistas de outros estados e até do exterior.

Tabela XXI: principais apresentações culturais em Sobral na primeira metade do século XX.

<b>PERFORMANCE</b>	<b>ORIGEM</b>	<b>PALCO</b>	<b>ANO</b>
Léonard Martin, recital de piano.	França	Teatro São João	1907
“Cinismo, Ceticismo e Crença”, interpretado pelo grupo de Avelino Gonçalves.	Não mencionada, sabe-se que não era local.	Teatro São João	1907
Primeira apresentação cinematográfica da cidade. Película não mencionada.	Não mencionada, sabe-se que não era local.	Teatro São João	1908
Santa Inês (peça teatral).	Local	Teatro São João	1910

<sup>202</sup> Nota da 2ª edição: Frase incluída do corpo textual desta edição em substituição a: “O Palace foi palco de espetáculos sofisticados, durante seu período de funcionamento.”

Inaugurado o Cinema Sobralense, não foi mencionada a fita apresentada.	Local	Teatro São João	1910
São José (peça teatral).	Belém – Pará	Teatro São João	1911
Recital do tenor espanhol Antonio Vivas.	Espanha	Teatro São João	1915
Potigües e Brasileiros (drama histórico).	Local	Teatro São João	1917
Índio Correa e Prairy Flower.	Estados Unidos	Teatro São João	1918
Conferência do folclorista Leonardo Mota sobre repentistas.	Fortaleza – Ceará	Teatro São João	1921
Festa das Rosas (com o fim de arrecadar fundos para construção de urna de ouro e pedras preciosas para os restos de Santa Terezinha em Lisieux, França).	Local	Teatro São João	1921
Concerto de piano e violino do maestro Henrique Jorge e sua filha.	Fortaleza – Ceará	Teatro São João	1923

Trio Rosas (gênero não mencionado).	Mencionado apenas “sul do país”	Teatro São João	1925
Conferência do antropólogo Ludwig Schwenuhagen.	Alemanha	Club dos Democratas	1925
<i>Troupé de Variedades.</i>	Não mencionada, sabe-se que não era local.	Teatro São João	1925
Conferência de Agripino Santana.	Bahia	Teatro São João	1927
Cia. Conceição Ferreira (peças dramáticas e musicais).	Não mencionada.	Teatro São João	1928
Filme Capitão Kid. (Estavam em cartaz na cidade 5 filmes simultaneamente)	Local	Teatro São João	1928
<i>Troupé Pequeno Edson</i> , (crianças que apresentam vários gêneros artísticos).	Não mencionada, sabe-se que não era local.	Cine-Teatro Glória	1928
<i>Troupé Chat Noir.</i>	Rio de Janeiro	Teatro São João	1929
Recital do tenor João Cavalière, o pequeno Caruso.	Não mencionada.	Cine-Teatro Glória	1930

Recital da soprano Margherita Rinata.	Itália	<i>Palace Club</i>	1931
Conferência de Leonardo Mota.	Fortaleza – Ceará	Teatro São João	1931
Recital da soprano Ernestina Ramirez.	Chile	Teatro São João	1931
<i>Troupé Bibelot.</i>	Não mencionada, sabe-se que não era local.	Cine-Teatro Glória	1932
Valdomiro Lobo (apresentação humorística)	Não mencionada.	Cine-Teatro Glória	1933
Deus Ihe Pague, encenado pelo Grupo Dramático Sobralense.	Local	Cine-Teatro Glória	1934
Concerto de violino de Mário Rocha.	Pará	<i>Palace Club</i>	1934
Recital de piano de Aurora Saraiva.	Não mencionada.	<i>Palace Club</i>	1934
Cia. Lírica Italiana.	Itália	Teatro São João	1934
Cia. artística The Black Stars.	Estados Unidos	Cine-Teatro Glória	1935
Concerto de Estelinha Epstein.	Não mencionada, sabe-se que não era local.	Teatro São João	1940

Festival musical (dirigido pelo pianista Acácio Alcântara).	Local	Teatro São João	1940
Declamadora Zoraide Aranha.	Bahia	Teatro São João	1941
Conferência do folclorista Ney Camelo.	Não mencionada.	Teatro São João	1947
Conferência do Índio Guaycuru Umburahê, sobre os costumes de seu povo.	Mato Grosso	Teatro São João	1948
Festival folclórico.	Não mencionada.	Teatro São João	1948
Exposição de pintura de Horst Udo Knoff e Ivotici Knoff.	Alemanha	Cine Rangel	1949

Fonte: Pe. Sadoc de Araújo, Cronologia Sobralense, volumes 4 e 5 (1985 e 1990).

Naquela época, percebia-se, em Sobral, uma exclusão social mais acintosa, com determinação não escrita dos usos dos espaços públicos, por exemplo, lado dos ricos e dos pobres na Praça Menino Deus, a mesma do Teatro São João.

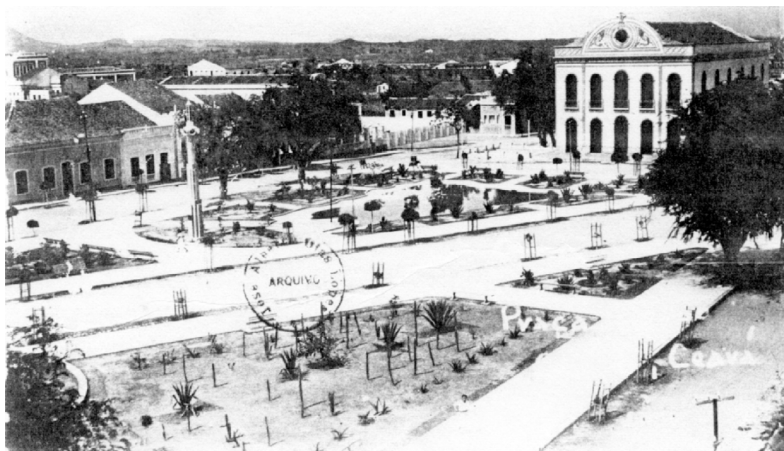


Figura 123: Praça Menino Deus separada por via diagonal, possivelmente, um trecho da Estrada Real da Caiçara. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

Ao contrário do sectarismo da Praça do Teatro, o *Becco* do Cotovelo (com dois “cês” conforme o sobralense gosta de nominá-lo) tornou-se o espaço mais democrático da cidade. Com o nome oficial de Travessa do Xerez (sobrenome do comerciante que na primeira metade do século XIX construiu seu sobrado naquele logradouro), o *Becco* é formado pela travessa de ligação de um triângulo, formado pela Rua Nova e Rua (velha) do Rosário, como já foi descrito anteriormente; configurava-se como importante caminho para a Praça do Mercado. Era natural que muitas pessoas passassem por ali e que aquela ruela tivesse vocação comercial. Mas o que aconteceu para que ela fosse se tornando a caixa de ressonância da política (*lato sensu*) local? Uma hipótese a ser considerada é que, além da vocação comercial da via, um importante político da



época, o Cel. Chico Monte, tenha contribuído para o dinamismo do *Becco*. Chico Monte tinha seu sobrado numa das esquinas transversais da Igreja do Rosário, sendo o *Becco* um dos seus caminhos naturais para o mercado. A saída de Chico Monte de casa para o mercado significava conversas à sombra, projetada pelos oitões, e talvez, aos poucos, o espaço tenha-se adaptado à recepção dos cidadãos mais ilustres da classe política e, é claro, ao povo de um modo geral, sem o qual as ideias, fofocas e boatos não teriam repercussão. O *Becco* “pegou” e, ainda, é o coração da cidade, tendo seu ápice em meados do século XX. O *Becco* do Cotovelo é, no caso sobralense, o “índice revelador mais seguro das relações cidade-sociedade”, segundo escreveu Manuel Castells.<sup>203</sup>

---

<sup>203</sup> Nota da 2ª edição: Castells, *op. cit.*, p. 265-266.



Figura 124: Aspecto diurno do Becco do Cotovelo. Foto: Nelson Paiva.



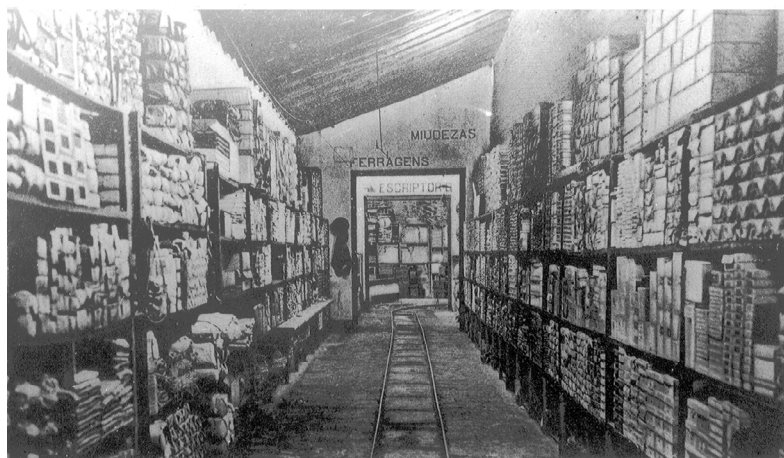
Figura 125: Aspecto noturno do Becco do Cotovelo. Fonte: Expedito Mistral.

Observa-se que a iniciativa privada era ainda a principal orientadora do crescimento urbano. Não obstante, o poder municipal interferiu, substancialmente, no centro, ao transferir o mercado para outro local, diminuindo a densidade da atividade comercial da zona central. Ao transformar o antigo mercado em praça, em 1936, o prefeito Vicente Antenor F. Gomes reforçava a dinâmica espacial do centro, entretanto, uma parte importante da memória de Sobral fora apagada, vez que o mercado público era o mais representativo edifício do aparecimento do comércio em Sobral. O mercado simbolizava o comércio, uma atividade característica e marcante da mentalidade empresarial do homem cearense.

A função econômica do centro estava abrigada, nos vários estabelecimentos comerciais, trazendo uma tipologia destoante da paisagem e nas indústrias instaladas naquela época.

A locação do mercado, em zona residencial, escolas e a Santa Casa em áreas afastadas do centro estimularam o crescimento da cidade ao longo de vias largas, características da trama urbana de Sobral, formando os atuais corredores de atividades, alguns já absorvidos pela malha central, e outros ainda aparecendo como vetores de expansão.

Secção de Miudezas e Ferragens



E. Esperidião & Sobrinho – Sobral – Ceará.

Figura 126: Cartão da loja E. Esperidião & Sobrinho. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.



Oswaldo Rangel  
Sobral - Ceará.

Figura 127: Frente do cartão do Armazém de Estivas Oswaldo Rangel. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.



# ARMAZEM DE ESTIVAS

End. Telg:—OSWALDO

Bill. ete postal

OSWALDO RANGEL C. IA

12-RUA CORONEL CAMPELLO, -12

Sobra', 8 de Janeiro de 1910

Dr. José Peregrino D. Carvalho

1 Saco café	38,000
Jan.º 3 1/000 cig-cortexas	8,000
	<hr/>
	46,000
R\$	
E 7/1/910	

Figura 128: Verso do cartão do Armazém de Estivas Oswaldo Rangel. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

É importante ressaltar que o desenvolvimento econômico e urbano daquele período se atribuiu, tanto a fatores externos favoráveis (II Guerra Mundial, por exemplo), inclusive e talvez, principal-

mente, aos investimentos dos empresários locais na urbe. Outrossim, observava-se que os investimentos, no espaço urbano, transferiam-se, paulatinamente, das mãos da iniciativa privada para o domínio do poder municipal ou da diocese, essa sempre representada pela figura aristocrática do bispo D. José Tupinambá da Frota.

## O cinema

Há que se considerar o cinema não só um divulgador dos novos estilos, mas muito mais que isso, o importante instrumento do projeto imperialista norte-americano, juntamente com a fotografia, um dos principais propagadores iconográficos e ideológicos no início do século XX.

O cinema das décadas de 20 e 30 manteve estreitas ligações com o *Art Déco*, tanto nos filmes, isto é, nos componentes de cenografia e nos guarda-roupas, como, principalmente, nos elementos decorativos das salas de projeções.<sup>204</sup>

As companhias cinematográficas americanas iniciaram suas atividades, em Nova York, e mudaram seus estúdios para as colinas ensolaradas da Califórnia em busca da iluminação natural requerida nas filmagens.

A vida de seus artistas, em boa parte seguindo padrões pouco tradicionais, tornou-se modelo aceito ou rejeitado pelos mais distantes lugares da terra. Cada artista que enriquecia rapidamente procurava externar sua condição econômica por via das

---

<sup>204</sup> Liberal de Castro, *op. cit.*, 1998, p. 39.

mais distintas formas de comportamento, inclusive pelo modo de morar. Alguns arquitetos, a fim de satisfazer os sonhos ostentatórios dessa clientela emergente, resolveram construir casas amplíssimas, com dimensões e programas semelhantes aos de verdadeiros clubes, e cujas soluções formais se inspiravam nos restos das velhas missões franciscanas remanescentes na região.<sup>205</sup>

Em Sobral, o *Californian Style* misturava-se à influência do cinema com o modismo emanado de Fortaleza.

Em 12 de maio de 1912, circulou em Sobral o primeiro número do “Cinema Club”, informativo social do Clube dos Democratas, que trazia a programação de cinema da cidade. Havia naquela época cinco cinemas na cidade:

- Cinema Clube (1912);
- Cine Teatro São João, alugado por Falb Rangel para funcionar como cinema em 1934;
- Cine Éden (1921);
- Cine S. José (1928), criado por D. José, funcionando no Círculo Operário de Sobral;
- Cine Glória (1928), reformado e transformado em Cine Rangel<sup>206</sup> em 1947.

---

<sup>205</sup> Liberal de Castro, *op. cit.*, 1998, p. 60. O presidente dos Estados Unidos Herbert Hoover (1929-1933) chegou a dizer: “Onde entra o filme americano, vendemos mais automóveis americanos, mais casquetes, mais vitrolas americanas”. Carlos Augusto Calil, *op.cit.*, p. 60. O imperialismo norte-americano serviu-se muito bem da capacidade do cinema de transmitir enfoques eurocêtricos que atuam no imaginário das pessoas. “Como entretenimento popular ele era mais acessível que a literatura”. Robert Stam, *op.cit.*, p. 201.

<sup>206</sup> Nota da 2ª edição: O Cine Rangel (inaugurado em 1947 no prédio do antigo cine Glória) foi o primeiro cinema falado de Sobral. Em





Figura 129: Cine Glória, reformado para abrigar o Cine Rangel em 1947. Fonte: Acervo Sarto Rios.

estilo *art-nouveau* com forte presença de elementos *art-déco*, funcionou até os anos 80, quando desabou por problemas estruturais, durante uma exibição cinematográfica, sem deixar vítimas fatais.

As imagens de arquiteturas e cenários eram aprendidas pelos artífices que as adaptavam, tecnologicamente, como aperfeiçoamento do seu trabalho ou, muitas vezes, por solicitação de algum cliente.

Um caso ilustrativo é relatado pelo Sr. José Odilon Trindade Araújo, um conhecido mestre de obras de Sobral, desde meados de século XX. Ele conta que seu pai, o não menos conhecido Mestre Zé Rosa, preferido de Falb Rangel em suas empreitadas arquitetônicas, quando aprendiz de pedreiro acompanhava os mestres aos filmes que assistiam inúmeras vezes a fim de memorizar um determinado modelo de arquitetura.<sup>207</sup>

Não há como falar de cinema e arquitetura em Sobral sem falar de Falb Rangel. Desenhista do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), empresário de cinema, arquiteto autodidata, com registro no Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA/CE) na categoria de engenheiro agrimensor, Falb foi responsável por uma das mais interessantes empreitadas artísticas de Sobral, arrendando casas de espetáculos e modernizando-as com as mais recentes aparelhagens cinematográficas, além de uma série de obras de construção civil na cidade. Falb reunia, no seu trabalho, cinema e arquitetura. O estilo falbiano seguia a linha do glamour, provocado no mundo pela venda do sonho eurocêntrico e o *american-way-of-life*. As obras

---

<sup>207</sup> Fato semelhante aconteceria anos mais tarde por influência das novelas da televisão, com destaque para a Rede Globo, antes da padronização estrutural dos cenários do PROJAC, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Complemento da 2ª edição: a expressão “de arquitetura” foi acrescentada ao corpo textual desta edição.

por ele desenhadas misturam a influência cultural de segunda mão dos traços europeizantes, que nos chegavam com o filtro da lente projetora do cinema e a moda arquitetônica do *Californian Style*, copiada das revistas nacionais aplicadas na capital (cada vez mais próxima) Fortaleza. O resultado é o que se pode, facilmente, identificar sendo o “canto de cisne” da *belle-époque* sobralense.<sup>208</sup> As residências não só seguiam os ditames da época, mas habilmente incorporavam uma atmosfera romântica do período medieval: o uso de torres, terraços com balaustradas, arcadas ogivais, ou em arco pleno, colunas salomônicas, escadarias dignas de nobres do período barroco.

#### Algumas obras de Falb Rangel:

- Arco do Triunfo (1954);
- Praça S. João;
- Praça da Coluna da Hora;
- Vários projetos habitacionais, entre eles as residências Walter Araújo e Osvaldo Rangel Parente, além de sua própria.

---

<sup>208</sup> A herança de uma sociedade local quase estamentária prolongou-se até a metade do século XX, em distonia com as transformações sociais do restante do Brasil. A arquitetura era mais um dos símbolos da burguesia que ostentava carros do último modelo norte-americano e cavalos belíssimos. Algumas figuras de destaque da classe dominante sobralense se davam ao luxo de possuir até aviões. O problema é que o lastro dessa faustosa vida estava em franco declínio e o capital mudaria, inexoravelmente, de mãos nas primeiras décadas da segunda metade do século.



Figura 130: Residência Walter Araújo, Av. D. José. Foto: Nelson Paiva.

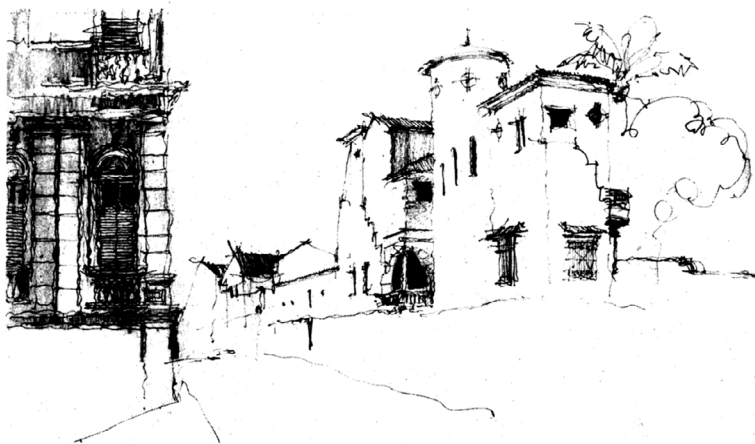


Figura 131: Residência Walter Araújo vista pela Rua Frederico Gomes. Desenho: Campelo Costa.



Figura 132: Residência Gonzaga Melo, Av. D. José, vizinha à residência Walter Araújo. Foto: Nelson de Paiva.





Figura 133: Aspecto da Rua Regino do Amaral. Residência Antonio Mendes Carneiro. Desenho: Campelo Costa.



Figura 134: Residência Falb Rangel. Fonte: Acervo Falb Rangel.



Figura 135: Residência Falb Rangel. Desenho: Campelo Costa.

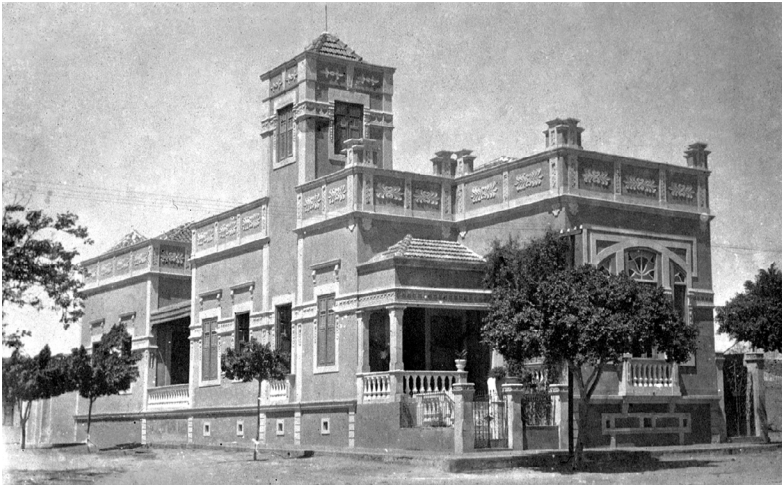


Figura 136: Residência Francisco Rangel Parente (demolida).  
Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.



Figura 137: Residência José Modesto Ferreira Gomes. Foto do autor.

## O Arco do Triunfo

O projeto de Falb Rangel de maior influência na paisagem urbana sobralense foi, sem dúvida, o Arco do Triunfo, ou Arco de N.S de Fátima. Por ocasião da peregrinação da imagem portuguesa de N.S. de Fátima a Sobral, em 01 de novembro de 1953, foi erguido um “arco do triunfo” em homenagem à santa, para que a procissão passasse sob ele, simbolizando o domínio de Maria sobre a cidade. Essa obra foi executada pela Prefeitura na gestão do Sr. Antônio Frota Cavalcante (1951-1954), com o apoio de alguns membros do clero.



Conforme já foi descrito, anteriormente, o Arco foi implantado no Bulevar Pedro II (hoje Av. Dr. Guarany), em substituição à Cruz das Almas e tem um desenho elegante, apesar da forçada desproporção da imagem de N.S de Fátima sobre ele. O Arco tornou-se ícone da cidade e, a bem da verdade, representa muito mais que a religiosidade, ou a influência da Igreja Católica sobre o povo sobralense; ele simboliza, elegantemente, o ápice do anacronismo desta sociedade.<sup>209</sup>

O Arco, concluído em 1954, é o monumento representativo da mentalidade da glamourosa sociedade em declínio, gravura *kitsch*<sup>210</sup> e marca o limite do nosso recorte no tempo.

---

<sup>209</sup> O Pe. José Palhano, contando com a estima e apoio político de D. José, foi eleito prefeito de Sobral em 1958, foi o principal articulador dessa empreita. A obra do Arco foi iniciada em 1951 e concluída em 1954. É todo em estrutura de alvenaria e consumiu 94.000 tijolos. Por falta de recursos, a obra não teve o acabamento pretendido pelo projetista.

<sup>210</sup> “*Kitsch*, do dialeto bávaro-húngaro deriva do verbo *verkitschen*, no sentido de ‘vender barato’. *Kitsch* não é um estilo, mas a falta precisa dele. É a arte aceitável pela maioria, arte medíocre (mediana, nem popular, nem erudita) como forma de idealização da realidade, sugerindo sinestesia, sentimentalismo, acumulação de formas e materiais e inautenticidade. Segundo Hermann Broch, o fenômeno kitsch seria um ‘produto de uma visão distorcida da vida e, por conseguinte, da arte, que é a visão do *kitsch-Mensch* (homem-*kitsch*, consumidor do *kitsch*)’. Alguns autores, como Abraham Moles, procuram ver no *kitsch* uma função educativa, como arte de mediação; sendo para os consumidores medianos uma etapa para outras formas de arte.” (Enciclopédia Mirador Internacional, São Paulo. Vol. 12)



Figura 138: Arco de Nossa Senhora de Fátima. Fonte: Focus Studio.

# Recepção á Peregrina Imagem de NOSSA SENHORA DE FATIMA

## PROGRAMA

### No Arco Triunfal :

- I -- Saudação á Peregrina Imagem pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano
- II -- Ave Maria (cantada três vezes) pelo Còro
- III -- Um sacerdote recitará invocações para o povo repetir
- IV -- Oferta do Rumaihete Espiritual á Nossa Senhora pelo Mons. Osmar Carneiro
- V -- Saudação do Sr. Prefeito Municipal e entrega da CHAVE DE OURO DA CIDADE (Oferta do povo sobralense)
- VI -- «INVOLATA» (a três vezes) Còro
- VII -- Saida do cortejo para a Catedral, com o seguinte trajeto: Boulevard Pedro II, Praça Barão de Sobral, Avenida Senador Paula, Travessa da Farmacia S. José, e Praças da Camara e da Sé.

### Na Catedral :

- I -- Oração do Anjo pelo Còro
- II -- Bênção do SS. Sacramento
- III -- Canto final «AVE DE FATIMA»
- IV -- A seguir a Imagem será introduzida na Catedral e entronizada no altar-mor, quando será cantada «TOTA PULCHRA» pelo Còro  
A's 23 hs. Missa celebrada pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. A Imagem Peregrina permanecerá em Sobral até o dia 5, á tarde. Destacamos do programa, que já abaixo publicamos o seguinte:  
BENÇÃO DOS ENFERMOS, na Praça da Catedral, no dia 2, ás 5 horas da tarde.  
BENÇÃO DAS CRIANÇAS na mesma praça, no dia 3, ás 7 horas da manhã.  
MISSA PONTIFICAL, na Catedral, no dia 4, ás 8 horas.  
PROCISSÃO SOLENE no dia 4, ás 4,30 da tarde.

Figura 139: Prospecto da programação de inauguração do Arco Triunfal. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.



## O intratrilhos

Em 1954, também, foi implantada a estrada de ferro Fortaleza-Sobral. Os trilhos percorriam a periferia da cidade, formando um desenho aproximado de uma semi-elipse. À área compreendida entre o rio Acaraú e a linha férrea chamamos de **intratrilhos**, aludindo ao fenômeno das cidades medievais europeias, que se dividiam em intra e extramuros, sendo a área mais desenvolvida e valorizada aquela que era protegida pelas muralhas. Assim, a cidade ocupava, de modo mais parcimonioso, o chão do intramuros.



Figura 140: Av. D. José, esquina com a Praça Coluna da Hora. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

O intratrilhos, em seus primeiros anos, possuía grandes áreas desocupadas e a cidade pôde expandir-se, horizontalmente. Já no início dos anos 70

do século XX, o intratrilhos estava, praticamente, ocupado em sua totalidade, abrigando a classe dominante, restando apenas terrenos de difícil utilização, várzeas, lagoas, etc.

Fora do limite dos trilhos, estabeleciam-se núcleos habitacionais de população de baixa renda, alguns sítios e vacarias e um conjunto habitacional da COHAB, no bairro Sinhá Sabóia, lado direito do rio, cujas casas não tinham um mínimo de adequação ao clima, fazendo-se necessária uma reforma posterior, à custa dos moradores. A barreira física dos trilhos impedia a integração física das áreas intra e extratrilhos. Era pejorativo, no meio social mais abastado, dizer que alguém morava “depois da linha”.<sup>211</sup>

Em síntese, os cidadãos chamados incluídos e excluídos habitavam, respectivamente, o intratrilhos e o extratrilhos, desenhando a *civitas* sobralense da segunda metade do século XX.

---

<sup>211</sup> Dos bairros mais pobres, apenas o bairro do Tamarindo e uma pequena faixa de população ribeirinha achava-se no “Intra-trilhos”. Os demais – Sumaré, Alto Novo ou D. José, Pe. Palhano, Alto do Cristo, Brasília, Expectativa, Pq. Silvana, Recanto, Pedrinhas e Terrenos Novos ou Cidade José Euclides, Vila União, este já na década de 1980 – localizam-se no “extra-trilhos”. Na margem direita do Acaraú encontram-se os bairros D. Expedito, Sinhá Sabóia, dois loteamentos da COHAB e o primeiro Distrito Industrial.



Figura 141: Planta de Sobral em meados do século XX. Cartografia elaborada pelo autor. Arte: Irda Veras.







E. Pampilo  
2011

## **CAPÍTULO 6 - UMA NOITE DE 50 ANOS**

Apesar de o ano de 1954 ter sido o recorte temporal estipulado para este trabalho, algumas considerações devem ser feitas sobre a segunda metade do século XX.

O País assistiu às migrações rurais, intermunicipais e interestaduais. O Brasil, um país semirural até então, passaria a ser maciçamente urbano até o fim do século XX. O adensamento populacional nas capitais brasileiras e, em menor escala, nas cidades-pólos, a exemplo de Sobral, era promovido pela sedução exercida pela cidade grande, quer através das oportunidades de trabalho, quer pela intensa interação anônima com a sociedade. Em uma época de restrição dos direitos individuais, promovida pela ditadura militar de 64, o anonimato das pessoas entre as massas significava liberdade, muito embora não tenha sido esse o atrativo do principal contingente que inchou as cidades. Essa sedução foi, fortemente, motivada pela difusão da televisão que, mais intensamente que o cinema, cumpria o papel de promotora de uma propaganda nacionalista, radicalizada pelas tensões dos dois grandes blocos econômicos mundiais formados no pós-guerra.

Em um primeiro momento, a oportunidade de trabalho, rara nos sertões, era o principal atrativo do homem para os grandes centros. Em um segundo momento, estando esgotada a capacidade

de absorção populacional das metrópoles, a simples oportunidade do cidadão de se comunicar, de forma cada vez mais rápida, era suficiente para promover-lhe uma inversão de valores, chegando ele a optar por uma vida urbana, muitas vezes, precária em detrimento de uma vida mais digna, em centros menores, onde o compartilhamento de informações dava-se de forma menos intensa e mais personalizada.

A zona urbana do distrito-sede de Sobral que, segundo o IBGE, em 1950, abrigava 78,88% da população, chegou ao final do século XX com 97,57%. Um incremento que não é tão significativo se o compararmos com os números nacionais que, na metade do século XX, possuía 36,16% de sua população em zona urbana e, em 2000, esse percentual era de 81,25%.<sup>212</sup>

---

<sup>212</sup> Nota da 2ª edição: Os percentuais nacionais deste parágrafo foram incluídos no corpo textual desta edição.

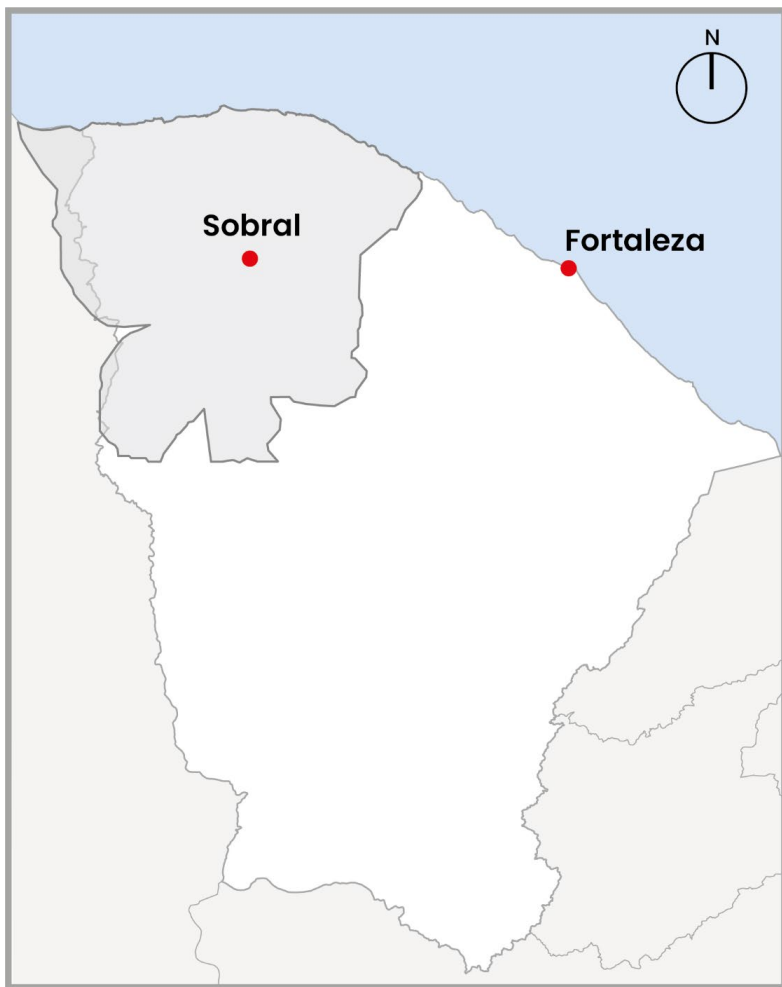


Figura 142: Conjectura da área do Curato do Acaraú, Século XVIII. Cartografia elaborada pelo autor. Arte: Irda Veras.

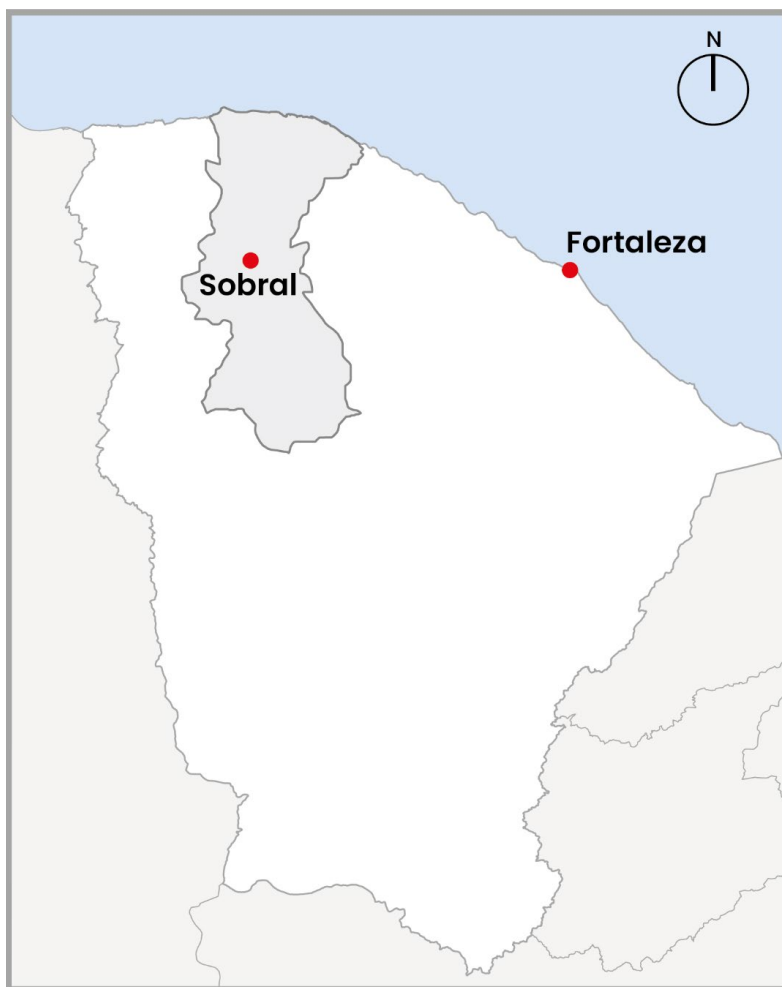


Figura 143: Município de Sobral em 1823. Cartografia elaborada pelo autor. Arte: Irda Veras.

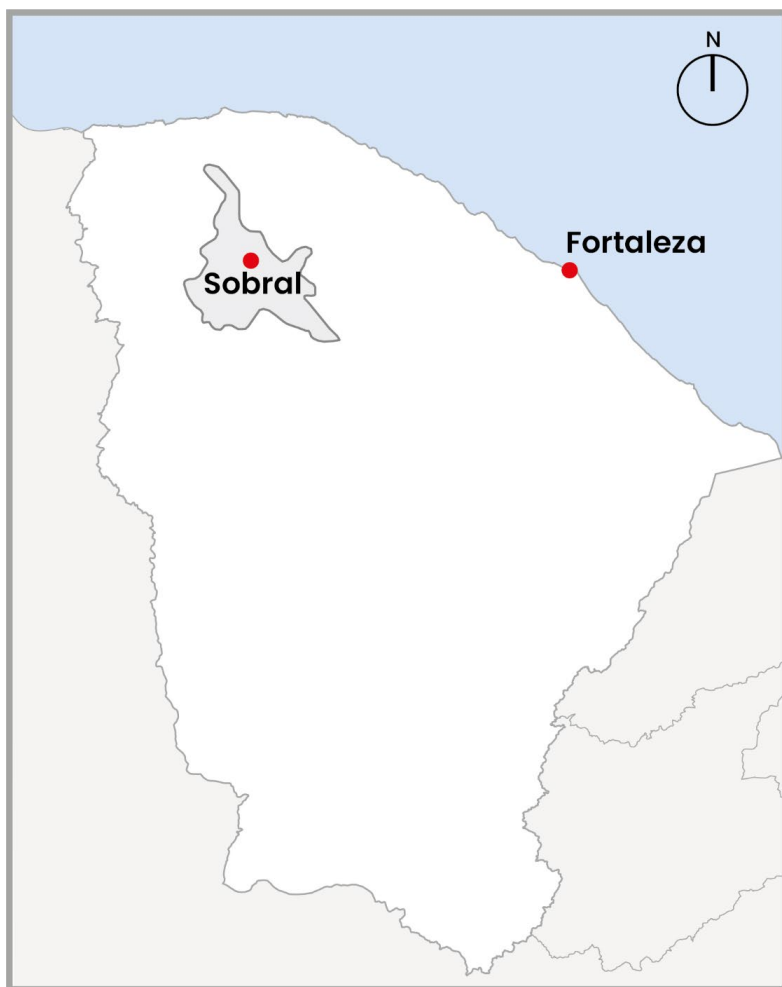


Figura 144: Município de Sobral em 1900. Cartografia elaborada pelo autor. Arte: Irda Veras.

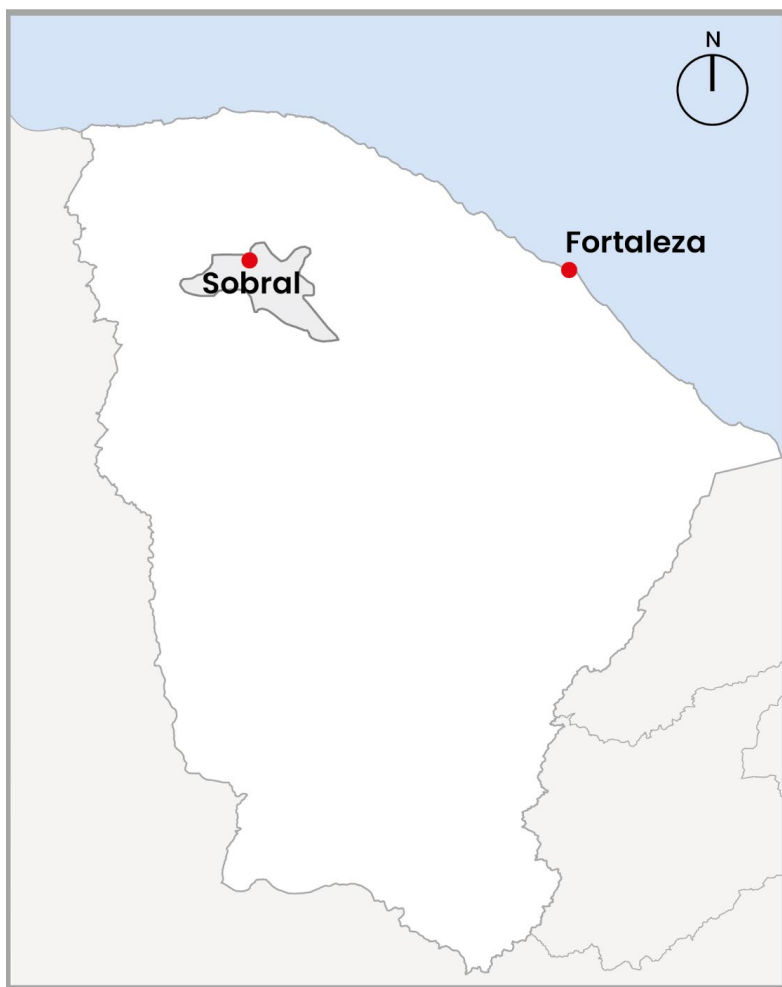


Figura 145: Município de Sobral em 1940. Cartografia elaborada pelo autor. Arte: Irda Veras.



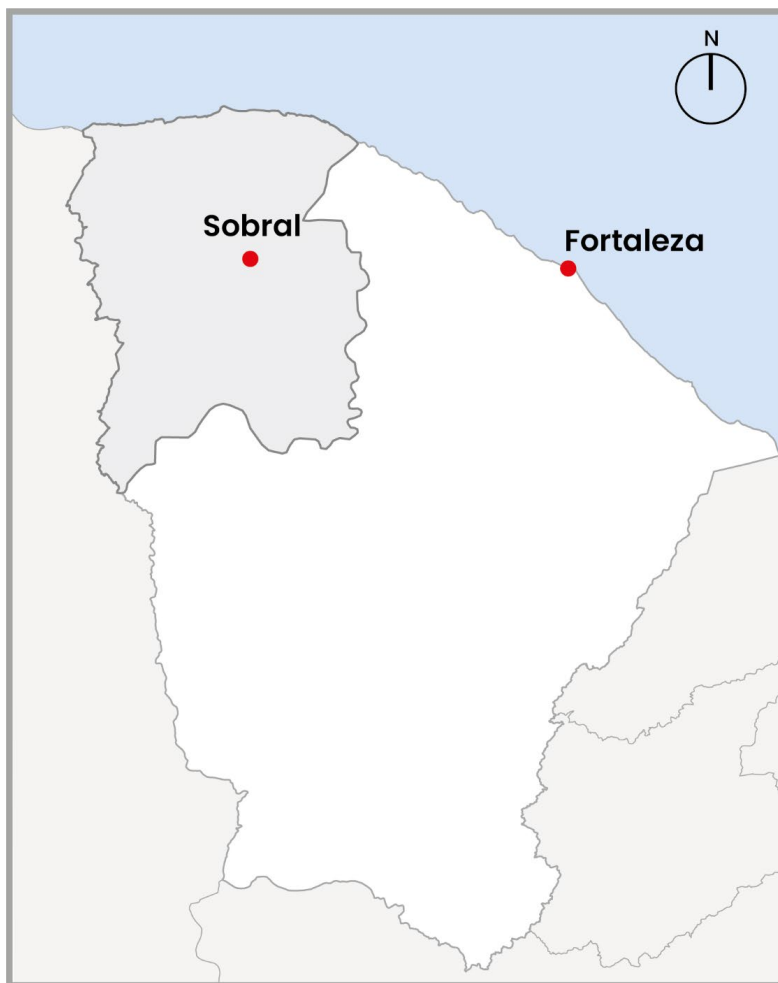


Figura 146: Mesorregião Noroeste Cearense. Note-se a semelhança com a área definida para o antigo Curato do Acaraú. Cartografia elaborada pelo autor com base em Ceará (2012). Arte: Irda Veras.

No tocante à *civitas*, a intensa atuação da Igreja na urbe <sup>213</sup> promoveu, no imaginário popular sobralense, a substituição da figura de comando local que, em tese, deveria ser o prefeito municipal, pelo poder eclesiástico, na pessoa de D. José Tupinambá da Frota. Como vimos, a diocese investiu em educação, saúde, assistência social e urbanismo, além de outras atividades próprias de sua função<sup>214</sup>. A morte do bispo D. José, que fora durante sua gestão o centralizador das diretrizes do desenvolvimento da urbe e da *civitas*, somada à interrupção do processo democrático nacional com a tomada do poder central pelos militares em 1964, agravaram a acefalia política de Sobral.

Observou-se, naquele período, a gradativa hegemonia política de grupos familiares, mais destacadamente a oligarquia Barreto e Prado, oriundos das hostes udenistas e petebistas (leia-se Sabóia e Monte) que, descompromissados com o papel histórico de Sobral no desenvolvimento regional do Ceará, não perceberam a involução do quadro socioeconômico nacional que afligiu as cidades interiores do Brasil.<sup>215</sup>

---

<sup>213</sup> Nota da 2ª edição: Os antigos romanos utilizavam dois vocábulos para definir cidade: *urbs* quando se referiam à cidade construída e *civitas* para tratarem da cidade imaterial, das relações sociais. Na prática, são dimensões simbióticas de uma mesma entidade.

<sup>214</sup> Nota da 2ª edição: Por meio do Padroado, a Igreja esteve oficialmente associada ao Estado até a Proclamação da República. Todavia, esses laços não se desfizeram de pronto. Em vários aspectos da administração civil observa-se, ainda hoje, a presença de símbolos eclesiásticos. Dom José utilizou-se destas reminiscências para afirmação de seu poder temporal além da jurisdição de sua diocese.

<sup>215</sup> Nota da 2ª edição: Vigorava, no Brasil, o bipartidarismo. A Aliança Renovadora Nacional (ARENA) era o partido situacionista e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) o partido de oposição,

Nesse período, o capital sobralense mudou de mãos. As famílias tradicionalmente abastadas e que faziam a classe dominante até então, já não eram mais as principais detentoras dos ativos sobralenses.

A nova classe dominante mudou, paulatinamente, para uma postura recessiva no que diz respeito ao empreendedorismo e aos investimentos no espaço urbano.

Nos anos 60, existiram iniciativas industriais de grupos locais que prosperaram e se mantiveram, em desenvolvimento, até depois do final do século XX, tais como LASSA (laticínios), COSMAC (materiais de construção civil), Fábrica Coelho (massas) e de outros estados, mais destacadamente, a Companhia de Cimento Portland do grupo Votorantim.

A cidade que, a partir de 1960, cresceria trazendo, em seu bojo, toda a problemática urbana característica das cidades brasileiras, ganhou seu 1º Plano Diretor em 1967, por iniciativa do governo do estado do Ceará. O então prefeito, Jerônimo Prado, teve a oportunidade de nortear sua administração, levando em conta diretrizes básicas para cada setor da cidade (sistema viário, saneamento básico, educação, saúde, paisagismo, entre outras). O Plano Diretor de 67 seguiu a linha do planejamento setorial e, sem contar com o acompanhamento e as atualizações necessários, caiu no abandono.<sup>216</sup>

---

sem nenhuma capacidade de alteração do status quo. As disputas municipais eram, na maioria das vezes, centralizadas em candidatos do mesmo partido majoritário, a ARENA. Em Sobral, Prados e Barretos eram arenistas.

<sup>216</sup> Nota da 2ª edição: Suprimido do corpo textual a expressão: “tão logo assumiu o prefeito seguinte”.

A estrutura urbana da metade do século em diante adquiriu, rapidamente, grande complexidade. A intensa urbanização trouxe o aumento dos bolsões de pobreza que cercavam a cidade, e uma expansão da malha urbana que não encontrou correspondência na qualidade espacial da zona central e nos serviços de infraestrutura. A população da cidade aumentou em mais de cinco vezes na segunda metade do século XX. A população, que havia triplicado em 30 anos, fez com que a classe dominante rompesse as barreiras dos trilhos, conservando-se, ainda, do lado esquerdo do rio.

Espaços, cada vez mais tacanhos e adensados, propagaram-se nas áreas mais recentes da cidade. As praças apareciam com frequência, cada vez menor, forçando os moradores da periferia a procurarem o centro como área de lazer, principalmente, noturno.

Nos últimos 50 anos do século XX, a contribuição arquitetônica dos estabelecimentos comerciais e de serviços, na paisagem urbana, processou-se de forma descompromissada com o entorno. O lucro passou a superar todos os outros valores estéticos<sup>217</sup> que norteavam as intervenções urbanísticas.

A terra urbana, mais do que nunca, entendida como mercadoria, foi o instrumento pelo qual a classe dominante promoveu e promove a atual desordem das cidades, seguindo a lógica capitalista da extração da mais valia, sem os devidos compromissos ecológico e social.

---

<sup>217</sup> Nota da 2ª edição: O termo “estético” substituiu a expressão “sócio-culturais” no corpo textual desta edição.

Esse processo de decadência social, política e econômica, experimentado por Sobral, teve sua marcha sustada na última década do século XX. Há que se destacar o resgate da autoestima do sobralense, fruto de uma conjugação de fatores estratégicos que merecem um novo estudo do desenvolvimento sobralense. Dentre esses fatores são notórios:

- o crescimento da Santa Casa de Misericórdia, ratificando a posição de Sobral como referência hospitalar no Ceará e no Brasil;
- o crescimento da Universidade Estadual Vale do Acaraú, sedimentando as bases lançadas nos anos 60, quando dos primeiros cursos superiores;
- a instalação da fábrica gaúcha de calçados Grendene Sobral S/A, em 1993, que ultrapassou a impressionante marca de 10.000 funcionários, no final do século XX, responsabilizando-se pela principal injeção de capital financeiro na cidade;
- o surgimento de novos líderes políticos locais, tal qual o governador do estado do Ceará Ciro Gomes, que propiciou a instalação da Grendene Sobral, e do deputado federal Pe. José Linhares, lastreado pelos serviços prestados por meio da Santa Casa;
- o rompimento do modelo político que dominou a cidade, por quase 50 anos, com a eleição, em 1996, do Prefeito Cid Gomes, marcando a retomada do desenvolvimento da cidade.
- No que diz respeito à urbe, é importante ressaltar, entre 1997 e 2000, a elaboração do segundo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Sobral<sup>218</sup>, com maior participação de vários segmentos da população, dentre outras ações de valorização da cidadania. O grande desafio desses planos era transformarem-se

---

<sup>218</sup> Nota da 2ª edição: Também fomentado pelo governo do estado do Ceará.

em instrumentos de gestão democrática, sendo executados<sup>219</sup> não só pelo poder público, mas também, e principalmente, pela sociedade civil.

Retomando a perspectiva histórica de todo esse estudo, observa-se que a configuração urbana de Sobral, desde sua origem até os dias de hoje, deu-se pelo encadeamento das estruturas urbanas definidas em cada período, marcadas por fatores que ensejaram sua expansão. Cada nova situação econômica gera outras situações políticas e sociais que, por sua vez, urgem novas formas arquitetônicas para satisfação das aspirações da classe dominante. O desenvolvimento econômico, contudo, pressupõe a existência de determinados fatores infraestruturais, imprescindíveis para o desencadeamento do processo de desenvolvimento. Esses fatores são, por sua vez, consequência formal dos fatores estratégicos que nominaram os capítulos deste livro.<sup>220</sup>

A classe dominante sobralense construiu grande parte do espaço urbano da área central da cidade calcada em reminiscências dos traçados irregulares, aos quais os primeiros colonizadores estavam acostumados na Europa, e às determinações posteriores do Marquês de Pombal para as novas vilas da colônia, que exigiam o traçado ortogonal<sup>221</sup> para

---

<sup>219</sup> Nota da 2ª edição: O termo “executados” substituiu “geridos” no corpo textual desta edição.

<sup>220</sup> Nota da 2ª edição: A expressão “anteriormente citados” foi substituída por “que nominaram os capítulos deste livro” no corpo textual desta edição.

<sup>221</sup> Nota da 2ª edição: O termo “xadrez” foi substituído por “traçado ortogonal” no corpo textual desta edição. Pesquisas posteriores revelam que a tendência ortogonal do desenho urbano de Sobral implantou-se durante o período imperial.

padrão de malha urbana. A irregularidade de traçados da cidade espontânea, levada a termo pelas camadas dominadas, sequer eram consideradas nas plantas da cidade confeccionadas no século XIX<sup>222</sup>. Apesar de serem, provavelmente, construções de estrutura efêmera, a exemplo da taipa de sopapo, ou alvenaria de tijolo cru, influenciaram o traçado atual da cidade, criando as situações espaciais que conferem qualidade à urbe sobralense.

O resultado dessas transformações políticas, econômicas e sociais, rebatidas sobre o espaço urbano, é uma visível mesclagem de traçados urbanos das diferentes épocas, embora na maioria delas se observe o xadrez sendo o padrão, e uma paisagem urbana característica que vinha sendo, no entanto, muitas vezes mutilada e destruída, dificultando a percepção clara da forma como os espaços habitados eram produzidos e interagem no passado, do modo como são produzidos hoje e de que maneira servirão de base para intervenções futuras.

O reconhecimento do valor dessas informações, principalmente, a paisagem urbana original, isto é, com as características arquitetônicas de cada período, é indispensável para a compreensão do fenômeno urbano. Um habitante que não conhece a história da cidade é incapaz de se identificar com ela e de compreender e avaliar, plenamente, as transformações por que vem passando. Não obstante, o cidadão

---

<sup>222</sup> Nota da 2ª edição: Além da planta de Sobral elaborada por Raja Gabaglia, em meados do século XIX, minha pesquisa de mesurado descobriu que existiram pelo menos mais três planos de expansão urbana na segunda metade dos oitocentos. Destaca-se também uma planta elaborada em 1882 para implantação do telégrafo. Ver Rocha, *op. cit.*, 2017.

desconhecedor da história é também o criador dos novos espaços urbanos que, sobrepondo-se ou não aos antigos, tornam-se, à medida em que a cidade vai se integrando à rede urbana regional, tão complexos que, muito frequentemente, fogem ao controle da administração municipal.

De uma forma ou de outra, as intervenções físicas realizadas, em determinado período, quase sempre deixam alguma pista: uma casa, uma ruína, um elemento arquitetônico ou até um simples alinhamento de rua, capaz de despertar uma dúvida e iniciar uma busca de respostas até a elucidação das interrogações que a envolvem.

A preservação histórico-arquitetônica facilita a apreensão do conhecimento da evolução urbana, fazendo com que nasçam, a partir daí, relações afetivas profundas entre a cidade e o homem que a habita. A compreensão do fenômeno urbano requer o conhecimento de sua evolução, para que haja uma identificação dos problemas e a busca de soluções.

Ressalta-se que os problemas urbanos não são produtos simplesmente do crescimento econômico. Eles são mais que o somatório de todas as problemáticas anteriores que se agravam ao longo do tempo. Na verdade, são a integração desses problemas inseridos num contexto político-institucional, econômico, social e físico-territorial. Há que se realçar, neste ponto, o sistema de dominação eurocêntrica que dita, particularmente, para os países não europeus ou regiões dominadas, a organização espacial inter e intraurbana, às vezes clara e formalmente, a exem-



plo da colônia, outras vezes de maneira sutil e dissimulada, conforme os dias de hoje.<sup>223</sup>

No caso de Sobral, a área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1999, é uma amostra significativa dessa complementariedade de estruturas urbanas dos diferentes períodos da história da cidade, que foram aqui classificados como os fatores determinantes da evolução urbana de Sobral até a metade do século XX.

Em termos espaciais, temos ainda que observar o papel primordial desempenhado por uma parte da cidade, com respeito ao conjunto da estrutura urbana: o lado esquerdo do rio Acaraú, mais precisamente, o seu centro.



Figura 148: Foto aérea do centro de Sobral na década de 1960. Fonte: Arquivo José Alberto Dias Lopes.

---

<sup>223</sup> Fenômenos como a globalização são típicos de momentos imperialistas da história da humanidade, haja vista o helenismo, a *Pax Romana*, as grandes navegações, o *British Empire*, o neocolonialismo europeu, e o *American Dream*.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J. C. de. **Capítulos da História do Ceará Colonial** (1500 – 1800), 4a. ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1954.

ALMEIDA, M. I. R. **A História da Indústria de Óleos Vegetais no Ceará: 1900-1960**. Fortaleza: Stylus, 1989.

ARAGÃO, E F. **A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará: o Setor de Fiação e Tecelagem (1880 – 1950)**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, NUDOC, Stylus, 1989.

ARAÚJO, F. S. de. **Cronologia Sobralense**. Sobral: Imprensa Universitária UVA, 1979. Vol. II.

\_\_\_\_\_. **Cronologia sobralense**. 2ª ed. Sobral: Ecoa, 2015. Vol.1.

\_\_\_\_\_. **Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1991.

BARBOSA, Marta. E. J. et all. **Sobral: Patrimônio Nacional**, Sobral: Prefeitura Municipal de Sobral. Celigráfica, 2000.

BRÍGIDO, João. A capitania do Ceará e seu comércio. Fortaleza: **Revista do Instituto do Ceará**, Tomo XXIX, Anno. XXIV, 1910, p. 172-185.

BRITTO, A. **Debates Culturais do IAB: 92-93**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1993.

BUENO, B. P. S.. **Desenho e desígnio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)**. 2001. Tese

(Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001

CALIL, C. A. Cinema e Indústria. In: XAVIER, Ismail (org.). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 45-69.

CASTELLS, M. **La Questión Urbana**. Cidade do México: Siglo Veintiuno, 1976.

CASTRO, L. de. **Pequena Informação Relativa à Arquitetura Antiga no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1977.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Sobral, 200 anos: Exposição Comemorativa**. Sobral: 1973. 20 painéis, color e p&b, 84,1 x 59,4 cm.

\_\_\_\_\_. **Fatores de Localização e Expansão da Cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1997.

\_\_\_\_\_. Arquitetura Eclética no Ceará. In: FABRIS, Annateresa et al. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel / Edusp, 1987. p. 208-255.

\_\_\_\_\_. Arquitetura no Ceará: O século XIX e algumas antecedências. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará Vol. 127, No. 127, Anual 2014, 9-68. Disponível em: < <http://goo.gl/CnRYzj>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Sylvio Jaguaribe Ekman e Arquitetura Sede do Ideal Clube. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 112, n. 1, p. 27-72, jan. 1998. Disponível em: <http://institutodoceara>.

org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1998/1998-SylvioJaguaribeEkmanArquiteturaIdealClube.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. Urbanização pombalina no Ceará: a paisagem da vila de Montemor-o-Novo d'América. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 113, n. 113, p.35-81, mar. 1999. Disponível em: <<http://goo.gl/PEytVz>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

CEARÁ. C.M. de P. V. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). **Perfil Básico Municipal**: sobral. Fortaleza: Ipece, 2012. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2013/01/Sobral.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2024.

CORONA, E; LEMOS, C. A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Romano Guerra, 2017. Coleção RG facsímile, 3.

COSTA, L. da. **Clero, Nobreza e Povo de Sobral**. Brasília: Senado Federal, 1987.

COSTA, Lustosa da. **Clero, Nobreza e Povo de Sobral**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: ABC, 2004.

DINIZ, N. M. M. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008

DERNTL, M. F.. **Método e arte**: criação urbana e organização territorial na capitania de São Paulo, 1765-1811. 2010.

ENCICLOPÉDIA Mirador Universal. São Paulo: Mirador, 1997. Kitsch.

FROTA, D. J. T. **História de Sobral**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 2a. ed, 1974.

GIRÃO, R. **História Econômica do Ceará**. 2a Ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar, Programa Editorial, 2000.

GIRÃO, V. C.. **As Oficinas ou Charqueadas no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

GUABIRABA, M. C. **História da Agricultura no Ceará**: o Caso de Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1983.

JUCÁ, G. N. M. O Espaço Nordeste: O papel da Pecuária e do Algodão, **História do Ceará**, SOUZA, S. de (coordenadora), Universidade Federal do Ceará, Fundação Demócrito Rocha, Stylus Comunicações, 1989.

JUCÁ NETO, C. R. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense: algumas notas. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v.20, n. 1, p. 133-163, 2012 a.

\_\_\_\_\_, **Primórdios da urbanização no Ceará**. Fortaleza: UFC e Banco do Nordeste, 2012 b.

JUCÁ NETO, C. R.; BESERRA, J. R. T.. Mobilidade e interconexões oceânicas: o engenheiro militar e o artífice entre a Capitania do Ceará e o reino de Portugal. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, v. 29, p. d1e16, 2021.

JUCÁ NETO, C. R.; GONÇALVES, A.. Arquitetura como extensão do sertão: casa de fazenda setecentista e oitocentista dos Inhamuns no Ceará. **Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara**, 2019.

LAMBERT, A. **Introdução à História da Arte da Universidade de Cambridge: A Arte no Século XX.** Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

LEITE, Ary Bezerra. **História da Fotografia no Ceará do Século XIX.** Fortaleza: Ed. do Autor, 2019.

LEMENHE, M. A. **Expansão e Hegemonia Urbana: o Caso de Fortaleza.** Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1983.

MARTINEZ, A. C. Reinado da Técnica nas Bienais. **Revista Finestra:** Brasil, São Paulo, n. 16, jan. 1999.

MAIA, G. N.. **Caatinga: árvores, arbustos e suas utilidades.** São Paulo: D&Z, 2004.

MENEZES, A. B. de. **Notas de Viagem.** Edição comemorativa do 10º aniversário de fundação da Universidade do Ceará, Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1965.

MOTA, G. N. J. **História do Ceará,** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, Stylus, 1989.

NOBRE, G. de S.. **As Oficinas de Carnes do Ceará.** Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1977

OLÍMPIO, D. **Luzia-Homem.** São Paulo: Ática, 1996.

PUNTONI, P. L. **A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720.** 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

REIS, N. G. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500 / 1720**. 2. ed. São Paulo: Pini, 2000.

**REVISTA FINESTRA/BRASIL**, Ano 4, No. 16–0 Jan-Mar 99, Proeditores Associados Ltda., São Paulo.

ROCHA FILHO, Almino. **Palestra na Câmara Municipal de Sobral**, 1986. (manuscrito).

ROCHA, H. de V. **Contribuição para o estudo do desenho urbano de Sobral: século XIX**. 2017. 355 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27292>. Acesso em: 16 out. 2020.

SCHIMMELPFENG, G. P. **Participação Alemã no Desenvolvimento Socioeconômico do Ceará**. Fortaleza: Stylus, 1989.

SILVA, F. R. da, A Legislação Seiscentista Portuguesa e os Índios do Brasil. SILVA, M.B.N. da, **Brasil: Colonização e Escravidão**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 15-27.

SILVA, F. de A e BASTOS, P. I de A. **História do Brasil: Colônia, Império e República**, São Paulo: Moderna, 1991.

SILVA JÚNIOR, A. S.. **Cidades Sagradas: da “Roma cearense” à “Jerusalém sertaneja”**: A Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920) Sobral e Juazeiro do Norte. Fortaleza: Sobral: Edições ECOA, 2015.



SOUSA, A. **O Classicismo Arquitetônico no Recife Imperial**, João Pessoa: UFPB, 2000.

STAM, R. Cinema e Multiculturalismo. In: XAVIER, Ismail (org.). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 197-214.

STUDART FILHO, C. **Páginas de História e Pré-História. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.**

\_\_\_\_\_, História do Ceará holandês: considerações em torno de dois pontos controversos. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 91, n. 1, p. 7-47, jan. 1977. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1977/1977-HistoriadooCearaHolandes.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

\_\_\_\_\_, Vias de comunicação do Ceará colonial. **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo LI. Fortaleza, Ceará, 1937. Disponível em: < <https://goo.gl/T4Q3Jh> >. Acesso em: 18 jul. 2016.

TECLA, Z. **O Livro da Arte de Construir**. São Paulo: Unipress, 1984.

TEIXEIRA, F. M. P. **História do Brasil**: da colônia à república. São Paulo: Moderna, 2a. ed. 1984.

TOLEDO, B. L. de. Antecedentes portugueses. In: **História Geral da Arte no Brasil** – item 3.5. v. 1. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1983.

UCHÔA, W. **Anuário do Ceará: 1961-1962**. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1962.

## **Fontes Primárias**

### **Arquivo Público do Estado do Ceará (APECE)**

OFÍCIO da Câmara Municipal da Cidade de Sobral para o Vice Presidente da Província do Ceará, João Crisóstomo de Oliveira – 16.08.1847. Arquivo Público do Estado do Ceará (APECE). Fundo Câmaras Municipais, Série Correspondências Expedidas, Local: Sobral, Data: 1847, Cx. 82.

### **Arquivo do Autor**

SOBRAL, Código de Posturas do Município de Sobral, 1930.

INVENTÁRIO de Bernarda Cavalcante de Albuquerque, 16.06.1777.

INVENTÁRIO de Bento Pereira Viana, 15.05.1782

INVENTÁRIO de Antônio Alves Cavalcante Rocha, 29.01.1851.

INVENTÁRIO de Antonio Ferreira da Rocha, 14.11.1891

### **Biblioteca Nacional**

DESCRIÇÃO da capitania do Ceará Grande, subordinada à de Pernambuco, suas vilas, freguesias e povoações. Ceará: [s.n.], 1776. 9 f. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_)

manuscritos/mss1463010/mss1463010.pdf. Acesso em: 3 nov. 2022. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1463010/mss1463010.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1463010/mss1463010.html). Acesso em: 3 nov. 2022.

IDEA da população da capitania de Pernambuco, e das suas annexas, extensão de suas costas, rios e povoações notáveis. Agricultura, numero dos engenhos, contractos e rendimentos reaes, augmento que estes tem tido etc, etc, desde o anno de 1774 em que tornou posse do governo das mesmas capitanias o governador e capitam general José Cezar de Menezes]. [S.l.: s.n.], [17--]. 229 p. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1428178/mss1428178.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428178/mss1428178.pdf). Acesso em: 2 nov. 2022.

### **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**

BRAZIL, Synopse do Recenseamento: Ano 1900. Ministério da Indústria, Viação e Obras Publicas. Directoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1905. Disponível em: <<https://goo.gl/KaYlOM>>. Acesso em: 28 set. 2016.

Este livro foi composto na  
família tipográfica: Bookman Old Style.  
Desenvolvida por: Ong Chong Wah.











# ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
DO ESTADO DO CEARÁ

## Mesa Diretora 2025-2026

**Deputado Romeu Aldigueri**  
Presidente

**Deputado Dannel Oliveira**  
1º Vice-Presidente

**Deputada Larissa Gaspar**  
2ª Vice-Presidente

**Deputado De Assis Diniz**  
1º Secretário

**Deputado Jeová Mota**  
2º Secretário

**Deputado Felipe Mota**  
3º Secretário

**Deputado João Jaime**  
4º Secretário



Escaneie o QR CODE  
e acesse nossas  
publicações